

SELEÇÃO DE TEXTOS 2022-2023

MEDITAÇÕES
HOMILIAS
CARTAS E MENSAGENS
DISCURSOS E AULAS
ARTIGOS E ENTREVISTAS

MONS. FERNANDO OCÁRIZ
PRELADO DO OPUS DEI

SELEÇÃO DE TEXTOS 2022-2023

MEDITAÇÕES
HOMILIAS
CARTAS E MENSAGENS
DISCURSOS E AULAS
ARTIGOS E ENTREVISTAS

MONS. FERNANDO OCÁRIZ
PRELADO DO OPUS DEI

MONS. FERNANDO OCÁRIZ

SELEÇÃO DE TEXTOS
2023-2024

MEDITAÇÕES

HOMILIAS

CARTAS E MENSAGENS

DISCURSOS E AULAS

ARTIGOS E ENTREVISTAS

© Gabinete de Informação
do Opus Dei

VERSAO 1

www.opusdei.pt

ÍNDICE

MEDITAÇÕES

1. Encerramento do Ano da Família: áudio do Prelado (26/06/2022)
2. Começo do ano académico em Roma (08/10/2022)
 - Fonte de segurança
 - A verdade da nossa vida
 - Amor à Igreja e à Obra
3. Aniversário do nascimento de São Josemaria (09/01/2023)
 - O olhar fixo no futuro
 - A única arma
4. Aniversário da secção de mulheres e da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz (14/02/2023)

HOMILIAS

5. Quinta-feira Santa (14/04/2022)
6. Sexta-feira Santa (15/04/2022)
7. Vigília Pascal (16/04/2022)
8. Missa de inauguração do Ano académico em Roma (03/10/2022)
9. Na *Villa* de Guadalupe (28/10/2022)
10. Na memória litúrgica do Beato Álvaro del Portillo (12/05/2023)
11. Na memória litúrgica de São Josemaria (26/06/2023)
12. Missa de Inauguração do Ano académico em Roma (03/10/2023)

CARTAS E MENSAGENS

13. Mensagem por ocasião do chamamento do Papa pela paz (26/02/2022)

14. Carta sobre a fidelidade (19/03/2022)

Fiéis, vale a pena!

Fidelidade à vocação, fidelidade a Jesus Cristo

Fidelidade apostólica

Fidelidade à vocação e vida corrente

O permanente e o mutável na vida da Obra

15. Mensagem por ocasião da conclusão do Ano da Família (14/06/2022)

16. Mensagem para convocar o Congresso Geral extraordinário (06/10/2022)

17. Carta sobre a fraternidade (16/02/2023)

Amplitude da compreensão

O tesouro do perdão

Espírito de serviço

Semeadores de paz e alegria

Vida em família

Na Igreja e no mundo

18. Mensagem por ocasião da finalização do Congresso Geral extraordinário (17/04/2023)

DISCURSOS E AULAS

19. Conferência “Dilatar o coração” (29/09/2022)

A dimensão espiritual

A dimensão profissional

A dimensão pessoal

A dimensão coletiva

No horizonte do centenário do Opus Dei (2028-2030)

20. Discurso na cerimónia de abertura do ano académico da Universidade Pontifícia da Santa Cruz (03/10/2022)

21. Aula sobre a santificação do trabalho (17/02/2023)

Santificar-se e santificar o trabalho

Santificar os outros

Põe um motivo sobrenatural...

Eu, porquê e para quê trabalho?

Todo o trabalho honesto

Serviço e equipa

22. Discurso na cerimónia de abertura do ano académico da Universidade Pontifícia da Santa Cruz (03/10/2023)

23. Aula sobre o modo de formar na direção espiritual (08/10/2023)

Ninguém dá o que não tem

Fazer com que a alma queira

ARTIGOS E ENTREVISTAS

24. Agência *Zenit*. Em memória da figura do defunto Papa emérito, Bento XVI (31/12/2022)

25. *La Razón*. Por ocasião do falecimento do Papa emérito Bento XVI (05/01/2023)

26. *Mundo Cristiano*. “Um motivo de ação de graças” (abril de 2023)

27. *El País Semanal* (26/08/2023)

28. Agência *Ecclesia* (08/11/2023)

MEDITAÇÕES

1. ENCERRAMENTO DO ANO DA FAMÍLIA: ÁUDIO DO PRELADO (26/06/2022)

É para mim uma grande alegria poder enviar esta mensagem e unir-me também assim ao Papa, que convocou este ano especialmente dedicado à família. Um ano que termina com o encontro que tem como tema: “O amor na família: vocação e caminho de santidade”.

Hoje, 26 de junho, o facto de ser a festa de São Josemaria convida-nos também a agradecer a Deus por ter querido que a Obra seja, dentro da Igreja, uma pequena família. Pequena, não por sermos poucos, mas pela nossa união e pela proximidade com que procuramos viver.

Ao mesmo tempo, não queremos ser uma família fechada em si mesma. Queremos fazer do mundo um lar, aproximar as pessoas de Deus, que é Pai, e da Igreja, que é Mãe. Vêm-me agora à memória aqueles primeiros jovens que se aproximaram do nosso Fundador: sentiam-se felizes e fortalecidos no ambiente familiar que se gerou no "*El Sotanillo*", o café onde se reuniam, porque ainda não havia centros da Obra.

É muito bom que sintamos a ditosa responsabilidade de sermos continuadores desse ambiente e calor de família nas iniciativas apostólicas, no acompanhamento e cuidado dos idosos e doentes, no clima de confiança e de fraternidade com as pessoas do nosso centro.

Os supranumerários têm uma graça especial para “construir uma família” onde quer que se encontrem. Em primeiro lugar nas vossas casas, procurando que sejam “lares luminosos e alegres”, apesar das dificuldades e sofrimentos que acompanham o nosso caminho na terra. Tendes toda a graça de Deus para levar a família para a frente, com a alegria que nos dá saber que somos filhos de Deus, e com a luz da fé e da vocação. Ao mesmo tempo, levareis esse espírito de família ao vosso grupo e ao vosso centro, vivendo esta bendita fraternidade que vos faz dar-vos continuamente aos outros, estando muito

próximo daqueles que mais precisam dos vossos cuidados e companhia.

São Josemaria transmitiu aos seus filhos a convicção do poder transformador da família na sociedade, a sua capacidade de construir uma sociedade mais humana, mais de acordo com a dignidade dos filhos de Deus. São Josemaria gostava de pôr como exemplo as famílias dos primeiros cristãos, que eram focos de evangelização.

Peçamos à Sagrada Família a força para renovarmos com esperança a nossa vida familiar, e para acompanharmos outras famílias, especialmente aquelas que experimentam, de várias formas, maiores dificuldades e sofrimentos. Todas hão de estar presentes na nossa oração, especialmente nesta festa de hoje. A nós, cristãos, nada nos é indiferente nem alheio, pois, como São Paulo nos diz, «tudo é vosso, mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus» (1Cor 3, 22-23).

[Voltar ao índice](#)

2. COMEÇO DO ANO ACADÉMICO EM ROMA (08/10/2022)

Colégio Romano da Santa Cruz

O início do ano letivo é sempre uma nova oportunidade de recorrer ao Espírito Santo. Podemos pedir-Lhe que renove nas nossas almas a gratidão pela formação que recebemos e, ao mesmo tempo, aumente a nossa vontade de aprender. Temos vários anos de formação na Obra. Por isso, é bom aproveitar o início do ano para redescobrir e identificar-nos mais com o nosso espírito.

A formação dirige-se tanto à inteligência, como ao coração e à vontade: a toda a nossa vida. Que o que aprendemos nos leve a conhecer, amar e sentir o espírito e a vida da Obra como muito nossos.

Pedimos que o Espírito Santo venha sobre nós como no Pentecostes. Que seja também para nós como um fogo purificador e um vento impetuoso. Assim foi para os Apóstolos. Eles, que estavam assustados, foram completamente transformados pelo Espírito Santo e começaram a transmitir a verdade de Deus. Pedimos agora também ao Senhor uma nova vinda do Paráclito às nossas almas, para que ele conduza e guie todo o nosso dia.

Fonte de segurança

«Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, que procede do Pai, e que Eu vos hei de enviar da parte do Pai, Ele dará testemunho a meu favor (Jo 15, 26). O Espírito Santo dá testemunho de que Cristo é o Filho de Deus; e também dá testemunho nas nossas almas de que nós, pela graça, somos filhos de Deus em Cristo. Filiação que é a base do nosso espírito. Essa é a nossa força e a nossa segurança: saber que somos amados por um Pai que tudo sabe e tudo pode. À medida que experimentamos as nossas limitações e dificuldades, peçamos ao Espírito Santo que imprima mais profundamente nas nossas almas a alegre certeza de que somos filhos de Deus.

Recordamos bem como o nosso Padre experimentou este sentido de filiação divina de forma particularmente viva em 1931. Anos mais tarde, escreveu numa das suas cartas: «Senti a ação do Senhor, que fez germinar no meu coração e nos meus lábios esta terna invocação, com a força de algo imperiosamente necessário: *Abba! Pater!*» Sabemos também que estava a passar por muitas dificuldades. E compreendeu com mais intensidade que a segurança não residia nas suas forças, mas em ser filho de Deus. Esta descoberta, que o Espírito Santo lhe fez ver num elétrico, ajuda-nos a viver como filhos de Deus, na vida quotidiana, sempre e em todo o lado.

A filiação divina é a fonte da nossa segurança, da verdadeira alegria. Quando a tristeza aparecer na nossa vida, será o momento de atualizarmos a nossa fé no amor de Deus por nós para recuperarmos a alegria.

A verdade da nossa vida

«E vós também haveis de dar testemunho, porque estais comigo desde o princípio» (Jo 15, 27). Estas palavras recordam-nos o imenso trabalho apostólico que temos pela frente. Não só nos encargos concretos, mas sempre. Toda a nossa vida tem uma dimensão apostólica; através da comunhão dos santos podemos apoiar e promover o apostolado da Obra em todo o mundo. Daremos este testemunho, como diz o Senhor, porque desde o início estamos com Ele. E estamos verdadeiramente com Jesus Cristo pela ação do Espírito Santo. Estar com o Senhor é a raiz de toda a nossa eficácia. Ele chamou-nos, como aos Apóstolos, para que, estando com Ele, possamos percorrer o mundo anunciando o Evangelho.

O estudo e a formação ajudam-nos a conhecer melhor a Deus e a tê-lo mais profundamente nos nossos corações. Para conhecer e, acima de tudo, para amar. Embora seja uma verdade imensa e infinita, que nunca conseguiremos alcançar plenamente, sempre podemos progredir. Portanto, podemos dizer ao Senhor: dá-nos uma fé maior de que és amor, e que esse amor está em nós. Que possamos ficar mais convencidos desta verdade e que ponhamos a nossa segurança no amor de Deus por nós.

O Paráclito, espírito da verdade, guia-nos para conhecer melhor a Deus e também para nos conhecermos melhor. O autoconhecimento é a base da humildade. Não se trata apenas de conhecer os nossos limites e as nossas misérias, mas também a nossa grandeza. Valemos muito: todo o sangue de Cristo. Por isso, quando experimentarmos a nossa miséria, pensemos também em tudo o que valemos. Assim, a vivência dos nossos muitos limites não nos enfraquece, não nos tira as forças, não nos entristece, pois estará ligada à segurança da nossa grandeza baseada no amor de Deus por nós. Essa é a verdade mais elevada da nossa vida.

Amor à Igreja e à Obra

Pedimos também ao Espírito Santo que aumente o nosso amor pela Igreja, um povo imenso, composto por muitos povos. A Igreja é o Corpo de Cristo e um sacramento universal de salvação, mas também nos é apresentada como um grupo de homens fracos: nós mesmos. Que, ao descobirmos as limitações, essas palavras do nosso Padre ressoem nos nossos corações: «A Igreja é isto mesmo: Cristo presente entre nós; Deus que vem até à humanidade para a salvar, chamando-nos com a Sua revelação, santificando-nos com a Sua graça» (*Cristo que passa*, n. 131).

Pensar na Igreja leva-nos também a considerar a figura do Romano Pontífice, sucessor de Pedro, que tem a missão de ser o princípio visível da unidade e da comunhão. As dificuldades que tem de enfrentar levam-nos a rezar muito por ele: *Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam*, como aprendemos com São Josemaria.

Queremos iniciar este novo ano letivo com espírito jovem; com o desejo de aprofundar também no espírito da Obra, na vida e nos escritos do nosso Padre. Que tenhamos uma responsabilidade especial de nos formarmos, não para sermos super-homens – porque não o somos e não o seremos – mas para sermos elementos de unidade. Unidade especialmente com a origem. Com o passar dos anos, vamo-nos afastando, do ponto de vista temporal, da origem da Obra, do nosso Padre. Mas, na realidade, não nos afastamos, porque nos continua a acompanhar do céu. E, da nossa parte, temos a

responsabilidade de estarmos muito próximos da origem. Assim seremos mais capazes de servir a Igreja fazendo o Opus Dei.

Abramos cada vez mais as nossas almas à graça do Senhor, para que nos ajude a cuidar da Obra, como cuidaram dela o nosso Padre e os nossos primeiros irmãos. E faremos isso com as nossas vidas, lutando para encarnar o espírito de Casa, no que é grande e no pequeno. A Obra são as almas, as nossas e as dos nossos irmãos. Portanto, cuidar da Obra é acima de tudo cuidar dos outros, viver a fraternidade, defender a unidade entre todos, saber que somos responsáveis pela obra em todo o mundo.

Naquele dia de Pentecostes, a Virgem reuniu os Apóstolos. Ela, Mãe da Igreja e Rainha do Opus Dei, obterá para nós do Senhor uma nova efusão do Espírito Santo, que nos tornará mais *ipse Christus* e, portanto, mais apóstolos.

[Voltar ao índice](#)

3. ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE SÃO JOSEMARIA (09/01/2023)

Igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, Roma

Hoje elevamos o nosso coração a Deus para Lhe agradecer a santidade do nosso Fundador. Sabemos que o nosso Padre se considerava um «instrumento inútil», mas nós damos graças ao Senhor por ter sido um instrumento fiel.

Agora, falando com São Josemaria, que nos escuta a partir do Céu, felicitamo-lo pelo seu aniversário e felicitamos também os Avós pelo nascimento do seu filho. E felicitamo-nos também a nós, porque a vida do nosso Padre tem muito a ver connosco. Era o início visível de uma história de Deus, que é também a nossa história. E repetimos aquelas palavras que ele tantas vezes pronunciou, enquanto antevia a vontade de Deus: «*Ut videam! Ut sit!*». Fazemos nossas essas petições: que vejamos o sentido de todas as nossas ações, da nossa vida, do nosso trabalho. Queremos ser protagonistas da mesma aventura que Deus confiou ao nosso Padre.

Pedimos ao Senhor que nos ajude a ver na vida de São Josemaria, não um modelo distante e inimitável, mas a própria origem da nossa vocação. O princípio visível e instrumental da nossa chamada. Que o tenhamos sempre muito presente, muito próximo de nós, e não como uma figura do passado. Que sintamos a responsabilidade de transmitir às gerações futuras esta realidade: o nosso Padre é, hoje e agora, nosso Pai.

O olhar fixo no futuro

Desde o seu nascimento, vinha-se preparando para receber aquele encargo divino, que chegou quando tinha apenas vinte e seis anos e só contava – como ele gostava de acrescentar – «com a graça de Deus e bom humor». Era uma vocação que pressupunha um grande peso, que suportou com uma juventude de espírito que conservou ao longo de toda a sua vida. Mesmo com o passar dos

anos, manteve sempre esse espírito jovem que o impulsionava a viver com um crescimento permanente, pois o jovem é aquele que deseja crescer.

Nós, qualquer que seja a nossa idade, queremos viver sempre com esse espírito de juventude. O jovem recomeça sempre, não se detém perante o desânimo, não pensa que não há mais nada a fazer. Os jovens têm o olhar fixo no futuro, olham para a frente. Aqueles que perderam a juventude de espírito olham muito para trás, contando sempre histórias do passado. O nosso Padre nunca deixou de olhar para a frente com entusiasmo, com a experiência do que tinha vivido e com essa grande juventude de espírito.

Hoje pedimos ao Senhor, por intercessão de São Josemaria, que vivamos sempre com esse espírito. Que sejamos todos jovens. Que tenhamos firmeza para crescer, para não andar para trás, para ter sempre a esperança e a alegria de que há um futuro melhor. E isto implica também uma juventude na consciência do caráter divino da nossa vocação; ou seja, saber que é algo permanente, que o Senhor está sempre a chamar-nos. Queremos e desejamos estreitar a nossa vocação todos os dias, respondendo a esse chamamento com um espírito jovem. Podemos voltar ao entusiasmo dos nossos primeiros passos na Obra; um entusiasmo que agora deve ser maior: mais profundo, com mais fundamento, com maior conhecimento.

«Não espereis pela velhice para serdes santos», escreveu o nosso Padre. Esta juventude que desejamos para a nossa vida é saber viver o hoje e agora. Descobrir no momento presente o possível encontro com Deus, o serviço aos outros, «sem te lembrares do “ontem”, que já passou, e sem te preocupares com o “amanhã”, que não sabes se chegará para ti», como dizia São Josemaria. Logicamente, contamos com a experiência passada e sabemos fazer planos para o futuro, mas sabendo que é o hoje, o presente, o que realmente temos entre mãos: isso é o que realmente conta, o que temos de santificar.

Juventude é também ter o desejo de aprender. Pedimos ao Senhor que mantenhamos a alma aberta para continuar a aprender, mesmo que já tenhamos muita experiência. Que possamos ir aos

meios de formação e à nossa oração pessoal com fome de aprender e de conhecer mais a Deus. Queremos ser jovens e até crianças, com esse desejo de conhecer e crescer no amor ao Senhor. A formação não é um luxo, ou algo só para certas etapas da vida: é para sempre e para todos. Por isso, aspiramos a aumentar o nosso conhecimento e, sobretudo, o nosso amor, para renovar o nosso desejo de fazer a Obra com a nossa vida.

A única arma

Para além da juventude, o nosso Padre contava com a graça de Deus. Ensinou-nos a centrar a nossa vida na Eucaristia, com um empenho permanente para que o encontro com Jesus Cristo na Missa fosse a força da nossa vida. Que sejamos cada vez mais conscientes do que significa a Sagrada Eucaristia: o Senhor que Se nos dá.

O nosso Padre foi, acima de tudo, um homem enamorado de Jesus Cristo. Tinha uma profunda atitude de gratidão pelos dons que recebia de Deus, especialmente pelo dom da Eucaristia. Podemos pedir-lhe que nos ajude a viver cada dia mais centrados na Missa, que esta seja para nós uma realidade mais autêntica, mais viva.

Queremos também aprender com o nosso Fundador a força da oração, que é a arma para levar tudo para a frente. Foi assim que surgiu a Obra. E podemos perguntar-nos: a oração é realmente a minha única arma? Para isso, desejamos transformar tudo em oração. Antes de mais, o trabalho. Podemos sempre aprofundar mais nesta realidade. Mas temos de ter em conta que tudo é dom de Deus, que a nossa força procede d'Ele. É Ele que faz a Obra, também em nós.

O nosso Padre tinha vinte e seis anos, a graça de Deus e também a alegria, o bom humor. Costumava estar sempre muito contente. Um filho de Deus pode sofrer e chorar, mas, contando com a graça de Deus, não há lugar para a tristeza. Dirigimos agora uma súplica mais ao Senhor: que nos ajude a estar sempre contentes, a recuperar a alegria sempre que necessário. Uma alegria que é compatível com o

sofrimento, com o facto de nem tudo correr bem, com as dificuldades normais da vida quotidiana. Porque a alegria, repetia São Josemaria, «tem a forma de cruz» e nasce da segurança do amor que Deus nos tem. Assim o experimentou o nosso Fundador ao longo da sua vida: era feliz, mesmo nas grandes dificuldades que teve de viver. É o que vemos na Legação das Honduras. Quando parecia que tudo estava a desmoronar-se, ele procurava levantar o ânimo de todos. Seremos capazes, com a ajuda do Senhor, de manter o bom humor, aconteça o que acontecer, mesmo na doença e nos maus momentos.

Terminamos a nossa oração pedindo a São Josemaria que nos dê a juventude de espírito, a confiança na graça de Deus para fazer a Obra e que nunca nos falte o bom humor. E pedimo-lo com a certeza de que podemos contar com a sua ajuda, pois continua a ser nosso Padre; com a certeza de que nos ama mais do que quando vivia na Terra, com «coração de pai e de mãe».

[Voltar ao índice](#)

4. ANIVERSÁRIO DA SECÇÃO DE MULHERES E DA SOCIEDADE SACERDOTAL DA SANTA CRUZ (14/02/2023)

Igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, Roma

Dia de ação de graças que queremos começar – também neste tempo de oração – atualizando esse propósito que nos dizia o nosso Padre: «*Ut in gratiarum semper actione maneamus*»¹, que permaneçamos sempre em ação de graças. E isto é assim porque sempre, continuamente, temos motivo, Senhor, para dar-te graças por tanto, por tanto..., por muito mais do que sabemos; porque em toda a nossa vida – também naqueles momentos que de um modo ou outro nos possam parecer negativos por dificuldades – o amor de Deus sempre esteve cuidando-nos, protegendo-nos.

E hoje, especialmente, damos graças ao Senhor pela nossa vocação, por essa data de 14 de fevereiro do ano 30 e de 14 de fevereiro do ano 43. Um duplo aniversário dessas graças especialíssimas de Deus para o mundo, para a Igreja, para cada um de nós. Porque temos de o entender assim, não como factos muito admiráveis do passado, mas como factos que têm uma influência evidente na nossa vida pessoal, e não apenas a partir do ano em que nos incorporámos à Obra, mas desde sempre, porque o Senhor já pensava em nós desde sempre e nessas datas estávamos presentes.

Damos-Te graças, Senhor, porque pensas em nós, porque nos cuidas constantemente. E damos especialmente graças pelas mulheres na Obra, pelos sacerdotes na Obra. E hoje especialmente queríamos dar-te graças, Senhor, pela unidade: homens, mulheres, sacerdotes, leigos. É uma partezinha da Igreja, mas que tem uma grande unidade dentro da variedade: uma unidade de vocação, uma unidade de trabalho apostólico – com a separação que Tu queres, Senhor, mas sempre com uma unidade que é própria de uma família –. Hoje também recordamos um aniversário do 14 de fevereiro do ano 38 quando o nosso Padre disse que se comesse a rezar o

Oremus pro Patre nas Preces. Filiação, fraternidade: é um grande dom de Deus a realidade da unidade da Obra. E dando graças ao Senhor neste duplo aniversário, também Te damos graças, Senhor, pela unidade. E damos graças ao nosso Padre. Claro, à Santíssima Virgem, pela qual nos vêm todas as graças, incluindo a da vocação, a graça da própria Obra de Deus, querida por Deus, concretizada por vontade de Deus pelo nosso Padre, mas, como toda a graça, com a intercessão da Nossa Mãe Santa Maria, que é Mãe do Opus Dei, Rainha do Opus Dei.

E graças ao nosso Padre como instrumento fiel. Que, desde o primeiro momento e já antes, quando vislumbrava, quando sentia, pressentia, esse querer de Deus sem saber o que era, pôs todos os meios; e depois todos os meios para levar a Obra avante em momentos tão difíceis... Durante uma guerra tremenda, com poucas pessoas, tendo de recomeçar desde o início até materialmente. Sempre fiel.

Aqui, junto aos seus restos, vamos dar muitas graças ao nosso Padre neste dia especialmente pela sua fidelidade, por ter posto todos os meios de oração, de trabalho, de mortificação, de impulso apostólico para levar avante a Obra, para nos fazer avançar. Talvez por vezes pensemos: que seria da minha vida se não tivesse sido da Obra? Talvez em alguma ocasião sejamos tão tontos que podemos pensar que seria uma coisa estupenda, mas, em qualquer caso, seria uma desgraça comparado com aquilo que somos agora. Pelas dificuldades que possamos encontrar, pela experiência que tenhamos dos nossos limites..., damos-Te graças, Senhor, pela Obra, pela secção de mulheres, pelos sacerdotes, damos-te graças pela nossa vocação pessoal, porque é um dom imenso, um dom imenso. *Gratias tibi Deus, gratias tibi!* Que hoje seja um dia em que esta consciência, esta segurança, de estarmos cheios do amor de Deus, do dom de Deus, da chamada de Deus, nos mova a uma ação de graças mais intensa; não apenas com palavras: também com palavras, mas sobretudo com a atitude da alma, com a alegria de nos sabermos amados por Deus, escolhidos por Deus. Portanto, não

fundamentando esta nossa alegria nas nossas virtudes, na nossa capacidade, mas no dom de Deus.

Unidade: homens, mulheres, sacerdotes, leigos; cada um no seu sítio, mas todos com a mesma vocação, com a mesma missão apostólica, com o mesmo espírito. Uma unidade que temos de viver sendo família, sendo família... Portanto, essa unidade é uma unidade – como qualquer unidade verdadeira, humana – fundamentada na caridade. Quantas vezes o nosso Padre insistia e nos dizia com energia esse: «Que vos queirais bem, que vos queirais bem!»². E algumas vezes recordava umas palavras de São João numa das suas epístolas, quando afirma: «Sabemos que passámos da morte para a vida, porque amamos os irmãos»³. É um eco das palavras do Senhor, do mandamento novo: «Que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei»⁴.

Tendo recebido o tesouro da Obra nas nossas mãos, depende de cada um de nós que este tesouro se mantenha: frutifique em tantas almas e se mantenha fiel ao longo dos tempos. E depende também, logicamente, de que mantenhamos algo tão essencial como é o ambiente de família, o carinho, a caridade e a unidade. Escutamos São Paulo quando escreve aos Efésios – e diz-nos também a nós –, quando já estava prisioneiro: «Eu, o prisioneiro no Senhor, exorto-vos que vivais solícitos para conservar a unidade de espírito, mediante o vínculo da paz, sendo um só corpo e um só espírito, assim como a vocação vos chamou a uma só esperança, a da vossa vocação»⁵. A vocação leva-nos a viver com uma grande esperança e move-nos precisamente à unidade. A uma unidade em torno do Senhor, que é quem nos dá a capacidade de querer de verdade aos outros, sem distinções. É a força que nos move a promover sempre o que une e a rejeitar o que separa. Recordamos também como o nosso Padre quis por no oratório do Conselho aqui em Roma, em Villa Tevere, essas palavras do Senhor: «*Consummati in unum*»⁶. E comentava: «Todos com Jesus Cristo somos uma só coisa»⁷. Hoje é um dia estupendo para pedir ao Senhor que nos sintamos uma só coisa, e que nos comportemos em consequência. Que tudo o que seja

dos outros seja muito nosso; não permitamos que ninguém em Casa sinta a amargura da indiferença. E que nunca sejamos tão tontos a sentir uma indiferença que não existe para conosco, porque nos querem e compreendem, da mesma forma que nós procuramos compreender e querer os outros.

Ut omnes unum sint! Unidade que é de família, mas uma família aberta, que se quer expandir, que quer crescer. Portanto, é uma unidade que transborda continuamente em zelo apostólico. O Senhor quis que a Obra, tanto no ano 28 como no ano 30 – e de algum modo também no de 43, mas muito especialmente em 28 e em 30 – quis que nascesse em momentos muito difíceis para a humanidade – concretamente para Espanha, onde quis que nascesse a Obra, mas já com um espírito, com uma realidade universal. Momentos difíceis. E não nos devemos nunca assustar por estes momentos. A situação atual também é difícil. Sempre haverá dificuldades: para o trabalho, num sítio ou noutra, as nossas dificuldades pessoais também, mas não nos devemos nunca assustar, e muito menos desencorajar ou desanimar pelas dificuldades que a Obra, que nós, cada um pessoalmente, encontremos na nossa vida pessoal, no apostolado, no nosso trabalho. Ao conhecer tantas situações difíceis – também tragédias no mundo, como há atualmente e sempre as houve, de um modo ou de outro –, não as vejamos nunca como algo externo. Terramotos, guerras, perseguições. Tudo é nosso, tudo é nosso. E isso não nos move ao desalento, mas à oração, a intensificar a nossa união com o Senhor, o nosso zelo de almas, a desagrar, a rezar... E sempre com alegria, sem perder a esperança. Sabendo que teremos sempre a grande arma da oração. A grande arma do trabalho convertido em oração. A grande arma do *Deus nobiscum*, que Deus está sempre conosco. A arma da oração para fazer a Obra. Tantas vezes o recordámos – como com muita frequência dizia o nosso Padre –, não temos outra arma senão a oração para fazer a Obra. Por isso hoje também é um dia para que, sentindo a alegre responsabilidade de fazer o Opus Dei cada um na sua vida pessoal, vejamos como estamos a usar essa arma, a única que temos: a oração. Sabendo, além disso, que a oração tem de ser também oração

dos sentidos, espírito de penitência, mortificação. Não é uma simples coincidência, mas sim providência de Deus – sabemos-lo bem –, que o Senhor tenha querido pôr na Obra o selo da Santa Cruz, nesse 14 de fevereiro do ano 43. Conhecemos como o nosso Padre, desde o início, se mortificou muito para levar para a frente a Obra, com umas mortificações muito fortes, tão fortes que dizia que nós não devíamos fazer tanto, mas que tinha de permanecer o espírito, a mortificação constante no pequeno e comum.

A primeira leitura da Missa de hoje, do livro do Eclesiástico, recolhe umas palavras atribuídas à sabedoria de Deus – profeticamente referem-se à Virgem e a Igreja assim o aplica na liturgia –: «Eu sou a mãe do puro amor... e a mãe da santa Esperança»⁸. E sim, temos de ter esperança pensando na Obra, pensando no mundo, também nas dificuldades que existem por todo o lado. Cheios de esperança, recorrendo à Virgem que é Mãe da Esperança porque é Mãe de Cristo, e Ele é a nossa esperança. A nossa esperança não se apoia nas nossas forças, nos nossos meios, apoia-se no Senhor, porque Ele é a nossa esperança. E a Virgem é a Mãe da Esperança, a Mãe de Cristo, Nossa Mãe.

Deus é o fundamento da nossa esperança, Cristo Nosso Senhor. A esperança para cada um de nós de ser fiéis, de ser santos, de chegar ao que o Senhor quer que sejamos: santos de verdade. Tantas vezes a experiência dos nossos limites, dos nossos defeitos, pode fazer-nos pensar (não de um modo explícito, mas como atitude de fundo) que é uma meta bonita, mas santos, santos, não vamos chegar a ser nunca. E estamos enganados, porque no Céu só entram os santos – talvez através do purgatório –, mas temos de ser santos, o Senhor o quer, dá-nos os meios, esta é a sua vontade. Não desanimemos nunca por causa dos nossos limites pessoais. Podemos dizer – não com um ato de soberba, mas de confiança no Senhor – o mesmo que os apóstolos: «*Possumus!*»⁹, podemos, posso. Cada um de nós pode dizer: Senhor, posso ser santo! Cada uma de vós pode dizer: Posso ser santa! Vou ser santa porque Deus o quer, porque me deu os meios, porque a santidade não vai consistir em chegar ao final da vida sendo «de museu», sem nenhum defeito. Teremos defeitos, mas

podemos crescer sempre no amor. O nosso Padre dizia-nos que santo é aquele que luta. Podemos conseguir cumprir o que o Senhor quis com a Obra: a nossa santidade, a de tantas pessoas, também através da nossa atividade, do nosso trabalho.

Esperança de ser santos e também esperança para o mundo, esperança apostólica. Temos uma grande tarefa pela frente, e têm de ressoar na nossa mente, muito frequentemente, essas palavras do nosso Padre: «o céu está empenhado em que a Obra se realize»¹⁰. Quando sentirmos as dificuldades: o céu está empenhado em que se realize. E nós também, Senhor, queremos estar empenhados. Em primeiro lugar, com a nossa fé, com a nossa esperança. Essa fé de que nos fala São Paulo com estas palavras – e o nosso Padre quis até gravá-las na pedra numa das portas destes edifícios –: «*Semper scientes quod labor vester non est inanis in Domino*»¹¹, temos de estar sempre convencidos de que o nosso trabalho nunca é inútil diante de Deus, que nada se perde – também o dizia assim o nosso Padre –, nada se perde. Que tenhamos esperança.

Vamos pedir à Virgem, por intercessão do nosso Padre, que sejamos pessoas de esperança, que não nos desanimemos. E com São Paulo rezamos assim: «Que o Deus da esperança vos encha de toda a alegria e paz na fé, para que transbordeis de esperança, pela força do Espírito Santo»¹². É uma oração que tornamos nossa. O Deus da esperança: Deus é Deus da esperança, aquele que nos dá a esperança, Ele é a nossa esperança. Não são os nossos méritos, as nossas virtudes; é o Senhor a nossa esperança. Que o Deus da esperança nos encha de toda a alegria – pedimos-lhe assim –, que nos encha de toda a alegria e de paz na fé, na segurança, com a força do Espírito Santo. Alegria e paz, *gaudium cum pace, gaudium cum pace...* Pedimos-te Senhor, por intercessão do nosso Padre, hoje, agora, para nós, para todas as nossas irmãs, para todos os nossos irmãos: a alegria e a paz. Uma alegria e paz fundamentadas no Senhor, na Virgem, que é Mãe da Santa Esperança.

E ela é – lemo-lo também neste texto da primeira leitura – essa *Mater pulchrae dilectionis*, Mãe do Amor Formoso. Mas o texto

sagrado acrescenta que também é Mãe da dor. Um amor formoso que está unido à dor. E o Evangelho da Missa é esse episódio no qual o Senhor fica no Templo sem avisar a Virgem e São José. Ao chegar o momento de regressarem, pensavam que o Menino – já com 12 anos – estaria com amigos dentro da caravana, mas não o encontram. Começam a procurar e não o encontram em nenhum lugar. Três dias à procura. Tantas vezes o meditamos assim. E quando o encontram a Virgem fica surpreendida: «Porque nos fizeste isto?»¹³. Porque encontram-no e não foi porque se tinha perdido, mas porque tinha querido ficar ali, calmamente. E perante essa pergunta, a resposta é ainda mais incompreensível: «Porque me procuráveis?»¹⁴. E o Evangelho diz claramente: a Virgem e São José não entenderam o Senhor¹⁵. Nós, Senhor, hoje também te pedimos que não nos admiremos de por vezes não te entender. Quando não entendermos a providência do Senhor – os teus planos, o que sucede no mundo, o que se passa na nossa própria vida –, que façamos como a Virgem: transformar isso em motivo de oração¹⁶, em amor. Amar o que não entendemos. Ela, como é Mãe do Amor formoso, ensina-nos a amar também sem entender. Porque desta forma alcançamos um conhecimento maior. Dizia o nosso Padre – bem o recordais – que «o amor é sapientíssimo»¹⁷. E quando amamos, acabamos por entender, com um entender que talvez não seja um entender puramente intelectual, mas é um entender de sintonia espiritual. Estamos em sintonia com Deus, mesmo que não entendamos. E é uma grande sabedoria estar em sintonia com os planos de Deus quando não os entendemos. Mãe nossa, Mãe do Amor Formoso, ajuda-nos a ter esse amor que nos faça entender, ter um entendimento que nos leve a não desanimarmos, a não nos inquietarmos pelo que não conseguimos entender, pelo que humanamente nos desanima inicialmente.

Mãe do Amor Formoso, ajuda-nos também a amar, a que o nosso amor seja formoso, que seja um amor sacrificado, um amor que nos encha de alegria, que se derrame em fraternidade, em compreensão, em espírito de serviço. Esse amor formoso – Mãe nossa, tens de nos fazer alcançar – que aumente cada vez mais, que nos seja concedido

pelo Senhor, pelo Espírito Santo. Um amor formoso que nos leve a compreender mais, também a perdoar, que chegue – tantas vezes o sentimos assim na nossa vida – o momento em que não necessitemos de perdoar porque nunca nos sentimos ofendidos. Portanto, que queiramos aos outros, que não nos sintamos ofendidos. Assim o dizia o nosso Padre, bem o recordais, quando assegurava: «eu não precisei de aprender a perdoar porque o Senhor me ensinou a amar»¹⁸.

Senhor, pedimos-te, por intercessão do nosso Padre, que nos ensines a amar, que a Virgem Santíssima nos alcance do Senhor esse amor formoso que é fraternidade, que é entrega, que não é sentimentalismo, mas espírito de serviço, que é sentir de verdade as necessidades alheias como nossas. Mãe Nossa, Mãe da Santa Esperança, Mãe do Amor Formoso, enche-nos, como dom de Deus, cada vez mais, com uma esperança grande e com um amor muito formoso, que nos faça estar muito contentes dando-nos sempre aos outros, sacrificando-nos pelos outros.

[1] São Josemaria, Via Sacra, VI Estação, ponto 4.

[2] cf. *Forja*, n. 454.

[3] 1Jo 3, 14.

[4] Jo 13, 34.

[5] cf. Ef 4, 1-4.

[6] Jo 17, 23.

[7] São Josemaria, *Carta* 29/09/1957, n. 83.

[8] cf. Sir 24, 18.

[9] Mt 20, 22.

[10] São Josemaria, *Instrução*, 19/03/1934, n. 47.

[11] 1Cor 15, 58 (“Sabendo que o vosso trabalho não é inútil no Senhor”).

[12] Rm 15, 13.

[13] Lc 2, 48.

[14] Lc 2, 49.

[15] cf. Lc 2, 50.

[16] cf. Lc 2, 51.

[17] Javier Echevarría, *Memoria del Beato Josemaría Escrivá (Entrevista com Salvador Bernal)*, Rialp, 2.^a ed. Madrid 2000, p. 261.

[18] São Josemaria, *Sulco*, n. 804.

[Voltar ao índice](#)

HOMILIAS

5. QUINTA-FEIRA SANTA (14/04/2022)

Igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, Roma

«Sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao extremo». Nestes dias do Tríduo Pascal vamos reviver este “amor extremo” de Jesus. Um amor que não é abstrato, mas concreto, manifestado constantemente durante a sua existência terrena.

Como demonstra Jesus esse amor sem limites? Em primeiro lugar, São João assinala que deitou água numa bacia e começou a lavar os pés dos seus discípulos. Jesus realiza um trabalho próprio dos escravos. Ele próprio já o tinha dito antes: «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir» (Mt 20, 28). Quando os apóstolos discutiam sobre quem seria o maior, Jesus disse que «aquele que quiser entre vós ser o primeiro, será vosso escravo» (Mt 20, 27). Com este gesto de lavar os pés, o Senhor faz-se servidor de todos. «Enquanto os grandes da Terra constroem “tronos” para o próprio poder – diz o Papa Francisco –, Deus escolhe tronos incómodos, a cruz, do qual reinar dando a vida» (Francisco, Angelus, 21/10/2018). O serviço não é algo humilhante, mas aquilo que podemos fazer de mais elevado, pois encarna o estilo de vida de Cristo.

Mas o amor de Jesus não se ficou apenas por este gesto. Na segunda leitura, escutámos o relato da Última Ceia pela mão de São Paulo. «Na noite em que ia ser entregue, tomou o pão e, dando graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, entregue por vós. Fazei isto em memória de Mim”» (1 Cor 11, 24). Jesus ficou connosco para sempre. São Josemaria usava a imagem das fotografias entre os enamorados como um símbolo que recorda a outra pessoa quando a vida as separa. Mas o que Jesus Cristo nos deixou não é simplesmente uma imagem ou uma recordação: «Fica Ele mesmo. Embora vá para o Pai, permanece entre os homens» (São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 83).

Jesus conhece as nossas debilidades; ao fazer-se homem, quis experimentar os limites da natureza humana, à exceção do pecado. Sabe que estamos a atravessar dificuldades e sofrimentos. Por isso, o seu amor extremo levou-O a dar-se a Si mesmo como alimento, que nos fortalece. Cada vez que O recebemos, unimo-nos a Ele, transformamo-nos n'Aquele que é amor vivo. «Quando nos alimentamos com fé do seu Corpo e do seu Sangue, o seu amor vem a nós e torna-nos capazes (...) de dar a vida pelos fiéis e não de termos para nós mesmos» (Bento XVI, Angelus, 18/03/2007).

Na primeira leitura, recordámos a instituição da Ceia Pascal, memória da libertação da escravidão no Egito. Trata-se de uma imagem profética da Páscoa de Cristo, que liberta o mundo do pecado. A Paixão é o culminar do amor extremo de Jesus pelos homens: «Não há maior prova de amor do que dar a vida pelos amigos» (Jo 15, 13). Um pai, quando vê o filho sofrer, sofre com ele, e faz tudo o que está ao seu alcance para aliviar essa dor. E Deus, vendo-nos escravos do pecado, não hesitou em enviar o seu único Filho para nos dar uma libertação mais profunda do que a vivida pelo povo de Israel: a liberdade dos filhos de Deus. Já não estamos à mercê do maligno. Jesus, com a sua Paixão, derrotou o príncipe deste mundo. E agora também nós podemos repetir com São Paulo: «Tudo posso n'Aquele que me conforta» (Flp 4, 13).

Jesus ama-nos até ao extremo. Sem limites, mas de um modo concreto. Lava-nos os pés em cada confissão, purificando-nos dos nossos pecados. Oferece-Se-nos como alimento na Eucaristia, para que encontremos forças na luta diária para viver como filhos de Deus. Hoje podemos pedir à nossa Mãe Santa Maria que saibamos acolher sem limites esse amor extremo do seu Filho.

[Voltar ao índice](#)

6. SEXTA-FEIRA SANTA (15/04/2022)

Igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, Roma

Acabámos de ler o relato da Paixão e acompanhámos Jesus desde Getsémani até ao Calvário. De entre todas as personagens que aparecem neste caminho, gostaria de deter-me em três, aos quais Jesus dirige um olhar especial: Pedro, João e a Virgem Maria.

O Pedro que aqui presenciamos é distinto do da Última Ceia. Naquele momento vimos um Pedro enérgico, capaz de fazer o que for preciso pelo Senhor: «Eu estou pronto a ir contigo, até para a prisão e para a morte» (Lc 22, 34). Tinha-o dito com plena convicção. De facto, vemos esta intenção posta em prática no Horto das Oliveiras: desembainhou a espada e com esta feriu o servo do sumo sacerdote. Queria defender o Mestre, mesmo à custa do risco que tal gesto implicava.

No entanto, no momento da prova, enquanto Jesus estava a ser interrogado, mostra-se incapaz de dar a cara pelo seu Senhor, e jura não o ter conhecido. As lágrimas amargas depois mostram a sua dor e marcam o começo da sua conversão. A partir de então, já não confiará tudo às suas qualidades, mas à sua contrição. Pedro será agora muito mais *Rocha* do que antes porque está mais consciente da sua debilidade e da grandeza do amor de Deus. O olhar que Jesus lhe dirigiu, como viria a fazer mais tarde na margem do lago, não é de reprovação, mas de confirmação no seu papel como cabeça da Igreja, «um olhar que toca o coração e dissolve as lágrimas do arrependimento» (Francisco, Homilia, 29/06/2016).

De João sabemos que era «o discípulo amado». Foi aquele apóstolo adolescente que «amava Cristo com toda a pureza e toda a ternura de um coração que nunca se corrompera» (São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 266). Desde muito cedo, Cristo se tinha convertido no centro da sua existência, e é por isso que o encontramos muito próximo d'Ele durante toda a Paixão até à morte

na cruz. Não se importava que o reconhecessem como um dos seus discípulos.

João mostra-nos assim um testemunho valente e sem complexos que não teme dar a cara pelo Senhor no momento mais difícil. Vem-lo no meio da multidão durante o julgamento, na flagelação, no caminho para o Calvário. Quando talvez o mais simples teria sido fugir, como os outros, permanece. Sem medo do ambiente, mostra-se tal como é: um enamorado de Cristo. Jesus, crucificado, seguramente lhe terá dirigido um olhar agradecido pela sua fidelidade e, acima de tudo, por se encontrar a cuidar da Virgem Maria naquele dia de dor. Por isso exclamou: «Eis a tua Mãe» (Jo 19, 27).

Isto leva-nos a pôr agora os nossos olhos na Virgem. Chegou o dia em que se tornou realidade a profecia de Simeão: «Uma espada trespassará a tua alma» (Lc 2, 35). Não há dor como a sua dor. Mas não foge. Tal como o seu Filho, que abraçou a cruz que lhe ia causar a morte, Ela *abraça* também a sua Paixão e acompanha Jesus em cada um dos seus sofrimentos. «Quem fizer a vontade de meu Pai, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe» (Mt 12, 50). Maria é a Mãe de Jesus não só no sentido físico, mas também pela sua perfeita união à vontade de Deus, que abraça agora sem reservas.

A sede que o Senhor tem nesses momentos é sede da nossa salvação, da nossa felicidade. E ao contemplar agora a sua Mãe, encontra n'Ela um olhar de consolo que alivia essa sede. Com a sua mera presença Maria ofereceu-lhe o maior dos consolos. Por isso Cristo nos entregou a sua Mãe, para que nós também possamos encontrar n'Ela o mesmo consolo.

Jesus também dirige estes olhares a cada um de nós. Quando o negamos como Pedro, Ele olha para nós convidando-nos a ser fiéis à nossa vocação de cristãos. E, tal como a João, olha-nos com carinho agradecido quando, com um coração indiviso, O seguimos com fidelidade nos momentos mais sombrios. E, tal como à Virgem Maria, olha-nos com o desejo de encontrar em nós o mesmo consolo que encontrou na sua Mãe.

[Voltar ao índice](#)

7. VIGÍLIA PASCAL (16/04/2022)

Igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, Roma

«No primeiro dia da semana, ao romper da manhã, as mulheres que tinham vindo com Jesus da Galileia foram ao sepulcro, levando os perfumes que tinham preparado» (Lc 24, 1). As mesmas mulheres que tinham seguido o Senhor até à cruz são as que agora vão embalsamar o corpo morto de Jesus. Um gesto que mais ninguém se atreveu a fazer por medo das autoridades. Nem o povo que O aclamou quando entrou em Jerusalém, nem sequer os apóstolos: apenas estas mulheres. A sua atitude valente revela a missão do génio feminino no mundo; em palavras do Papa Francisco: «ensinam-nos a valorizar, a amar com ternura, fazendo do mundo uma coisa bela» (Francisco, Homilia, 09/02/2017). Enquanto o resto dos seguidores de Jesus permaneciam fechados no seu desespero, elas queriam ter este último pormenor de afeto pelo corpo do Senhor. Estavam convencidas de que desta forma o mundo, mesmo no meio da mais completa escuridão, seria um pouco mais formoso.

Deus, porém, tinha uma surpresa reservada para estas mulheres. Em lugar do corpo morto de Jesus, encontraram dois anjos que lhes disseram: «Porque buscais entre os mortos Aquele que está vivo?» (Lc 24, 5). Quem segue Cristo com fidelidade está aberto a surpresas deste tipo. Ele excede sempre as nossas expectativas, os nossos desejos, os nossos planos. Estas mulheres contentavam-se em dizer um último adeus ao seu Senhor e, de repente, deparam-se com esta notícia: Jesus vive. Tão desconcertadas e assustadas estavam elas que tão-somente «inclinaram o rosto para o chão» (Lc 24, 5). Mas, ao recordarem as palavras de Jesus, nas quais dizia que convinha que fosse crucificado para que ressuscitasse, o temor converte-se rapidamente em alegria. E esta foi a sua reação: anunciar a todos que Jesus tinha ressuscitado. De certo modo, pode dizer-se que elas foram *apóstolos de apóstolos*.

Esta tarefa não foi algo imposto, mas a coisa mais natural que podiam realizar. É o impulso espontâneo de quem recebeu um dom que enche o coração e muda a vida: Cristo vive. Este é o fundamento da nossa fé, da nossa esperança, do nosso amor: Jesus ressuscitou. Quebrou as cadeias da morte. O mal já não tem a última palavra, mas sim o Filho de Deus. Nós, cristãos, como estas mulheres, comunicamos esta realidade aos outros: Deus manifestou-nos o seu imenso amor em Cristo morto e ressuscitado por cada um de nós.

«Que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, para glória do Pai – escreve São Paulo –, também nós vivamos uma vida nova» (Rm 6, 4). A ressurreição de Jesus renovou toda a nossa vida. Esta segurança torna fecundo todo o nosso atuar, ainda que muitas vezes não seja totalmente visível. Esta é a força da nova vida da ressurreição.

«Porque buscais entre os mortos Aquele que está vivo?» (Lc 24, 5). Esta nova vida faz com que o centro dos nossos anseios e dos nossos desejos mais profundos se encontre no Senhor. Se baseássemos a nossa felicidade nas coisas aqui de baixo – no prazer, no êxito, na riqueza... – seria como se estivéssemos à procura entre os mortos daquele que vive. Cristo convida-nos a olhar para cima, a viver com a certeza de nos sentirmos sempre amados por Ele. Esse amor, que não muda, realiza os desejos mais profundos do nosso coração.

Como dizia São Josemaria, a ressurreição «revela-nos que Deus não abandona os seus, (...) continua a ter as suas delícias entre os filhos dos homens». Cristo permanece entre nós na sua Igreja, especialmente na Eucaristia, «raiz e consumação da sua presença no Mundo» (São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 102). E permanece também em cada um de nós, tal como prometera aos apóstolos: «Se alguém Me ama, guardará a minha palavra, meu Pai O amará e faremos nele a nossa morada» (Jo 14, 23). O cristão está chamado à identificação com Cristo: a pensar, reagir e atuar como o Senhor o faria; em suma, a procurar a união com Jesus em tudo o que fazemos.

Podemos pensar que a primeira pessoa a quem Jesus ressuscitado apareceu foi a sua Mãe. Durante os três dias anteriores, Ela aguardaria esse momento com uma esperança que haveria de explodir em alegria ao tê-lo de novo com Ela. Podemos pedir a Nossa Senhora que saibamos também estar com Jesus ressuscitado com essa mesma alegria, sabendo-nos abertas e abertos a uma vida nova.

[Voltar ao índice](#)

8. MISSA DE INAUGURAÇÃO DO ANO ACADÊMICO EM ROMA (03/10/2022)

Basílica de Santo Apolinário, Universidade Pontifícia da Santa Cruz

Depois da vinda do Espírito Santo no Pentecostes, depois do rugido do vento e das línguas de fogo, a primeira coisa que os Apóstolos fazem é algo extraordinário e simultaneamente simples: falam. A primeira consequência da vinda do Espírito Santo é a palavra. Os Apóstolos falam: e não falam segundo as suas próprias ideias nem segundo o que as pessoas querem ou esperam ouvir, mas segundo o que o Espírito Santo lhes dá poder para dizer.

Não sabemos exatamente o que disseram naqueles primeiros momentos, mas sabemos que disseram a verdade, porque o Espírito Santo, como o Senhor diz aos Apóstolos na Última Ceia, é o «Espírito da verdade» (Jo 16, 13). É Ele que nos conduz à verdade plena. É Ele que, como acabamos de ler no Evangelho (Jo 14, 26), nos ensina e nos recorda o que Jesus disse. É Ele que nos leva a partilhar a verdade com os outros.

Nesta Pontifícia Universidade da Santa Cruz estamos comprometidos com a obra da educação, que está ao serviço da verdade. A universidade existe para comunicar a verdade, para transmitir a verdade às novas gerações, para difundir a verdade. Esta universidade existe para transmitir as verdades da revelação divina, que nós próprios recebemos das gerações precedentes. É natural, portanto, que seja o Espírito da verdade, o Espírito Santo, quem nos guie neste trabalho. Este é um dos motivos pelos quais, no início de cada ano académico, contemplamos estes textos da Sagrada Escritura e pedimos, na Santa Missa, que o Espírito Santo nos assista no ano que começa: para que nos ensine, nos recorde e nos conduza à verdade plena.

Sabemos que a missão do Espírito Santo é uma missão de misericórdia. Jesus dá o Espírito Santo aos Apóstolos para que vão

por todo o mundo perdoadando os pecados (Jo 20, 22-23). É uma das formas da misericórdia divina. Mas, numa universidade, a misericórdia também adota outra forma, porque sabemos que a comunicação da verdade é em si mesma uma obra de misericórdia: uma das obras de misericórdia espirituais. Hoje vivemos num mundo desesperadamente necessitado precisamente deste tipo de misericórdia, a misericórdia que se apresenta em forma de verdade, da Verdade que nos faz livres. Entre a confusão, a dúvida e a ignorância, o nosso mundo enfrenta um sofrimento muitas vezes invisível, mas não por isso menos real e doloroso. O mundo sofre e a Igreja sofre com o mundo.

Com a ajuda do Espírito Santo, consideremos que a educação, a comunicação da verdade, é uma obra de libertação, uma verdadeira obra de misericórdia, uma forma de caridade. Não se entenderia a educação na sua autêntica razão de ser se, da parte de quem a oferece ou de quem a recebe, se perdesse de vista este vínculo com a caridade, pois o Espírito da verdade também é o Espírito de amor, do amor misericordioso. As verdades sobre Deus, sobre Jesus Cristo e sobre a Igreja que professamos no Credo, e bem assim as verdades sobre a vida moral, são instrumentos de verdadeira libertação, de misericórdia. Livram-nos, a nós e aos outros, dos perigos do erro e das trevas. Iluminam o nosso caminho no mundo e na vida. A dedicação à verdade que caracteriza o trabalho numa universidade é uma tarefa nobre, um serviço à Igreja e ao mundo, e devia fazer-nos santos, como Nosso Senhor Jesus Cristo pretendia. Durante a Última Ceia, Jesus implora a seu Pai celestial que «nos santifique na Verdade» (Jo 17, 17-19). Portanto, a tarefa universitária é santa e deve fazer-nos santos. E, precisamente porque no trabalho educativo nos dedicamos a comunicar a verdade, a partilhar esta verdade com os outros, faz-nos também apóstolos. Como apóstolos, participamos na obra santificadora do Espírito Santo, no anúncio da verdade que começou no Pentecostes.

O capítulo dos Atos dos Apóstolos que começa com a festa de Pentecostes termina com os discípulos perseverando «na doutrina dos Apóstolos e na comunhão, na fração do pão e na oração».

Com a ajuda do Espírito Santo, queremos que este novo ano de vida da Pontifícia Universidade da Santa Cruz seja marcado pela mesma perseverança. Como os primeiros cristãos, queremos perseverar no ensino da verdade, na caridade sobrenatural vivida como amizade e fraternidade e na Eucaristia, que é centro e raiz de toda a vida cristã.

Se assim fizermos, experimentaremos o que experimentaram os primeiros cristãos e aprenderemos, como eles, a lição mais importante que – na universidade ou em qualquer outro lugar – se deve aprender: aprenderemos a caminhar livremente como filhos de Deus, com a luz da verdade, em novidade de vida, partilhando esta Verdade com um mundo necessitado de libertação.

[Voltar ao índice](#)

9. NA VILLA DE GUADALUPE (28/10/2022)

Queria, em primeiro lugar, manifestar o meu agradecimento ao Senhor por poder celebrar a Santa Missa neste lugar santo, onde as infinitas misericórdias de Deus se manifestaram com generosidade divina através do rosto de Nossa Senhora de Guadalupe. Obrigado, Senhor, obrigado, Mãe nossa!

Acabamos de ler no Evangelho estas palavras em que Jesus se lamenta da dureza do coração humano: «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas aqueles que te são enviados!» (Lc 13, 34). O Senhor encontrou dificuldades e oposição, que o levaram à Cruz; uma Cruz aceite por nosso amor, pela nossa salvação.

Sempre houve dificuldades, agora também, no mundo, na Igreja, na vida de cada pessoa, na de cada um de nós. De modo especial, Jesus refere-se expressamente à oposição violenta aos que são enviados por Deus. Aqui podemos reconhecer-nos também nós, porque todos os cristãos são enviados pelo Senhor, apóstolos, para levar ao mundo a alegria do Evangelho. E encontramos mais ou menos dificuldades, a começar pelas nossas próprias limitações e defeitos.

Não admitamos, no entanto, o pessimismo nem o desânimo. Na primeira leitura, tal como aos cristãos de Éfeso, São Paulo dirige-nos estas palavras de alento: «tornai-vos fortes no Senhor e na sua força poderosa» (Ef 6, 10). Sim, fortaleçamos o nosso ânimo mediante a fé na assistência, na presença de Deus em nós, reconhecendo-nos filhos de Deus em Jesus Cristo; filhos de um Deus que é amor, que tudo sabe e tudo pode.

São Josemaria teve muito gravadas na sua alma estas palavras latinas: *Si Deus nobiscum, quis contra nos?* Foi São Paulo que o escreveu: «Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?» (Rm 8, 31). E o Senhor assegura-nos, como aos Apóstolos: «Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20).

Unindo-nos à oração de São Josemaria à Virgem de Guadalupe em 1970, pomos nas mãos de Nossa Senhora todas as necessidades do mundo, da Igreja, da Obra, de cada um de nós; todas as alegrias e todas as penas. Desejamos que esta nossa oração seja expressão de uma fé viva; uma fé mais viva que seja fundamento de uma esperança mais segura e de uma caridade mais intensa. Como são consoladoras as palavras que a Virgem de Guadalupe dirigiu a São João Diogo, e que hoje continua a dirigir a cada um de nós: “Ouve e entende bem, meu filho mais pequeno, que aquilo que te assusta e aflige não é nada; não se perturbe o teu coração. Não estou eu aqui, que sou tua Mãe? Acaso não estás sob a minha proteção e amparo? Não sou eu a tua saúde? Não estás porventura no meu regaço?”. Nada nos há de tirar a paz e a alegria.

Fé, esperança, caridade, que façam de nós almas de oração, como a Igreja nascente, quando todos perseveravam em oração com Maria, Mãe de Jesus (cf. At 1, 14). Aí estavam os apóstolos com Pedro a presidir; por isso, a nossa oração se une sempre à do sucessor de Pedro, do Romano Pontífice. Rezamos especialmente pelo Papa Francisco, que repete com frequência, como em oração de intercessão: “Que a Virgem Santa cuide de ti”.

Também como os Apóstolos no Pentecostes, que partiram a conquistar o mundo para Cristo, vivamos cada dia dando à nossa existência habitual um sentido apostólico sempre novo. No México e a partir do México, até ao último recanto do mundo. Esta terra, que recebeu tantas bênçãos de Deus, tem uma responsabilidade especial de ser sal e luz nos cinco continentes, começando pelas casas de família e pelos lugares de trabalho.

E sempre, apesar da nossa fraqueza, com a alegria das filhas e dos filhos de Deus, com a proteção e ajuda maternas de Nossa Senhora de Guadalupe.

A Providência quis que possa celebrar a Santa Missa neste santuário bendito, no meu dia de anos. Como costumava fazer São Josemaria, estendo a mão para pedir uma oração ao Senhor, através

da Senhora de Tepeyac, por mim e pelas minhas intenções, que são as da Igreja, as da Obra e as de cada um dos presentes.

Assim seja.

[Voltar ao índice](#)

10. NA MEMÓRIA LITÚRGICA DO BEATO ÁLVARO DEL PORTILLO (12/05/2023)

Basilica de Santo Eugénio, Roma

Celebramos hoje a festa do Beato Álvaro del Portillo. Começámos esta santa Missa com umas palavras na Antífona de entrada que bem se poderiam aplicar a D. Álvaro: “Este é o servo fiel e prudente, que o Senhor pôs à frente da sua família”. Como pastor da família do Opus Dei, a sua principal preocupação foi cuidar das suas filhas e filhos. Deste modo, desempenhou o seu serviço à Igreja, chegando também a uma multidão de outras almas

As leituras da Missa mostram-nos a figura do Bom Pastor. Deus, por meio do profeta Ezequiel, assegura ao seu povo que, apesar das dificuldades, Ele não os abandonará. «Eu mesmo cuidarei das minhas ovelhas e me interessarei por elas (...); cuidarei a que está ferida e tratarei da que está doente» (Ez 34, 11-16). É Deus quem guia. É Deus quem salva. E isto D. Álvaro sabia-o bem. Era consciente de que tinha muitos talentos e, mais ainda, sabia que os tinha recebido do Senhor para colaborar no cuidado paternal das pessoas que lhe tinham sido confiadas. Nesta tarefa, além disso, tinha aprendido de São Josemaria que a humildade é o verdadeiro caminho que leva à santidade, também como pastor: se reconhecemos a grandeza de Deus e como atua através de nós – com talentos e até com debilidades –, compreendemos que o seu infinito amor está muito próximo e que Ele não nos abandona nunca. A humildade abre os olhos à compreensão desse modo de fazer de Deus: através dos pastores, é também Ele que continua a procurar-nos.

Foi assim que D. Álvaro cuidou do rebanho do Opus Dei. Com a humildade e a responsabilidade do pastor, que deseja transmitir a bênção de Deus a todos. Viveu com os desvelos próprios de um pai que dá o melhor da sua vida pelos seus filhos. Afinal, D. Álvaro procurou amar como Cristo o fez: «Eu sou o bom pastor – lemos no

Evangelho – conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me» (Jo 10, 14). A sua atitude humilde, além disso, infundia paz e serenidade. Podemos aperceber-nos disso até nas imagens que dele conservamos. Confiava em Deus, e convidava os seus filhos a pôr a esperança em Quem nunca defrauda.

O Papa Francisco, na carta que escreveu na altura da beatificação de D. Álvaro, sublinhou outro aspeto que marcou a sua vida, além da humildade. «Destacava-se especialmente o seu amor à Igreja, esposa de Cristo, à qual serviu com um coração despojado de interesses mundanos, longe da discórdia, acolhedor para com todos e buscando sempre o lado positivo nos demais, o que une, o que constrói. Nunca uma queixa ou crítica, nem sequer nos momentos especialmente difíceis, quando, como aprendeu de São Josemaria, respondia sempre com a oração, o perdão, a compreensão, a caridade sincera».

Recordando os benefícios que a sua vida nos reportou a nós e à Igreja, podemos pedir ao Senhor que saibamos cultivar estas mesmas atitudes de D. Álvaro: a humildade e o serviço à Igreja em todos os ambientes, na família, no trabalho e nas nossas amizades. Está ao alcance das nossas mãos procurar sempre o que há de positivo nos outros, pois sempre podemos reparar mais no que nos une e não tanto no que nos possa separar. A proximidade de Deus – principalmente nos sacramentos – permite-nos responder em cada momento com a compreensão e o perdão quando uma pessoa não se ajustar às nossas expectativas. Embora nalguns ambientes possa reinar por vezes a crispação ou a desunião, podemos reagir com oração, para descobrir como atuar com um estilo de vida marcado pelo Evangelho.

A expressão “obrigado, perdão e ajuda-me mais” era uma jaculatória que D. Álvaro costumava repetir com frequência. Podemos terminar considerando como tinha um coração agradecido a Deus por todos os bens que tinha recebido do Senhor. E como, fruto dessa atitude, sabia também pedir perdão. A consciência da sua fraqueza não lhe tirava a paz, mas levava-o a pedir mais ajuda. Levava-o a confiar mais na providência divina e também na proteção

maternal da Virgem Maria. Podemos recorrer a Ela neste mês de maio para que, como D. Álvaro, sejamos pessoas agradecidas, humildes e com desejos de cuidar com delicadeza daqueles que nos rodeiam, como expressão do nosso serviço à Igreja.

[Voltar ao índice](#)

11. NA MEMÓRIA LITÚRGICA DE SÃO JOSEMARIA (26/06/2023)

Basílica de Santo Eugénio, Roma

«Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus» (Rm 8, 14). Estas palavras de São Paulo exprimem o enorme dom que o Espírito Santo nos concede: sermos filhos de Deus. A consciência da nossa filiação divina faz-nos viver sem temor: «Não tenho medo de nada nem de ninguém: nem de Deus, que é meu Pai», dizia São Josemaria. No aniversário da sua partida para o Céu, dia da sua festa, podemos considerar esta realidade, que foi o fundamento da sua vida espiritual e do carisma que entregou à Igreja.

O fundador do Opus Dei considerava-se diante de Deus como uma criança que balbucia, e isto levava-o a desejar crescer sempre no amor a Deus; a começar e recomeçar cada dia. Tinha uma intimidade com o Senhor que o levava a ver todos os acontecimentos como gestos do Seu amor paterno. Hoje podemos perguntar-nos se nós também deixamos que a consciência de sermos filhos de Deus envolva todas as dimensões da nossa vida. Considerar frequentemente, com fé, a nossa filiação divina, ajudar-nos-á a percorrer com esperança, dia a dia, apesar da nossa fraqueza e das circunstâncias alheias à nossa vontade, o caminho rumo à identificação com Cristo, rumo à santidade, como nos diz São Josemaria: «Jesus compreende a nossa debilidade e atrai-nos a Si como em plano inclinado, desejando que saibamos insistir no esforço de subir cada dia um pouco» (*Cristo que passa*, n. 75).

Este abandono filial impele-nos a seguir o convite de Jesus aos Apóstolos a remar pelo mar dentro. Muitas vezes, o temor do fracasso pode paralisar os esforços por servir os demais; noutras ocasiões pode ser o temor de deixar as nossas comodidades que nos leve a não querer abandonar a segurança da margem. Mas o Senhor anima-nos a entrar nesse mar maravilhoso da vida de apóstolo. É como se nos dissesse: confia na tua verdade mais íntima, seres filho

de Deus, e não tenhas medo de caminhar pelo mundo que, por vezes, se apresenta como um mar revolto. E será assim que encontraremos a alegria e a paz.

O mar do mundo vê-se agitado por muitos conflitos como a guerra na Ucrânia, que nos afetam profundamente. Também encontramos pequenas ou grandes tempestades no nosso dia a dia: no trabalho, na família, na nossa própria relação com Deus. Como Pedro, podemos ter a experiência de trabalhar toda a noite e não ter pescado nada. Mas o apóstolo não se fiou nas próprias forças, mas sim na palavra do Mestre. E o resultado não deixou lugar para dúvidas: «apanharam tão grande quantidade de peixes que as redes começavam a romper-se» (Lc 5, 6). Ele sabe mais, e os seus planos são sempre bons.

Também hoje Jesus nos chama a lançar-nos a uma evangelização, a um apostolado, que não entende de medos, pois sabemos que é o Senhor a levar a nossa barca. Ele promete-nos uma existência de entrega em que, junto com muitas alegrias, também não faltarão «os sofrimentos do tempo presente» que, contudo, «não têm comparação com a glória que se há de manifestar em nós», como escreve São Paulo (Rm 8, 18).

Também não faltou o medo na vida dos Apóstolos. Depois da morte de Jesus, não foram capazes de sair das suas casas. Os seus desejos de fazer-se ao largo tinham desaparecido. Podemos perguntar-nos, com o Papa Francisco: «Quantas vezes também nós nos fechamos em nós mesmos? Quantas vezes, por causa de uma situação difícil, de um problema pessoal ou familiar, do sofrimento que nos marca ou por causa do mal que respiramos à nossa volta, caímos lentamente na perda da esperança e na falta de coragem para continuar?» (Angelus, 28/05/2023).

Só depois de receberem o Espírito Santo, os Apóstolos abriram as portas e ficaram libertos dos seus medos. Tornaram-se então testemunhas incansáveis do Evangelho, a ponto de chegarem até aos confins do mundo conhecido e de dar a própria vida. Podemos pedir ao Paráclito que nos ajude a sair do labirinto das nossas

preocupações; que nos liberte do medo de remar ao largo, de enfrentar as pequenas e grandes batalhas da vida de apóstolo. O Espírito Santo aviva em nós a consciência da nossa filiação divina. Faz-nos sentir uma proximidade de Deus que transforma o nosso medo em confiança, a nossa paralisia em audácia, as nossas dúvidas em segurança.

A Virgem Maria, que alentou os primeiros passos da vida da Igreja, também nos ajuda na aventura divina de avançar mar adentro. Acolhemo-nos à sua intercessão materna, para que nos acompanhe neste empenho sustidos por Ela, que é, como repetia São Josemaria, *Spes nostra, a nossa Esperança*.

[Voltar ao índice](#)

12. MISSA DE INAUGURAÇÃO DO ANO ACADÊMICO EM ROMA (03/10/2023)

Basílica de Santo Apolinário, Universidade Pontifícia da Santa Cruz

Queridos irmãos e irmãs,

«Estando fechadas as portas do lugar onde os discípulos se encontravam, com medo das autoridades judaicas, veio Jesus, pôs-se no meio deles e disse-lhes: “A paz esteja convosco!”. Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o peito. Os discípulos encheram-se de alegria por verem o Senhor».

Como sempre em outubro, começamos um novo ano académico com uma celebração eucarística. Cristo Ressuscitado, que derramou o Seu sangue, torna-se presente sob as espécies de pão e de vinho, e transmite-nos a sua paz. Os discípulos alegraram-se e nós também nos abrimos a esta alegria e a esta paz, características da Igreja desde os seus inícios.

Trata-se de uma realidade que se torna presente em cada Missa e que vivifica o nosso empenho ao longo de todo o ano académico. Como nos alentava São Josemaria, procuremos que o nosso trabalho tenha como centro e raiz a celebração eucarística: Cristo que nos mostra o seu amor na Cruz. Nalguns quadros, o Pai segura a Cruz com os Seus braços e envia o Espírito Santo a Jesus. O Crucifixo está presente em todas as salas de aula da Universidade para nos ajudar a olhar para ele. Assim, é mais fácil que esta seja uma comunidade de mestres e discípulos, com um estilo familiar e gozoso.

Tal como os discípulos naquele primeiro dia da Ressurreição, também nós escutamos: «A paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós». Estamos aqui em Roma, junto do Papa, há mais ou menos anos, e o Senhor quer confiar-nos a cada uma e a cada um de nós este maravilhoso encargo de transmitir a verdade. Assim, o mundo enche-se de paz. A paz seja convosco, diz o Senhor.

«Em seguida, soprou sobre eles e disse-lhes: ‘Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados’». Ainda não é o a Pentecostes, mas Jesus pensa imediatamente no perdão que chega depois do seu sacrifício redentor e da sua Ascensão para junto do Pai. O Paráclito infunde o seu alento para nos tornar participantes do amor divino que perdoa. Todos temos necessidade de perdão e de paz; de perdoar e de sermos perdoados. O Espírito Santo dilata os nossos corações para nos tornarmos mais compreensivos, mais universais, amando as diferenças, que neste contexto romano estão muito presentes. São Josemaria, ao sonhar com esta Universidade pensava em todos como romanos no sentido de universais. Daí que à jaculatória tradicional “*Ad Iesum per Mariam*”, inserisse antes: *Omnes cum Petro: Omnes cum Petro, ad Iesum per Mariam*.

Acabamos de ouvir o que São Paulo escrevia aos Coríntios: «Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; há diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos». Trata-se de algo que se vive todos os dias na Igreja e também nos corredores, nas salas da Universidade. São Paulo acrescenta: «A cada um é dada a manifestação do Espírito, para proveito comum. Pois, como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo».

Um só corpo, muitos membros. Depois de amanhã, tem início a Assembleia do Sínodo dos Bispos. Como nos pediu o Santo Padre, rezemos muito por esta intenção. Pedimo-lo ao Espírito Santo. No dia de Pentecostes “viram aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem”. Também nós pedimos o dom de línguas, no sentido de saber dar com os temas, as abordagens, os modos adequados às necessidades das pessoas que encontramos nos nossos dias.

Os Atos dos Apóstolos dizem que «atónitos e maravilhados, diziam: “Mas esses que estão a falar não são todos galileus? Que se passa, então, para que cada um de nós os oiça falar na nossa língua materna? [...] ouvimo-los anunciar, nas nossas línguas, as maravilhas de Deus!”» O milagre repete-se ao longo de toda a história da Igreja. Os Apóstolos e discípulos, homens e mulheres, ao receberem o Espírito Santo, estavam reunidos com Maria, Mãe de Deus e Mãe da Igreja. Queremos confiar-nos à intercessão de Maria com plena e gozosa confiança filial.

[Voltar ao índice](#)

CARTAS E MENSAGENS

13. MENSAGEM POR OCASIÃO DO CHAMAMENTO DO PAPA PELA PAZ (26/02/2022)

Queridíssimos, que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Face à nova guerra na Europa, unamo-nos de todo o coração ao convite do Papa para responder à violência com a oração e o jejum. Para além do dia de jejum pela paz que viveremos no dia 2 de março, continuemos a pedir a Deus muitas vezes por dia, com confiança de filhos, pelo dom da paz. A oração e a experiência do jejum aproximam-nos de pessoas que estão a sofrer privações e angústias e cujo futuro é incerto.

«Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus» (Mt 5, 9). É natural que nos sintamos impotentes para mudar o rumo da história. Mas apoiemo-nos no poder da oração. Sem o Senhor, todos os esforços para pacificar os corações são insuficientes. Ao mesmo tempo, pensemos que a paz é uma tarefa contínua: ser protagonistas desta bem-aventurança implica operar e promover a paz na própria família, no trabalho, na vida social, porque Deus quer que cada um de nós seja o guardião dos nossos irmãos e irmãs (cf. Gn 4, 9).

Especialmente na Santa Missa e na nossa oração a Santa Maria, Rainha da Paz, tenhamos muito presente todos aqueles que sofrem.

Com todo o carinho vos abençoa

o vosso Padre

Fernando

[Voltar ao índice](#)

14. CARTA SOBRE A FIDELIDADE (19/03/2022)

Queridíssimos, que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Fiéis, vale a pena!

1. Com esta expressão familiar, que inspirou uma antiga canção, São Josemaria animava-nos a ser muito fiéis. Recordo com frequência que, no dia 23 de agosto de 1963, num curso de verão em Pamplona, durante uns momentos de uma tertúlia com o nosso Padre, cantámos essa canção. Alguns de nós notámos que, enquanto nos ouvia a cantar aquelas palavras, o nosso Padre repetia em voz baixa: “Vale a pena, vale a pena”. Entendemos isso como uma expressão espontânea da sua experiência viva. Levar a Obra para a frente tinha valido a pena: tanto trabalho, tanto sofrimento, tantas dificuldades e, ao mesmo tempo, tanta alegria. A fidelidade é necessariamente alegre, mesmo na dor, com uma alegria no Senhor, que é a nossa fortaleza (cf. Ne 8, 10).

Fidelidade é um conceito amplo, com vários significados: “exatidão ou veracidade na realização de alguma coisa”, “cópia exata de um texto”, “cumprimento exato de um dever, de uma promessa”, etc. É especialmente relevante considerar a fidelidade na relação entre as pessoas, no seu aspeto mais profundo do ponto de vista humano: o amor. «A fidelidade no tempo é o nome do amor»¹. O amor autêntico é por si definitivo, é fiel, ainda que, pela debilidade humana, possa falhar.

A fidelidade abarca todas as dimensões da nossa vida, pois envolve a pessoa na sua integridade: inteligência, vontade, sentimentos, relações e memória. Com estas breves páginas, no contexto do centenário da fundação da Obra, que se vai aproximando, gostaria que nos detivéssemos agora a meditar sobre alguns aspetos, guiados sobretudo por textos de São Josemaria.

Fidelidade à vocação, fidelidade a Jesus Cristo

2. A vocação cristã, em todas as suas expressões particulares, é a chamada de Deus à santidade. Chamamento do amor de Deus ao nosso amor, numa relação em que a fidelidade divina tem sempre a precedência: fiel é Deus (2Ts 3, 3; cf. 1Cor 1, 9). «A nossa fidelidade nada mais é do que uma resposta à fidelidade de Deus. Deus, fiel à sua palavra, fiel à sua promessa»².

A fé na fidelidade divina dá força à nossa esperança, apesar de que a nossa debilidade pessoal nos leve por vezes a não sermos totalmente fiéis, em pequenas coisas e, talvez nalguma ocasião, nas grandes. Desse modo, a fidelidade consiste em percorrer – com a graça de Deus – o caminho do filho pródigo (cf. Lc 15, 11-32). «A fidelidade a Jesus Cristo exige permanecer em contínua vigília, porque não podemos confiar nas nossas pobres forças. Havemos de lutar sempre, até ao último instante da nossa passagem pela terra: esta é a nossa finalidade»³.

Temos de procurar com perseverança a união com o Senhor. Procuramos – e encontramos – esta união com Jesus no trabalho, na família, em tudo..., de modo eminente na Eucaristia, na Penitência e na oração. Além disso, não estamos sozinhos. Contamos também com a ajuda dos outros, especialmente na direção espiritual pessoal. Agradeçamos esta possibilidade de abrirmos a nossa alma com sinceridade, para recebermos ânimo e conselho no caminho do crescimento no nosso amor a Deus. E onde o nosso amor se alimenta, fortalece-se a nossa fidelidade: Enamora-te, e não ‘O’ deixarás⁴.

3. A fidelidade manifesta-se especialmente quando exige esforço e sofrimento. Também aqui nos ilumina o exemplo da nossa Mãe, a Virgem fiel: «só pode chamar-se fidelidade uma coerência que dura ao longo de toda a vida. O *fiat* de Maria, na Anunciação, tem a sua plenitude no *fiat* silencioso que Ela repete ao pé da cruz»⁵.

Com a ajuda de Deus, podemos ser fiéis, avançar no caminho da identificação com Jesus Cristo: que a nossa maneira de pensar, de amar, de ver as pessoas e o mundo, se tornem cada vez mais a Sua, através de um permanente começar e recomeçar, em que «a

consciência da nossa filiação divina dá alegria à nossa conversão»⁶. Tornar-se-á assim uma realidade nas nossas vidas a exortação de São Paulo aos Filipenses: «Tende entre vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus» (Flp 2, 5).

4. O encontro e a união com Cristo realizam-se na Igreja, que é visivelmente Povo composto por muitos povos. Constitutivamente, é Corpo de Cristo e, operativamente, é sacramento: toda a salvação vem de Cristo através da Igreja, muito especialmente porque a Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja.

O facto, sempre verificável, de a Igreja ser formada por homens e mulheres débeis, com erros, não deve diminuir o nosso amor por ela. Tenhamos sempre presente que «a Igreja é isto mesmo: Cristo presente entre nós, Deus que vem até à humanidade para a salvar, chamando-nos com a Sua revelação, santificando-nos com a Sua graça, sustentando-nos com a Sua ajuda constante, nos pequenos e grandes combates da vida de todos os dias»⁷.

A fidelidade a Cristo é, portanto, fidelidade à Igreja. E na Igreja, esforçamo-nos por viver e fomentar a união com todos, particularmente com os Bispos e, de forma especial, com o Romano Pontífice, princípio visível de unidade de fé e de comunhão. Mantenhamos sempre vivo em cada um de nós aquele desejo do nosso Padre: *Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam!*

A fidelidade a Jesus Cristo e à Igreja inclui para nós a fidelidade à nossa vocação ao Opus Dei, vivendo o espírito que recebemos de São Josemaria, que foi e é verdadeiramente o nosso Padre na Obra. Assim o exprimia numa antiga carta dirigida a todos os seus filhos: «Não posso deixar de elevar a alma agradecida ao Senhor, de quem procede toda a família nos céus e na terra (Ef 3, 15-16), por me ter dado esta paternidade espiritual, que, com a Sua graça, assumi, com a plena consciência de estar na terra só para a realizar. Por isso vos amo com coração de pai e de mãe»⁸. Ser filhas e filhos fiéis de São Josemaria é o nosso caminho vocacional, para sermos fiéis filhas e filhos de Deus em Cristo.

Certamente vos lembrais de outras palavras do nosso Padre: «A chamada divina exige de nós fidelidade intangível, firme, virginal, alegre, indiscutida à fé, à pureza e ao caminho»⁹. Agora detenho-me apenas a sublinhar a alegria. Uma fidelidade que é correspondência livre à graça de Deus, vivida com alegria e também com bom humor. Como nos ajuda recordarmos também estas suas palavras: «Do ponto de vista humano, quero deixar-vos como herança o amor à liberdade e o bom humor»!¹⁰.

5. Considerando a fidelidade na Obra, como poderíamos não pensar no Bem-Aventurado Álvaro? Lembro-me que no dia 19 de fevereiro de 1974, quando D. Álvaro não estava presente, São Josemaria nos disse sobre ele: «Gostaria que cada um o imitasse em muitas coisas, mas sobretudo na lealdade. (...) Teve sempre um sorriso e uma fidelidade incomparáveis»¹¹. Penso muitas vezes nas palavras bíblicas *vir fidelis multum laudabitur* (Pr 28, 20: o homem fiel será muito louvado), gravadas na travessa de uma porta em Villa Vecchia que conduz precisamente ao escritório onde D. Álvaro trabalhou durante muitos anos.

Elevo também a minha alma ao Senhor em agradecimento pela fidelidade de tantas mulheres e de tantos homens que nos precederam no caminho e nos deixaram um testemunho precioso desse vale a pena, evocado no início destas páginas.

O nosso Padre dizia que qualquer pessoa que se aproxime da Obra, mesmo por pouco tempo, terá sempre o nosso afeto. Isto aplicava-o ainda mais a quem tinha estado na Obra durante algum tempo e depois tinha seguido outros caminhos; e aos que alguma vez se tenham sentido feridos, pedimos perdão de todo o coração.

Fidelidade apostólica

6. A vocação cristã à santidade, à identificação com Jesus Cristo é – em todas as suas formas, de um modo ou de outro – uma vocação apostólica: Não se pode dissociar a vida interior do apostolado, como não é possível separar em Cristo o Seu ser de Deus-Homem e a Sua função de Redentor¹².

Em todas as épocas – e na nossa vemos isso de forma impressionante – há no mundo uma sede imensa – tantas vezes inconsciente – de Deus. Estas palavras proféticas estão sempre a cumprir-se: Eis que vêm dias – oráculo do Senhor – em que lançarei fome sobre o país. Não será fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor (Am 8, 11).

Quantas vezes teremos meditado sobre aquela vibrante exortação de São Josemaria: «Caríssimos, Jesus urge-nos. Ele quer ser levantado de novo, não na Cruz, mas na glória de todas as atividades humanas, para atrair todos a Si (Jo 12, 32)»¹³.

Ao experimentarmos as dificuldades que a vida cristã encontra neste mundo – ateísmo, indiferença, relativismo, naturalismo materialista, hedonismo, etc. –, vem-nos talvez à mente a afirmação de São João: «Não ameis o mundo nem o que há no mundo» (1Jo 2, 5), referente ao que no mundo se opõe a Deus, e que ele resume na tripla concupiscência (cf. 1Jo 2, 16). Ao mesmo tempo, porém, o mundo, criatura de Deus, é bom: Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o Seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que n'Ele crê não se perca, mas tenha a vida eterna (Jo 3, 16).

7. Procuremos, como o nosso Padre, amar o mundo apaixonadamente¹⁴, pois é o âmbito do nosso encontro com Deus e o caminho para a vida eterna. Um amor que exclui a mundanidade: somos do mundo, mas não queremos ser mundanos; vivendo também, por exemplo, o espírito e a realidade prática da pobreza, que nos liberta de tantas amarras e, com sentido positivo, nos faz ouvir São Paulo que nos assegura: Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus (1Cor 3, 22-23). O testemunho de vidas sóbrias e austeras é – hoje e sempre – uma forma de ser sal e luz neste mundo, que queremos transformar com o amor de Cristo.

Perante esta realidade – tudo é vosso – alegramo-nos com as alegrias dos outros, desfrutamos de todas as coisas boas que nos rodeiam e sentimo-nos interpelados pelos desafios do nosso tempo. Ao mesmo tempo, sentimos muito dentro da alma a situação no mundo, particularmente a triste realidade da guerra e de outras

situações com grandes carências e sofrimentos de tantas e tantas pessoas, especialmente das mais frágeis. Mas, insisto, não admitamos o pessimismo; pelo contrário, atualizemos a fé na vitalidade do Evangelho – pois é poder de Deus para a salvação de todos os que creem (Rm 1, 16) – e a fé nos meios: oração, mortificação, Eucaristia!, e trabalho. Manteremos então uma visão do mundo cheia de esperança.

A fé é base da fidelidade. Não uma confiança vã na nossa capacidade humana, mas fé em Deus, que é o fundamento da esperança (cf. Hb 11, 1). «Deus é o fundamento da esperança, não um Deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim: a cada indivíduo e à humanidade no seu conjunto»¹⁵.

Ouçamos novamente o nosso Padre: «Se sois fiéis, o Senhor, pelas vossas mãos, como fruto da vossa entrega calada e humilde, fará maravilhas. Voltar-se-á a viver aquela passagem de São Lucas: os setenta e dois discípulos regressaram cheios de alegria, dizendo: Senhor, até os demónios se sujeitaram a nós, em Teu nome (Lc 10, 17)»¹⁶.

Fidelidade à vocação e vida corrente

8. Na vida de cada um de nós pode haver, de vez em quando, circunstâncias fora do comum, mas sabemos bem que a união com o Senhor e, com Ele, a nossa missão apostólica, se hão de realizar fundamentalmente na vida corrente: família, trabalho profissional, amizades, deveres sociais...: «Esse é o principal lugar do nosso encontro com Deus»¹⁷, recordava-nos D. Javier, num dos seus primeiros escritos.

Encontrar o Senhor em todo o acontecer de cada dia significa descobrir o valor do pequeno, das coisas pequenas, dos detalhes, nos quais tantas vezes podemos manifestar o nosso amor a Deus e o nosso amor aos outros. O próprio Jesus nos disse: «Quem é fiel no pouco também é fiel no muito, e quem é infiel no pouco também é

infiel no muito» (Lc 16, 10). Uma fidelidade no pouco que o Senhor premeia com a grandeza da Sua própria alegria (cf. Mt 25, 21).

A nossa experiência pessoal mostra-nos que esta fidelidade no pouco não é de pouca entidade, pelo contrário: «A perseverança nas pequenas coisas, por Amor, é heroísmo»¹⁸. O amor é aquilo que dá o maior valor a toda a atividade humana. A fidelidade é fidelidade a um compromisso de amor, e o amor a Deus é o sentido último da liberdade. Esta liberdade de espírito dá a capacidade de amar o que tem de se fazer, mesmo quando envolve sacrifício, e então pode experimentar-se aquilo que Jesus nos garante: «Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve» (Mt 11, 29-30). E Santo Agostinho explica: «Naquilo que se ama, ou não se sente a dificuldade ou se ama a própria dificuldade (...). Os trabalhos daqueles que amam nunca são penosos»¹⁹.

9. Sabemos bem que encontrar Deus, amar a Deus é inseparável de amar, de servir os outros, que os dois preceitos da caridade são inseparáveis. Com o nosso amor fraterno, que é sinal seguro de vida sobrenatural, construímos a nossa fidelidade e tornamos mais alegre a fidelidade dos outros: Nós sabemos que passámos da morte para a vida porque amamos os irmãos (1 Jo 3, 14). Com que força São Josemaria nos anima a viver a fraternidade: «Coração, meus filhos, ponde o coração em servir-vos uns aos outros. Quando o afeto passa pelo Sacratíssimo Coração de Jesus e pelo Dulcíssimo Coração de Maria, a caridade fraterna exercita-se com toda a sua força humana e divina. Anima a suportar a carga, alivia pesos, assegura a alegria na luta. Não é algo pegajoso, é algo que fortalece as asas da alma para subir mais alto. A caridade fraterna, que não procura o seu próprio interesse, permite voar para louvar o Senhor com um espírito de sacrifício alegre»²⁰.

Dado o lugar que o trabalho ocupa na nossa vida habitual, poderíamos considerar – e examinar-nos pessoalmente – sobre tantos aspetos que estão contidos naquele «santificar o trabalho,

santificar-se no trabalho, santificar com o trabalho»²¹. Gostaria agora de vos convidar a meditarmos sobre como podemos transformar melhor o trabalho em oração, que não consiste só em ter algum pormenor de piedade enquanto trabalhamos. O nosso Padre explicou-nos isto de tantas maneiras. Vejamos de novo estas suas palavras: «Realizai pois o vosso trabalho, sabendo que Deus o contempla: *laborem manuum mearum respexit Deus* (Gn 31, 42). O nosso trabalho, portanto, deve ser tarefa santa e digna d'Ele: não só terminada até ao último detalhe, mas realizada com retidão moral, com hombridade, com nobreza, com lealdade, com justiça. Desta forma, o vosso trabalho profissional não só será reto e santo, mas também, por este título, será oração»²².

No nosso trabalho experimentamos também frequentemente os nossos limites e defeitos. Mas se, apesar de tudo, nos esforçarmos nesse «saber que Deus nos contempla, poderemos ouvir, dirigidas a nós, aquelas palavras de São Paulo: o vosso trabalho não é inútil no Senhor» (1 Cor 15, 58), como o nosso Padre resumia: nada se perde.

O permanente e o mutável na vida da Obra

10. A fidelidade pessoal à própria vocação na Obra está necessariamente relacionada com a fidelidade institucional, ou seja, com a permanência da Obra como instituição, em fidelidade à vontade de Deus para ela, tal como o fundador a transmitiu.

Em 2016, D. Javier recordou-nos estas palavras de São Josemaria: «assim como a identidade da pessoa permanece a mesma ao longo das diversas fases de crescimento: infância, adolescência, maturidade..., assim há evolução no nosso desenvolvimento: de outra forma, seríamos coisa morta. O núcleo, a essência, o espírito permanece inalterado, mas evoluem as formas de dizer e de fazer, sempre velhas e sempre novas, sempre santas»²³.

Comentando este texto, considerei então que é sobretudo no âmbito do apostolado pessoal – que é o principal na Obra – e no de orientar com sentido cristão as profissões, instituições e estruturas humanas, que procuramos pôr iniciativa e criatividade, para

construirmos uma relação de sincera amizade com muitas pessoas e para trazermos a luz do Evangelho à sociedade. Esta mesma iniciativa e criatividade leva-nos também a procurar novas atividades apostólicas, dentro do mar sem limites que o espírito da Obra nos apresenta.

11. Esta criatividade pode entender-se como uma versão do que por vezes se chama fidelidade dinâmica, ou fidelidade criativa. Uma fidelidade que exclui tanto o que seria um anseio superficial de mudanças, como uma atitude a priori contrária a tudo que for ou pareça ser uma certa novidade. «Por esta nossa vocação, estamos presentes na própria origem das retas mudanças que ocorrem na sociedade, e também fazemos nossos os progressos de qualquer época»²⁴. Devemos por isso compreender e partilhar os anseios do nosso tempo, sem pretendermos, ao mesmo tempo, adaptar-nos a qualquer moda ou costume, por muito atual e difundido que esteja, se for contrário ao espírito que Deus nos transmitiu através do nosso fundador, também por ser incompatível com o tom humano e o ambiente familiar próprio da Obra. Neste sentido, «nunca haverá qualquer necessidade de nos adaptarmos ao mundo, porque somos do mundo; nem teremos de ir atrás do progresso humano, porque somos nós – sois vós, meus filhos – juntamente com as outras pessoas que vivem no mundo, que realizais este progresso com o vosso trabalho quotidiano»²⁵.

Vale a pena também ter presente que, em relação às determinações estabelecidas para toda a Obra (por exemplo, quanto aos meios de formação espiritual: círculos, meditações, retiros, etc.), é lógico que o discernimento da oportunidade de possíveis mudanças corresponda, em última análise, ao Padre com o Conselho Geral e a Assessoria Central. Por outro lado, nem todas as mudanças a este nível são indiferentes ao espírito e devem ser estudadas com prudência. Pela vossa parte, não hesiteis em sugerir projetos apostólicos àqueles que dirigem o apostolado, com espírito de iniciativa e também de unidade – sem deixar de remar juntos – com o desejo de levar a alegria do Evangelho a muitas pessoas. Em qualquer caso, tenhamos a certeza de que «não estamos sozinhos

para fazer a Obra, nem contamos apenas com as nossas pobres forças, mas com a força e o poder do Senhor»²⁶.

Com a nossa fidelidade pessoal e a responsabilidade de todos para mantermos a fidelidade institucional, apesar das nossas limitações pessoais, com a graça de Deus, poderemos construir, ao longo dos variáveis períodos históricos, a continuidade da Obra na fidelidade à sua origem. Esta é a continuidade essencial entre passado, presente e futuro, própria de uma realidade viva. Em 2015, D. Javier animava-nos a pedir a São Josemaria que a Obra chegasse ao dia 2 de outubro de 2028 com a mesma pujança e frescura de espírito que o nosso Padre tinha no dia 2 de outubro de 1928.

Assim, poderá tornar-se realidade, pela misericórdia de Deus, o que São Josemaria via: «Vejo a Obra projetada ao longo dos séculos, sempre jovem, graciosa, bela e fecunda, defendendo a paz de Cristo, para que todo o mundo a possua. Contribuiremos para que na sociedade se reconheçam os direitos da pessoa humana, da família, da Igreja. O nosso trabalho fará que diminuam os ódios fraticidas e as suspeitas entre os povos, e as minhas filhas e os meus filhos – *fortes in fide* (1Pe 5, 9), firmes na fé – saberão ungir todas as feridas com a caridade de Cristo, que é bálsamo suavíssimo»²⁷.

Confiando à nossa Mãe Santa Maria, Virgem fiel, e a São José, a permanente renovação da nossa fidelidade, com todo o carinho vos abençoa

o vosso Padre

Fernando

[1] Bento XVI, Discurso, 12/05/2010.

[2] Francisco, Homilia, 15/04/2020.

[3] São Josemaria, Carta 28/03/1973, n. 9.

[4] Ibid., Caminho, n. 999.

[5] São João Paulo II, Homilia, 26/01/1979.

[6] São Josemaria, Cristo que passa, n. 64.

- [7]Ibid., Cristo que passa, n. 131.
- [8]Ibid., Carta 06/05/1945, n. 23.
- [9]Ibid., Carta 24/03/1931, n. 43.
- [10]Ibid., Carta 31/05/1954, n. 22.
- [11]Ibid., Notas de uma reunião familiar, 19/02/1974.
- [12]Ibid., Cristo que passa, n. 122.
- [13]Ibid., Instrução, 01/04/1937, n. 1.
- [14]Ibid., Entrevistas a São Josemaria, n. 118.
- [15]Bento XVI, Spe salvi, n. 31.
- [16]São Josemaria, Carta 24/03/1930, n. 23.
- [17]Javier Echevarría, Carta pastoral, 28/11/1995, n. 16.
- [18]São Josemaria, Caminho, n. 813.
- [19]Santo Agostinho, De bono viduitatis, sic 21, 26.
- [20]São Josemaria, Carta 14/02/1974, n. 23.
- [21]Ibid., Cristo que passa, n. 45.
- [22]Ibid., Carta 15/10/1948, n. 26.
- [23]Ibid., Carta 29/09/1957, n. 56.
- [24]Ibid., Carta 14/02/1950, n. 21.
- [25]Ibid., Carta 09/01/1932, n. 92.
- [26]Javier Echevarría, Carta pastoral, 28/11/1995, n. 11.
- [27]São Josemaria, Carta 16/07/1933, n. 26.

[Voltar ao índice](#)

15. MENSAGEM POR OCASIÃO DA CONCLUSÃO DO ANO DA FAMÍLIA (14/06/2022)

Queridíssimos, que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

No próximo dia 26 de junho, será o encerramento do Ano da Família, convocado pelo Papa Francisco, que nos convidou a refletir sobre a importância da instituição familiar na Igreja e em toda a sociedade.

A família é o primeiro ambiente em que cada um toma consciência de ser amado pelo que é e aprende a amar na relação com os outros. Todas as famílias têm os seus pontos fortes e as suas fragilidades, os seus bons momentos e as suas dificuldades. Mas o Senhor chama-nos sempre a olhar para cada um com agradecimento e com amor. Amar os outros como eles são, com as suas virtudes e defeitos, levar-nos-á a ter um coração em sintonia com o de Jesus. Como São Josemaria explica: «O coração humano tem um coeficiente de dilatação enorme. Quando ama, dilata-se num *crescendo* de carinho que supera todas as barreiras. Se amas o Senhor, não haverá criatura que não encontre lugar no teu coração» (*Via Sacra*, VIII Estação, n. 5).

São muitos os desafios que se apresentam a quem começa a implementar um projeto familiar com sentido cristão. Entre eles, está a conciliação dos deveres familiares com o trabalho, as relações sociais, o descanso... Por isso, é muito bom que os casais sejam acompanhados desde o início do caminho matrimonial. Animo-vos a fomentar atividades e iniciativas neste sentido, sabendo que têm um efeito multiplicador. «Como é importante que os jovens vejam com os seus próprios olhos o amor de Cristo, vivo e presente no amor dos casais que testemunham com a sua vida concreta que o amor para sempre é possível!» (Francisco, vídeo-mensagem, 09/06/2021).

Confiamos a Jesus, Maria e José os frutos deste Ano da Família que agora termina. E a eles pedimos que todos os lares cristãos sejam

um reflexo da casa de Nazaré.

Com todo o carinho vos abençoa,

o vosso Padre

Fernando

[Voltar ao índice](#)

16. MENSAGEM PARA CONVOCAR O CONGRESSO GERAL EXTRAORDINÁRIO (06/10/2022)

Queridíssimos: que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Como já vos referi, no Conselho Geral e na Assessoria Central estamos a estudar o procedimento de como levar a cabo o que o Papa nos pediu sobre a adequação dos Estatutos da Obra às indicações do *motu proprio* “*Ad charisma tuendum*”.

No Dicastério para o Clero aconselharam-nos a não nos limitarmos a considerar o que se refere à dependência da Prelatura deste Dicastério e à transição do relatório à Santa Sé sobre a atividade da Prelatura de quinquenal para anual, mas a propor outros possíveis ajustamentos aos Estatutos, que nos parecerem convenientes à luz do *motu proprio*. Também fomos aconselhados a, sem pressa, dedicar o tempo que for necessário.

Sendo uma iniciativa da Santa Sé, não é obrigatório realizar os Congressos Gerais previstos para introduzir alterações nos Estatutos (cf. n. 181, § 3). No entanto, com o parecer favorável da Assessoria Central e do Conselho Geral, convocarei um Congresso Geral Extraordinário com esse objetivo preciso e limitado, que decorrerá no primeiro semestre de 2023.

Para preparar este trabalho das e dos congressistas, é importante também contar, com suficiente antecedência, com a contribuição de quem quiser enviar sugestões concretas. Em breve chegar-vos-ão orientações sobre como e quando me podereis enviá-las, de modo a possibilitar o seu estudo.

Tende em conta que se trata de cumprir o que a Santa Sé indicou, não de propor qualquer mudança que nos pudesse parecer interessante. A par do desejo de ser fiéis ao património recebido do nosso fundador, importa ter em conta o bem geral que pressupõe a estabilidade jurídica das instituições.

Naturalmente, o texto do *motu proprio* pode suscitar outras sugestões, além do que se refere aos Estatutos, para dar novo impulso ao trabalho apostólico. Ser-vos-ão pedidas mais à frente, quando forem convocadas as próximas Semanas de Trabalho.

Confiemos tudo isto à intercessão de São Josemaria, hoje ao celebrarmos o vigésimo aniversário da sua canonização. Peçamos ao Senhor que o carisma, que Deus confiou ao nosso Padre a serviço da Igreja, dê com renovada força, como nos exortou o Papa Francisco, frutos na vida de cada um.

Envio-vos a minha bênção mais afetuosa.

O vosso Padre

Fernando

[Voltar ao índice](#)

17. CARTA SOBRE A FRATERNIDADE (16/02/2023)

1. Com esta carta, desejo convidar-vos a considerar comigo alguns aspetos contidos naquelas palavras do Senhor, tantas vezes meditadas: «Este é o Meu mandamento, que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15, 12).

Jesus amou-nos até ao extremo, até dar a Sua vida por todos e por cada um de nós. Sabemos e queremos acreditar nisto com uma fé mais viva e operativa, que pedimos ao Senhor como os Apóstolos: «Aumenta a nossa fé» (Lc 17, 5). Desta forma, poderemos dizer com São João, plenamente convictos: «Nós conhecemos e acreditámos no amor que Deus tem por nós» (1Jo 4, 16).

«Deus é Amor» (1Jo 4, 8), e chama-nos ao amor: «Esta é a nossa mais elevada vocação, a nossa vocação por excelência; e a isto está ligada também a alegria da esperança cristã. Quem ama tem a alegria de ter esperança, de vir ao encontro do grande amor que é o Senhor»¹.

O nosso amor a Deus – caridade sobrenatural – é uma correspondência a esse amor divino por todos e cada um de nós, que o próprio Senhor nos apresenta como modelo e horizonte para o nosso amor pelos outros. O amor a Deus e o amor aos outros estão tão unidos que, «em qualquer ato de fraternidade, a cabeça e o coração não conseguem muitas vezes distinguir se é uma questão de serviço a Deus ou de serviço aos nossos irmãos e irmãs, porque, no segundo caso, o que estamos a fazer é servir a Deus duas vezes»².

2. Na nossa vida é tão decisivo o amor aos outros que «sabemos que passámos da morte à vida porque amamos os nossos irmãos» (1Jo 3, 14). A caridade desenvolve-se de inúmeras formas e estende-se ao mundo inteiro. Ninguém nos pode ser indiferente, porque «cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um é amado, cada um de nós é necessário»³.

Com estas linhas, gostaria que refletíssemos sobre algumas atitudes e manifestações de particular relevância em que se manifesta a fraternidade. Resumem-se, de certo modo, nestas palavras de São Josemaria: «Com quanta insistência o Apóstolo São João pregava o *mandatum novum!* – “Amai-vos uns aos outros!” –. Pôr-me-ia de joelhos, sem fazer teatro – grita-mo o coração –, para vos pedir, por amor de Deus, que vos estimeis, que vos ajudeis, que vos deis a mão, que vos saibais perdoar»⁴.

Amplitude da compreensão

3. A palavra *compreensão*, no contexto das relações pessoais, poderia às vezes evocar apenas um dos seus aspetos: o de não nos estranharmos com os defeitos e as faltas dos outros. No entanto, nesse caso não se perceberia totalmente aquele ponto do *Caminho*: «Mais do que em "dar", a caridade está em "compreender"»⁵.

A compreensão que é fruto da caridade, do amor, "compreende": "vê", antes de mais nada, não os defeitos ou falhas, mas as virtudes e qualidades dos outros. Recordo uma meditação pregada por D. Javier no dia 26 de agosto de 1999, durante um curso de Verão em Olbeira (uma casa de retiros na Galiza, Espanha): exortava-nos com força e afeto «a não ver as pessoas através dos seus defeitos, mas através das suas virtudes». O amor faz-nos ver, com alegria, os aspetos positivos dos outros. «Devemos regozijar-nos com a prosperidade do nosso próximo tanto como com a nossa»⁶; isto é o mais oposto de ver os outros com aquele pecado obscuro que é a inveja, no seu sentido de tristeza pelo bem dos outros.

Por outro lado, cada pessoa vale sempre mais do que aquilo que somos capazes de ver com o nosso conhecimento habitual. Num certo sentido, acontece muitas vezes o que lemos na Sagrada Escritura, quando a Carta aos Hebreus nos exorta a não esquecer a hospitalidade: graças à hospitalidade, «alguns, sem o saberem, hospedaram anjos» (Hb 13, 2).

4. A compreensão que nasce do amor permite-nos ver também os defeitos e falhas dos outros: desta forma compreendemos a pessoa,

tanto nos aspetos positivos como nos negativos. E podemos ter a certeza – o amor vê isto, porque é sapientíssimo – de que o positivo é muito superior ao negativo. Em qualquer caso, o negativo não é motivo de separação, mas de oração e ajuda; se possível, de mais afeto; e, se for caso disso, de correção fraterna.

De muitas maneiras o nosso Padre insistiu nesta manifestação por vezes heroica de caridade: «Ponde em prática a correção fraterna, *ne sit populus Domini sicut oves absque pastore* (Nm 27, 17), para que esta Família sobrenatural, que é a Obra de Deus, não apareça como um conjunto de ovelhas sem pastor. Sempre ensinei, minhas filhas e meus filhos, que na Obra cada um deve ser ao mesmo tempo pastor e ovelha»⁷.

5. Todos temos debilidades e não podemos achar estranho que surjam em nós reações de contrariedade ou incompreensão em relação a outras pessoas. Mas não devemos aceitar estas reações justificando-as; antes, serão momentos para pedir perdão ao Senhor e para Lhe implorar que aumente a nossa capacidade de amar, que nos dê mais aquela compreensão que é fruto do amor. E assim, sem nos desanimarmos diante da nossa fraqueza, pediremos ajuda a Deus, para que possamos por fim dizer-Lhe, cheios de gratidão: «dilatastes o meu coração» (Sl 119, 32).

É importante, por exemplo, que nos esforcemos por dominar e mitigar as impaciências que poderiam surgir espontaneamente face a defeitos reais ou não tão reais dos outros (por vezes o defeito pode estar mais no modo como olhamos). Estas impaciências podem levar à falta de compreensão e, portanto, à falta de caridade. Aquelas antigas palavras de São Cipriano de Cartago são fortes: «A caridade é o vínculo que une os irmãos, o alicerce da paz, a juntura que dá firmeza à unidade; a que é superior à esperança e à fé, a que supera a esmola e o martírio; a que permanecerá para sempre conosco no céu. Tira-lhe, porém, a paciência e ela ficará devastada»⁸.

6. A compreensão, fruto do amor fraterno, também leva a evitar discriminações nas relações com uns e outros, que poderiam surgir ao constatar as diferenças. Na realidade, esta diversidade é

frequentemente uma riqueza de caracteres, de sensibilidades, de interesses, etc. É assim que o nosso Padre no-lo explica: «Tendes também de praticar constantemente uma fraternidade que esteja por cima de toda a simpatia ou antipatia natural, amando-vos uns aos outros como verdadeiros irmãos, com o relacionamento e a compreensão próprios daqueles que formam uma família bem unida»⁹.

Juntamente com o esforço de amar e compreender os outros, é também importante que tornemos mais fácil que nos possam estimar. Neste sentido, lembro-vos o que já vos escrevi: «Ganhar em afabilidade, alegria, paciência, otimismo, delicadeza e em todas as virtudes que tornam amável o relacionamento, é importante para que as pessoas possam sentir-se acolhidas e ser felizes»¹⁰. Deste modo, surge um ambiente de fraternidade, em que cada um potencia o afeto do outro e, juntos, experimentamos o *cem por um* que o Senhor nos prometeu, e encaminhamo-nos para a vida eterna (cf. Mt 19, 29).

O tesouro do perdão

7. A compreensão está também estreitamente relacionada com a realidade extraordinariamente importante do perdão: pedir perdão e perdoar. Em abril de 1974, o nosso Padre dizia-nos que «a coisa mais divina da nossa vida de cristãos, de filhos de Deus no Opus Dei, é perdoar aqueles que nos tenham magoado». E depois acrescentava, com grande simplicidade: «Não precisei de aprender a perdoar, porque o Senhor me ensinou a amar». Entre as muitas consequências e manifestações da filiação divina, talvez não tivéssemos pensado espontaneamente, antes de mais nada, no perdão. No entanto, entendemos que o nosso ser filhos de Deus é o *nosso ser Cristo*, a nossa identificação com Ele. E Cristo veio a este mundo, o Filho eterno fez-se Homem, precisamente para perdoar. Por conseguinte, podemos considerar que «nada nos faz tão semelhantes a Deus como estar dispostos a perdoar»¹¹.

Quantas vezes rezamos e meditamos no Pai Nosso! Perdoar os outros é tão decisivo que é condição para que Deus nos perdoe.

Como é bom pedir ao Senhor que nos ensine a perdoar, verdadeiramente e sempre. Mais, tenhamos a santa audácia de Lhe pedir que, tal como o nosso Padre, possamos vir a amar tanto os outros que não necessitemos de aprender a perdoar¹². Seria ótimo que desejássemos alcançar um ponto em que amássemos tanto que nunca nos sentíssemos ofendidos.

8. Tão importante como compreender e perdoar é aprender a pedir perdão, inclusive nos conflitos pequenos ou quotidianos. Um gesto sincero de pedir perdão é, muitas vezes, a única forma de restabelecer a harmonia numa relação, mesmo se pensarmos – com mais ou menos razão – que fomos a parte mais ofendida. Não é uma estrita justiça sem mais, baseada em cálculos teóricos, a que levou o Filho de Deus a pedir perdão ao seu Pai em nosso nome, mas um amor gratuito, que só tem em conta o que pode fazer pelos outros.

Minhas filhas e meus filhos, não pensemos que isto é muito bonito, mas demasiado para a nossa pequenez. O objetivo é, sem dúvida, muito elevado. No entanto, com a graça de Deus podemos ir-nos aproximando dele pouco a pouco, se da nossa parte não deixarmos de fazer um esforço espiritual – uma correspondência de amor ao Amor – que se renove cada dia.

Espírito de serviço

9. «A maior ambição dos filhos de Deus no Opus Dei (...) deve ser sempre a de *servir*»¹³. Compreendemos bem esta insistência de São Josemaria quando lemos e meditamos nas palavras do Senhor: «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir» (Mc 10, 45); «Eu estou entre vós como aquele que serve» (Lc 22, 27).

O espírito de serviço é uma expressão de amor, do afeto de sentir muito as necessidades dos outros como nossas. Com que força o nosso Padre nos explicava: «Não me importo de o repetir muitas vezes. De carinho, todas as pessoas precisam, e nós também precisamos na Obra. Esforçai-vos para que, sem sentimentalismos tontos, aumente sempre o afeto pelos vossos irmãos. Qualquer coisa de outro filho meu deve ser – verdadeiramente! – muito nossa: no

dia em que vivermos como estranhos ou como indiferentes, matámos o Opus Dei»¹⁴.

Sem querer, poderíamos viver como estranhos ou pessoas indiferentes, por nos excedermos em atividades que, na prática, nos impedissem de nos conhecermos, de nos relacionarmos uns com os outros, de nos interessarmos positivamente pelos outros. Minhas filhas e meus filhos, aquelas palavras que São Josemaria nos dizia com toda a força da sua alma vêm-me à mente e ao coração: «Que vos ameis!».

10. Queremos servir os outros, sabendo que desta forma servimos Jesus Cristo: «Em verdade vos digo que tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes» (Mt 25, 40). Por esta razão, é bom que pensemos, cada um de nós: «Só a minha disponibilidade para ajudar o próximo e demonstrar-lhe amor é que me torna sensível também diante de Deus. Só o serviço ao próximo é que abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama»¹⁵.

Todos nós temos experiência de que servir os outros envolve com frequência um certo esforço. «Não penseis (...) que é fácil fazer da vida um serviço. É necessário traduzir este bom desejo em realidade, *porque o reino de Deus não consiste em palavras mas em virtude* (1Cor 4, 20), e a prática de uma ajuda constante aos outros não é possível sem sacrifício»¹⁶. Mas este esforço, feito por amor, é sempre uma fonte de alegria; uma alegria que, por outro lado, não pode surgir do egoísmo.

O espírito de serviço, no fundo, é expressão do amor fraterno, e «o amor fraterno só pode ser gratuito, nunca pode ser uma paga a outrem pelo que realizou, nem um adiantamento pelo que esperamos venha a fazer»¹⁷.

Semeadores de paz e alegria

11. Uma manifestação do espírito de serviço, que de certa forma inclui todas, é a de *semear paz e alegria*. Como só poderemos dar esta paz e esta alegria se as tivermos, e ambas são um dom de Deus, a

melhor maneira de crescer nelas é cuidar com delicadeza os nossos momentos de intimidade com Deus: os sacramentos e a oração pessoal.

Na vida de cada pessoa não faltam, com maior ou menor frequência, com maior ou menor intensidade, penas e sofrimentos que tendem a produzir vários sentimentos de inquietação e de tristeza. Estes são estados de espírito que se podem insinuar na nossa alma e que podemos e devemos superar, recuperando a alegria mediante a fé no amor que Deus tem hoje e agora por cada um de nós (cf. 1Jo 4, 16).

Temos necessidade de enraizar a nossa alegria, não em nós próprios, mas no Senhor. Desta forma, apesar de todos os pesares, poderemos ter a fortaleza de ânimo para nos esquecermos mais de nós próprios e para transmitir aos outros essa alegria que procede de Deus. Neste sentido, é bom ler, como se também nos fossem dirigidas, estas palavras do Livro de Neemias: «Não fiquéis tristes, pois a alegria do Senhor é a vossa fortaleza» (Ne 8, 10).

12. Com certa frequência, nas cartas que me escreveis, dais-me a conhecer situações difíceis que estais a atravessar. Gostaria de estar muito próximo de cada uma e de cada um de vós, acompanhando-vos no cuidado desse filho doente, da mãe que já está muito limitada pela idade, ou em situações que significam um sofrimento especial. Procuro carregar com tudo o que é vosso no meu coração e na minha Missa diária.

Nestas e em tantas outras circunstâncias, recordemos que o Senhor abençoa com a cruz e que, como o nosso Padre assegurava com abundante experiência, «o autêntico amor traz consigo a alegria: uma alegria que tem as raízes em forma de Cruz»¹⁸. Além disso, com a fraternidade bem vivida, nunca estamos sós: todos juntos – *cor unum et anima una* – carregamos o doce fardo da cruz do Senhor, com a certeza interior de que, em última análise, o seu jugo é suave e a sua carga leve (cf. Mt 11, 30). Neste sentido, teremos lido e meditado muitas vezes, com o desejo sincero de as tornar vida própria, aquelas palavras de São Josemaria: «Entregar-se ao serviço

das almas, esquecendo-se de si mesmo, é de tal eficácia que Deus o premeia com uma humildade cheia de alegria»¹⁹.

Vida em família

13. A grande maioria de vós não vive num centro da Obra. Contudo, como escreve o nosso Padre, «todos nós que pertencemos ao Opus Dei, meus filhos, formamos um único lar: a razão de constituirmos uma única família não se baseia no facto material de vivermos juntos sob o mesmo teto. Como os primeiros cristãos, somos *cor unum et anima una* (At 4, 32) e ninguém na Obra poderá alguma vez sentir a amargura da indiferença»²⁰.

Para que a grande maioria da Obra que não vive nos centros – supranumerários e agregados – possa receber e contribuir para o calor de *lar* do Opus Dei, é necessário que alguns – as numerárias e os numerários – construam também materialmente este lar nas sedes dos centros, dos quais todos os restantes participam de acordo com as suas circunstâncias. É claro que as sedes materiais são muito úteis para ter os meios de formação, para acolher atividades apostólicas, etc., embora se saiba que todas estas coisas também se realizam quando não existem tais sedes, especialmente em lugares onde o trabalho apostólico ainda está muito nos começos.

Naturalmente, por vezes existem situações de trabalho, saúde, deveres familiares, etc., que tornam aconselhável ou mesmo necessário que algumas numerárias e alguns numerários não residais nas sedes dos centros, sem que isso diminua a vossa responsabilidade e a vossa dedicação – diferente, mas real – à construção do nosso lar.

14. É normal que em muitas famílias convivam pessoas de diferentes gerações (avós, pais, filhos) e diferentes caracteres, e são também frequentes as famílias com doentes crónicos mais ou menos graves. Embora seja verdade que tudo isto possa por vezes levar a uma deterioração da unidade familiar, também é verdade que, com muita frequência, estas e outras dificuldades podem unir mais as famílias, quando há amor verdadeiro.

Filhas e filhos meus, a Obra é uma família muito numerosa, na qual há pessoas de diferentes idades e personalidades, e também pessoas doentes. Graças a Deus, o cuidado e afeto com que procuramos em Casa cuidar dos doentes é uma realidade magnífica.

15. Nalguns centros existem situações que podem ser mais difíceis. Se alguma vez vos for cansativa a vida em família, procurai com sinceridade a causa desse cansaço a fim de o remediar: considerai se se deve apenas a uma escassez de meios materiais ou ao esforço natural que a dedicação ao cuidado dos outros pode implicar; ou se se deve além disso a um arrefecimento do afeto. Se este fosse o caso, não fiquéis também surpreendidos nem vos desanimeis; animo-vos a pedir a Deus, com simplicidade e audácia, que vos dilate o coração, que vos ajude a vê-l’O a Ele nos outros, para que isso vos encha de alegria, como os discípulos ao ver o Senhor ressuscitado: «Quando os discípulos viram o Senhor, alegraram-se» (Jo 20, 20).

Por outro lado, por vezes, por detrás de um determinado carácter, existem alguns sofrimentos que talvez expliquem essa forma de ser ou agir. Deus conhece cada um de nós em profundidade, também os momentos dolorosos, e olha para todos nós com ternura. Aprendamos do Senhor a olhar para todos desta forma, a compreender a todos – de propósito vo-lo repito – a colocar-nos no lugar do outro. «Quantos temores e quantos perigos pode dissipar entre os irmãos o amor verdadeiro, que não se nomeia (porque nesse caso seria como que profanado), mas que resplandece em cada pormenor!»²¹.

Nunca deixemos de agradecer ao Senhor o lar que nos deu, com a sua rica diversidade de caracteres pessoais, situações sociais e culturas. E, ao mesmo tempo, sintamos a responsabilidade de manter nele um tom, um ambiente caracterizado também por «uma extrema delicadeza no trato mútuo»²².

Na Igreja e no mundo

16. O cuidado da fraternidade é uma manifestação do facto de que a Obra, como parte da Igreja, é família de Deus. Se procuramos amar-nos, compreender-nos, perdoar-nos, servir-nos uns aos outros, também contribuiremos muito diretamente, através da comunhão dos santos, para a unidade de todos os crentes, e de toda a humanidade. São Josemaria dizia que «o principal apostolado que nós, os cristãos, temos de realizar no mundo, o melhor testemunho de fé é contribuir para que dentro da Igreja se respire o clima de autêntica caridade. Quando não nos amamos verdadeiramente, quando há ataques, calúnias e inimizades, quem se sentirá atraído pelos que afirmam que pregam a Boa Nova do Evangelho?»²³. Peço ao Senhor que sejamos sempre instrumentos de unidade na nossa própria casa, na Obra, na Igreja e em toda a sociedade.

O cuidado da fraternidade também trará luz e calor ao nosso mundo, que muitas vezes está na escuridão, ou sofre com o frio da indiferença. Os nossos lares – os dos agregados, os dos supranumerários e os centros da Obra – devem ser «luminosos e alegres». Casas abertas, nas quais muitas pessoas possam participar, também aquelas que talvez não tenham esse calor de lar. O testemunho de uma família cristã que procura estar unida, de modo que, mesmo com as suas limitações pessoais, cada um mantém a disposição de perdoar, de amar, de servir, será um ponto de referência para muitos. Como foi, é e sempre será, acima de tudo, o lar de Nazaré. Não esqueçamos o que São Josemaria nos dizia: «Pertencemos a essa família».

A fraternidade bem vivida é um apostolado imediato: tantas pessoas verão o afeto que temos uns pelos outros e poderão exclamar, como fizeram com os primeiros cristãos, «vede como se amam»²⁴; sentir-se-ão atraídas por este amor cristão, por esta «caridade que é uma certa participação no amor infinito que é o Espírito Santo»²⁵.

17. Termino relendo convosco estas palavras do nosso Padre: «Coração, meus filhos, ponde o coração no serviço uns aos outros. Quando o afeto passa pelo Coração Santíssimo de Jesus e pelo

Coração Dulcíssimo de Maria, a caridade fraterna é exercida com toda a sua força humana e divina. Anima a suportar a carga, alivia os fardos, assegura a alegria na luta. Não é algo pegajoso, é algo que fortalece as asas da alma para elevar-se mais alto; a caridade fraterna, que não procura o seu próprio interesse (cf. 1Cor 13, 5), permite voar para louvar o Senhor num espírito de sacrifício ditoso»²⁶.

Com todo o carinho vos abençoa
o vosso Padre
Fernando

[1] Francisco, Audiência, 15/03/2017.

[2] São Josemaria, Instrucción, maio 1935 – setembro 1950, n. 75.

[3] Bento XVI, Homilia, 24/04/2005.

[4] São Josemaria, Forja, n. 454.

[5] Ibid, Caminho, n. 463.

[6] São Gregório Magno, Homiliæ in Evangelia, 5, 3: PL 76, 1094 B.

[7] São Josemaria, Carta 15, n. 169.

[8] São Cipriano, De bono patientiæ, n. 15: PL 4, 631 C.

[9] São Josemaria, Carta 30, n. 28.

[10] Ibid., Carta pastoral, 01/11/2019, n. 9.

[11] São João Crisóstomo, Comment. in Matthaeum, Homilia XIX, n. 7: PG 57, 283.

[12] cf. São Josemaria, Sulco, n. 804.

[13] São Josemaria, Carta 15, n. 38.

[14] AGP, biblioteca, P01.

- [15] Bento XVI, Deus caritas est, n. 18.
- [16] São Josemaria, Carta 8, n. 4.
- [17] Francisco, Laudato si', n. 228.
- [18] São Josemaria, Forja, n. 28.
- [19] Ibid., Carta 2, n. 15.
- [20] Ibid., Carta 11, n. 23.
- [21] Ibid., Sulco, n. 767.
- [22] Ibid., Instrucción, 01/04/1934, n. 63.
- [23] São Josemaria, Amigos de Deus, n. 226.
- [24] Tertuliano, Apologeticum, 39: PL 1, 471.
- [25] São Tomás de Aquino, Summa theologiae, II-II, q. 24, a. 7 c.
- [26] São Josemaria, Carta 14/02/1974, n. 23.

[Voltar ao índice](#)

18. MENSAGEM POR OCASIÃO DA FINALIZAÇÃO DO CONGRESSO GERAL EXTRAORDINÁRIO (17/04/2023)

Queridíssimos, que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Acaba de terminar o Congresso geral extraordinário e desejo escrever-vos estas linhas para vos agradecer de novo as vossas orações. Estes foram dias em que pedimos de um modo especial a ajuda do Espírito Santo. Constatámos uma vez mais os laços de filiação e de fraternidade que nos unem, assim como o amor à Igreja e ao Santo Padre. Ao mesmo tempo, nos momentos de vida familiar que tivemos, foi fácil agradecer a Deus por tantas iniciativas de evangelização e de serviço a muitas almas em todo o mundo. Ao confluírem em Roma pessoas de tantos países, foi também natural ter muito presente todo o Opus Dei, todos os cooperadores e amigos, rezar uns pelos outros e, especialmente, por aqueles de vós que viveis em nações atingidas pela guerra, ou pelas diversas formas de pobreza e necessidade.

Durante os dias da semana passada, as vossas irmãs e os vossos irmãos congressistas puderam trabalhar com profundidade sobre as sugestões vindas de todas as regiões e está a tomar forma uma proposta de ajustes aos Estatutos, que responde ao pedido do Papa no *motu proprio* 'Ad charisma tuendum', e que será entregue à Santa Sé nos próximos meses.

Como vos disse na mensagem anterior, as sugestões que não eram aplicáveis àquilo que agora pede a Santa Sé poderão ser estudadas durante as próximas Semanas de trabalho e como preparação do próximo Congresso geral ordinário, que terá lugar em 2025. Como também vos adiantei, ao contrário de outros congressos onde são estabelecidas algumas prioridades apostólicas, o único objetivo neste caso era preparar a proposta anteriormente

mencionada. Por este motivo, o resultado final só será conhecido após o estudo da Santa Sé, a quem corresponde a última palavra.

Nos trabalhos destes dias fomos guiados por dois critérios fundamentais: a fidelidade ao carisma que São Josemaria recebeu no dia 2 de outubro de 1928, e a adesão filial à vontade expressa pelo Santo Padre. Como o Papa pediu no *motu proprio*, procurámos exprimir mais claramente a dimensão carismática da Obra (cf. ‘*Ad charisma tuendum*’, n. 4), que é vivida e realizada em comunhão com as igrejas particulares e com os bispos que as presidem. A Prelatura do Opus Dei é uma família, fruto de laços de paternidade, filiação e fraternidade.

Estes dias do congresso caracterizaram-se por uma atmosfera de serenidade e também de bom humor, e por uma participação ativa de todos e de todas. Cada um pôde intervir com total liberdade, tanto nos grupos de trabalho como nas sessões plenárias. Gostaria também de salientar que, ao estudar as sugestões, foi possível encontrar uma grande sintonia entre muitas pessoas de proveniência muito diversa, e de formação e cultura variadas. Foi uma manifestação eloquente de unidade em torno do “dom do Espírito recebido por São Josemaria” (‘*Ad charisma tuendum*’, preâmbulo).

Com a alegria da Páscoa, e com todo o carinho, vos abençoa
o vosso Padre
Fernando

[Voltar ao índice](#)

DISCURSOS E AULAS

19. CONFERÊNCIA “DILATAR O CORAÇÃO” (29/09/2022)

Algumas considerações sobre a ação social cristã à luz da mensagem de São Josemaria. Conferência proferida a 29 de setembro de 2022, em Roma, na jornada #BeToCare, que contou com a presença de 200 empreendedores sociais de 30 países.

Por ocasião do décimo aniversário de *Harambee*, D. Javier Echevarría proferiu a conferência *O coração cristão, motor do desenvolvimento social*¹. No 20.º aniversário da mesma iniciativa e no âmbito desta *Jornada sobre inovação social*, gostaria de continuar as reflexões do meu antecessor. À luz da doutrina social da Igreja e da mensagem de São Josemaria, debruçar-me-ei sobre a dimensão social da vocação cristã.

Há dez anos, D. Javier lembrava-nos que o diálogo entre Jesus e um doutor da Lei expressa que o amor a Deus é inseparável do amor aos outros: «quando um doutor da lei Lhe perguntou qual era o primeiro mandamento, o Senhor não Se limitou a indicar que o amor a Deus é o maior e o primeiro mandamento, mas acrescentou a necessidade de amar os outros como um mandamento incluído no primeiro (cf. Mt 22, 35-39)»².

É importante ter em mente a dimensão relacional da pessoa. Bento XVI, na encíclica *Caritas in veritate*, afirma: «a criatura humana realiza-se nas relações interpessoais: quanto mais as vive de forma autêntica, tanto mais amadurece a própria identidade pessoal». Esta realidade «*obriga a um aprofundamento crítico e axiológico da categoria da relação (...)*» e ajuda a «*ver lucidamente a dignidade transcendente do homem*»³.

Com modos e perspetivas muito diversas, dedicais-vos profissionalmente a cuidar e dignificar as pessoas, principalmente as mais necessitadas. Sabeis por experiência que, embora sejam necessárias instituições e estruturas, para alcançar um verdadeiro

desenvolvimento integral, é preciso também o encontro entre as pessoas, criar os contextos e as condições para que o desenvolvimento ocorra, para que a pessoa tenha a oportunidade de melhorar em todas as suas dimensões. Como discípulos de Jesus Cristo, somos chamados por um novo título – o de cristãos – a cuidar das pessoas, a cuidar do mundo.

O que vemos no mundo? Juntamente com as novas possibilidades de promoção humana oferecidas pelos avanços em saúde, tecnologia, comunicações e tantos exemplos inspiradores, as injustiças e feridas pelas quais a humanidade sangra vêm à tona. «No mundo atual, a pobreza apresenta muitos rostos diferentes: doentes e idosos que são tratados com indiferença, a solidão que muitas pessoas abandonadas experimentam, o drama dos refugiados, a miséria em que vive grande parte da humanidade, como consequência, muitas vezes, de injustiças que bradam aos céus»⁴.

Como também vos dizia numa carta de 2017, «Nada disto nos pode deixar indiferentes», todos nós somos chamados a pôr «em funcionamento a “*fantasia da caridade*”, para levar o bálsamo da ternura de Deus a todos os nossos irmãos que passam necessidades»⁵.

Quando o ser humano ignora ou desconsidera a sua condição de filho de Deus, todas as suas relações são afetadas: consigo mesmo, com os outros e com a criação. Como disse o Papa Francisco, a interdependência transforma-se em dependências, «perdemos esta harmonia da interdependência na solidariedade»⁶.

Somos corresponsáveis por cuidar do mundo, estabelecendo relações baseadas na caridade, na justiça e no respeito, sobretudo superando a doença da indiferença. São João Paulo II escreveu: «Sim, todo o homem é “guarda do seu irmão”, porque Deus confia o homem ao homem»⁷.

Boa parte das iniciativas que representais nasceu da inspiração de São Josemaria. E muitos de vocês, a partir da mesma inspiração, trabalhais em organizações de diferentes sinais e orientações porque

se sentiram pressionados a “fazer alguma coisa”, a não ficar de braços cruzados.

Está no cerne do espírito do Opus Dei fazer das realidades comuns um lugar de encontro com Deus e de serviço aos outros; a aspiração de pessoas maduras, sensíveis aos outros e profissionalmente competentes, que procuram fazer do mundo um lugar mais justo e fraterno. “Amar o mundo apaixonadamente” implica conhecê-lo, cuidar dele e servi-lo.

A atitude em relação às necessidades sociais foi resumida por São Josemaria numa carta publicada na década de 50 do século passado: «Um cristão não pode ser individualista, não pode ignorar os outros, não pode viver egoisticamente, de costas voltadas para o mundo: é essencialmente social, um membro responsável do Corpo Místico de Cristo»⁸.

Da mão do fundador do Opus Dei, nesta sessão debruçar-me-ei sobre quatro dimensões: a espiritual, a profissional, a pessoal e a coletiva.

A dimensão espiritual

Poderia parecer utópico pensar que somos capazes de fazer algo para aliviar o sofrimento da humanidade. No entanto, sabemos que é Jesus quem suporta a dor humana. As chagas do Seu lado, das mãos e dos pés lembram as chagas do mundo. E Jesus disse-nos: «Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes»⁹.

O caminho da identificação com Cristo transforma gradualmente o coração humano e abre-o à caridade. A união com o Senhor, nos sacramentos e na oração, leva a descobrir o próximo e suas necessidades e a dar menos atenção a si mesmo. A caridade muda o olhar. «A caridade de Cristo não é apenas um bom sentimento em relação ao próximo; não para no gosto pela filantropia. A caridade, infundida por Deus na alma, transforma a inteligência e a vontade por dentro: fundamenta sobrenaturalmente a amizade e a alegria de fazer o bem»¹⁰.

Há algum tempo, numa carta, convidei-vos a pedir ao Senhor que alargasse os nossos corações, que nos dê um coração à Sua medida «para que nele entrem todas as necessidades, as dores, os sofrimentos dos homens e das mulheres do nosso tempo, especialmente dos mais débeis»¹¹. Um coração orante, no meio do mundo, que sustenta e acompanha os outros nas suas necessidades.

A identificação com Jesus abre-nos às necessidades dos outros. Ao mesmo tempo, o contato com os necessitados leva-nos a Jesus. Por isso escreveu São Josemaria: «Os pobres – dizia aquele amigo nosso – são o meu melhor livro espiritual e o motivo principal das minhas orações. Dói-me a sua dor, e dói-me o sofrimento de Cristo neles. E, porque me dói, compreendo que O amo e que os amo»¹².

Jesus tinha uma predileção pelos pobres e pelos que sofriam, mas também queria ser Ele próprio necessitado e vítima. Na pessoa que sofre, vislumbramos Jesus que nos fala, como recordou o Papa Francisco: «Sabemos aprender com os pobres, encontrar neles o rosto de Cristo e deixar-nos evangelizar por eles?»¹³. Desde a Igreja primitiva se compreendeu que a mensagem evangélica passava pela preocupação com os pobres e que é um sinal reconhecível da identidade cristã e um elemento de credibilidade¹⁴.

A dimensão profissional

Queremos colocar Cristo no centro de todas as atividades humanas, santificando o trabalho profissional e os deveres quotidianos do cristão. Essa missão desenvolve-se no meio da rua, na sociedade, principalmente com o trabalho. Como nos recorda São Josemaria, «O trabalho comum – seja humanamente humilde ou brilhante – é de grande valor e pode ser um meio muito eficaz de amar e servir a Deus e aos outros homens». E convida a todos «a trabalhar – com plena autonomia, da maneira que lhes parecer melhor – para apagar mal-entendidos e intolerâncias entre os homens e tornar a sociedade mais justa»¹⁵.

Para aqueles que querem seguir Cristo, qualquer trabalho é uma oportunidade de servir os outros e especialmente os mais

necessitados. Há profissões em que essa repercussão social ocorre de forma mais imediata ou evidente, como no vosso caso, trabalhar em organizações centradas na melhoria das condições de vida de pessoas ou grupos desfavorecidos. Mas essa dimensão do serviço não é só para alguns, deve estar presente em qualquer trabalho honesto.

Desde que São Josemaria começou a difundir a sua mensagem, costumava dizer que para santificar o mundo não era necessário mudar de lugar, profissão ou ambiente. Trata-se de mudar a si mesmo no lugar em que nos encontremos.

No ideal cristão de trabalho, caridade e justiça estão unidas. Longe da lógica do "sucesso", o serviço ao próximo é o melhor parâmetro do desempenho profissional de um cristão. Atender às exigências da justiça no trabalho profissional é uma meta elevada e ambiciosa; cumprir as próprias obrigações nem sempre é fácil e a caridade vai sempre mais longe, pedindo a cada um que saia generosamente de si mesmo para os outros.

Na parábola do Bom Samaritano, o estalajadeiro passa como se estivesse em segundo plano: diz-se apenas que agiu profissionalmente. O seu comportamento lembra-nos que o exercício de qualquer tarefa profissional nos dá a oportunidade de servir a quem precisa.

Às vezes, poderia insinuar-se a tentação de “refugiar-se no trabalho”, no sentido de não descobrir a sua dimensão social transformadora, conformando-se com um falso espiritualismo. O trabalho santificado é sempre uma alavanca para transformar o mundo, e o meio habitual pelo qual devem ser produzidas as mudanças que dignificam a vida das pessoas, para que a caridade e a justiça empapem verdadeiramente todas as relações. O trabalho assim realizado pode contribuir para purificar as estruturas do pecado¹⁶, convertendo-as em estruturas onde o desenvolvimento humano integral é uma possibilidade real.

A fé ajuda-nos a manter a confiança no futuro. Como assegurou São Josemaria, «O nosso trabalho apostólico contribuirá para a paz,

para a colaboração dos homens entre si, para a justiça, para evitar a guerra, evitar o isolamento, evitar o egoísmo nacional e o egoísmo pessoal: porque todos perceberão que fazem parte de toda a grande família humana, que está dirigida pela vontade de Deus à perfeição. Assim contribuiremos para eliminar esta angústia, este medo por um futuro de rancores fratricidas, e confirmar a paz e a concórdia nas almas e na sociedade: a tolerância, a compreensão, o convívio, o amor»¹⁷.

A dimensão pessoal

A mensagem do Opus Dei encoraja-nos a lutar pela transformação do mundo através do trabalho. Isso também inclui "ter compaixão", como o samaritano¹⁸, como exigência de amor, que leva a lei ("o que é obrigatório"), à sua plenitude¹⁹. O amor torna a nossa liberdade cada vez mais disposta e preparada para fazer o bem.

São Josemaria escreveu numa carta datada de 1942: «A generalização dos remédios sociais contra os flagelos do sofrimento ou da indigência – que hoje permitem alcançar resultados humanitários que nem sequer se sonhavam noutros tempos –, nunca poderá suplantar a ternura eficaz – humana e sobrenatural – desse contato imediato e pessoal com o próximo: com aquele pobre de um bairro próximo, com aquele outro doente que vive a sua dor num grande hospital (...)»²⁰.

Apresenta-se perante nós um vasto panorama na família e na sociedade, e um coração dilatado procurará cuidar cuidadosamente dos pais idosos, dar esmola, interessar-se pelos problemas dos vizinhos, rezar por um amigo sobrecarregado por uma preocupação, visitar um familiar doente no hospital ou em casa, parar para conversar com uma pessoa que vive na rua que costumamos ver, ouvir pacientemente, etc., etc.

Normalmente, não se trata de adicionar novas tarefas àquelas que já realizamos; trata-se antes de tentar manifestar a partir da própria identidade o amor de Cristo aos outros. A questão da caridade não é

apenas o que devo fazer, mas, primeiro, quem sou eu para o outro e quem é o outro para mim.

Neste cultivar quotidiano da solidariedade, encontramos os outros e, assim, as necessidades dos outros tornam-se também ponto de encontro entre pessoas de boa vontade, cristãs ou não, mas unidas em situações de pobreza e injustiça.

Este diálogo com a necessidade e a vulnerabilidade certamente resultará numa pele sensível e numa vida de oração próxima da realidade. Estaremos preparados para tomar decisões de maior austeridade pessoal, evitando o consumismo, o apelo da novidade, o luxo... e saberemos abrir mão de bens desnecessários que talvez pudéssemos pagar devido à nossa situação profissional. Seremos assim permeáveis à mudança pessoal, a ter os ouvidos abertos ao Espírito Santo e escutar o que nos diz através da pobreza.

O relacionamento de Cristo com os necessitados é um a um. Certamente, as obras coletivas são necessárias, mas a caridade é pessoal, porque assim é a nossa relação com Deus. Numa cristã ou num cristão maduro, o desenrolar das obras de misericórdia²¹ vividas pessoalmente flui organicamente, como uma árvore que, ao crescer, dá mais fruto e sombra. Nesta perspetiva, percebe-se também a complementaridade que existe entre as várias manifestações do apostolado pessoal e a generosidade com os necessitados.

São Josemaria descreveu a transcendência social da caridade pessoal no meio do mundo, referindo-se ao exemplo dos fiéis da Igreja primitiva: «Foi assim que agiram os primeiros cristãos. Eles não tinham, por razão da sua vocação sobrenatural, programas sociais ou humanos a cumprir; mas eram permeados por um espírito, por uma conceção da vida e do mundo, que não poderia deixar de ter consequências na sociedade em que se moviam»²².

A dimensão coletiva

Não quero deixar de agradecer o bem que fazeis através do trabalho inspirado por São Josemaria e a quantos trabalham,

também por ele inspirados, em diversas organizações que prestam serviço direto aos mais necessitados. Penso naquele jovem sacerdote que cuidava dos pobres e doentes em Madrid na década de 1930. A «pedra que caiu no lago»²³ já percorreu um longo caminho. Apesar de estarmos cientes das nossas limitações, agradecemos a Deus e pedimos ajuda para melhorar e continuar.

As obras coletivas mantêm viva a sensibilidade social cristã e são uma expressão civil e pública de misericórdia. Como diz o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, «Sob tantos aspetos, o próximo a ser amado se apresenta “em sociedade” (...) amá-lo no plano social significa, de acordo com as situações, valer-se das mediações sociais para melhorar a sua vida ou remover os fatores sociais que causam a sua indigência. Sem dúvida alguma, é um ato de caridade a obra de misericórdia com que se responde *aqui e agora* a uma necessidade real e urgente do próximo, mas é um ato de caridade igualmente indispensável o empenho visando *organizar e estruturar a sociedade* de modo que o próximo não se venha a encontrar na miséria, sobretudo quando esta se torna a situação em que se debate um incomensurável número de pessoas e mesmo povos inteiros, situação esta que assume hoje as proporções de uma verdadeira e própria *questão social mundial*»²⁴.

São Josemaria recordou que «o Opus Dei [deve estar presente] onde há pobreza, onde há falta de trabalho, onde há tristeza, onde há dor, para que a dor seja carregada com alegria, para que a pobreza desapareça, para que não falte trabalho – porque formamos as pessoas para que possam tê-lo –, para que coloquemos Cristo na vida de cada um, na medida em que ele quer, porque gostamos muito da liberdade»²⁵. Com as limitações típicas das instituições humanas, as realidades coletivas promovidas pelos fiéis do Opus Dei procuram também encarnar e expressar o espírito de serviço no âmbito social.

Na vossa atividade fundem-se todas as dimensões que consideramos: fundamento espiritual, trabalho profissional e cuidado dos necessitados tomados como grupo (caridade social) em que também se afirma a dignidade de cada um (caridade pessoal).

Assim, a competência profissional necessária numa área que exige cada vez mais especialização combina com o espírito cristão expresso nas obras de misericórdia. Pode dizer-se que os aqui presentes que promovem ou colaboram com essas tarefas aspiram a ser samaritanos e estalajadeiros ao mesmo tempo.

Por outro lado, cada tarefa coletiva, e não apenas as diretamente captadas como "sociais", pode ter uma dimensão social explícita, uma preocupação com o ambiente, alguns objetivos de serviço aos outros, uma forma de se relacionar com os pobres, uma intenção de reconciliar o mundo com Deus... Toda a obra coletiva de inspiração cristã (um colégio, uma universidade, uma escola de negócios, um hospital, uma residência etc.), embora a sua missão imediata não consista em favorecer grupos necessitados, deve integrar no seu *ethos* esta característica central do cristianismo que é a caridade social.

Nesse sentido, é lógico que cada obra coletiva habitualmente se pergunte sobre as expressões práticas e tangíveis da sua contribuição social e do seu serviço às pessoas mais necessitadas. Essa contribuição é um efeito conatural dessa atividade, não um simples acréscimo.

Convém perguntar-se: “desde que existe esta iniciativa, a que necessidades sociais procura dar resposta? Como melhorou o ambiente?”. O Senhor pede-nos que, a partir da imaginação da caridade, reflitamos sobre este aspeto em cada tarefa.

No horizonte do centenário do Opus Dei (2028-2030)

Os próximos anos propiciam uma ocasião especial para revitalizar o serviço aos necessitados individual ou coletivamente, tomando mais consciência da sua importância na mensagem de São Josemaria. Nisso, as vossas ideias e propostas, que se dedicam imediatamente a este campo, são especialmente valiosas.

Junto aos temas que ireis propor, sugiro duas possíveis linhas de reflexão.

Trabalhar com outras pessoas. São Josemaria sempre encorajou os fiéis da Obra a abrirem-se, a trabalhar com muitas outras pessoas, inclusive não-católicos e não-cristãos, em projetos de serviço. A globalização fez com que a distribuição de recursos, as migrações, a falta de acesso à educação, a concatenação de crises económicas, pandemias e outros desafios afetassem cada vez mais pessoas. A dependência mútua da família humana é vividamente percebida e o mundo é visto como um lar compartilhado. As instituições de desenvolvimento de todos os tipos estão a tornar-se cada vez mais indispensáveis e a ideia de colaboração e coordenação de conhecimentos e esforços está a surgir. Numa altura em que o sofrimento é algo global, devemos sentir-nos mais do que nunca filhos do mesmo Pai.

Investigação e estudo. O vosso trabalho coloca-vos em observatórios donde podeis vislumbrar tendências futuras. Esta posição, aliada a extensas experiências de trabalho na área do desenvolvimento em diferentes culturas e países, permite-nos pensar em espaços específicos de investigação e estudo. Isso poderia dar origem a propostas de boas práticas, programas de formação de voluntários, trabalhos de consultoria, convocatórias para conferências e encontros com instituições congéneres sobre o tema ou afinidades regionais, convénios com centros académicos para aprofundar questões sociais sob diferentes perspetivas, combinando o trabalho de campo com investigação académica. Estas possibilidades recordam a aspiração de São Josemaria, que via os cristãos “*in ipso ortu rerum novarum*”, na própria origem das mudanças sociais.

Gostaria de concluir com outras palavras fortes e inspiradoras de São Josemaria: «Um homem ou uma sociedade que não reaja diante das tribulações ou das injustiças e se não esforce por as aliviar, não é um homem ou uma sociedade à medida do amor do Coração de Cristo. Os cristãos – conservando sempre a mais ampla liberdade quando se trata de estudar e de pôr em prática as diversas soluções, segundo um pluralismo bem natural – terão de convergir no mesmo anseio de servir a humanidade. Se não, o seu cristianismo não será a

Palavra e a Vida de Jesus: será um disfarce, um embuste feito a Deus e aos homens»²⁶.

Esperemos que a reflexão que hoje iniciamos com vista ao centenário da Obra sirva para aprofundar este apelo do nosso fundador e para concretizar a nível espiritual e pessoal, no trabalho profissional e em todos os aspetos sociais e educativos iniciativas que, de uma forma ou de outra, encontram inspiração na sua mensagem. Neste campo, como noutros, aplicam-se as palavras de São Josemaria: tudo está feito e tudo está por fazer. Certamente nos encorajaria a continuar a sonhar.

[1] Javier Echevarría, conferência O coração cristão, motor do desenvolvimento social, outubro de 2012, Pontifícia Universidade da Santa Cruz.

[2] Ibid.

[3] Bento XVI, Caritas in veritate, 29/06/2009, n. 53, sublinhado no original.

[4] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 14/02/2017, n. 31.

[5] Ibid.

[6] Francisco, Audiência geral, 02/09/2020.

[7] São João Paulo II, Evangelium vitae, 25/03/1995, n. 19.

[8] São Josemaria, Cartas (Vol. I), edição crítica e comentada, elaborada por Luis Cano, Rialp, Madrid 1ª edição, 2020, Carta n. 3, 37d, p. 188.

[9] Mt 25, 40.

[10] São Josemaria Escrivá, Cristo que passa, edição crítico-histórica elaborada por Antonio Aranda, Rialp, 2013, Madrid, homilia O respeito cristão pela pessoa e pela sua liberdade, 71d, p. 442.

[11] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 14-02-2017, n. 31.

[12] São Josemaria, Sulco, n. 827.

[13] Francisco, Mensagem V Jornada mundial dos Pobres, 14/11/2021.

[14] cf. Bento XVI, Deus caritas est, 25/12/2005, n. 20.

[15] São Josemaria, Conversaciones..., edição crítico-histórica preparada sob a direção de José Luis Illanes, Rialp, Madrid, 2012, n. 56.

[16] cf. São João Paulo II, Sollicitudo rei socialis, 30/12/1987, n. 36.

[17] São Josemaria, cit., Cartas, Vol. I, Carta n. 3, n. 38a e 38b, pp. 188-189.

[18] cf. Lc 10, 33.

[19] cf. Rom 13, 8-10.

[20] São Josemaria, Carta 24/10/1942, n. 44: AGP, série A.3, 91-7-2.

[21] cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 2447.

[22] São Josemaria, Carta 09/01/1959, n. 22.

[23] São Josemaria, Caminho, n. 831.

[24] Compêndio da Doutrina Social da Igreja, n. 208.

[25] São Josemaria, Um olhar para o futuro do coração de Vallecas, Madrid, 1998, p. 135 (palavras pronunciadas em 01/10/1967).

[26] São Josemaria, Cristo que passa, n. 167.

[Voltar ao índice](#)

20. DISCURSO NA CERIMÓNIA DE ABERTURA DO ANO ACADÉMICO DA UNIVERSIDADE PONTIFÍCIA DA SANTA CRUZ (03/10/2022)

Toda a Igreja empreendeu o caminho sinodal a que o Santo Padre nos tem chamado repetidamente. Para além de recordarmos a participação pessoal de alguns membros da nossa Universidade nas diversas etapas deste caminho, gostaria hoje de refletir sobre como o espírito de sinodalidade pode estar presente na vida universitária. De facto, este “caminharmos juntos”, através do encontro, da escuta e do discernimento pode também ser vivido no seio de uma realidade académica.

Este “caminharmos juntos” dá um novo sentido às relações dos estudantes com os professores, com as autoridades académicas, o pessoal técnico-administrativo e todos aqueles que, de alguma forma, colaboram na vida da Universidade. O próprio trabalho dos professores é um “caminhar juntos” que decorre num clima de serviço, de respeito e da valorização de cada pessoa. Neste percurso, os estudantes enriquecem-se ao assimilarem a excelência dos conhecimentos dos seus professores e o estilo com que realizam o seu trabalho, em que a exigência e a seriedade andam de mãos dadas com a atenção a cada pessoa. Este “caminhar juntos” afeta também a investigação universitária, que os professores realizam graças sobretudo à participação ativa dos estudantes nas aulas, nos seminários e, particularmente, através da elaboração das suas dissertações e teses de doutoramento. As relações com as autoridades académicas – dos departamentos e institutos, das faculdades, da reitoria ou da chancelaria – devem inspirar-se num assumir fiel e leal de tudo o que o bem comum da Instituição exige, e devem estar imbuídas de um profundo sentido de serviço no desempenho de todos os cargos de governo. O “caminhar juntos” inclui também a relação de confiança e de cooperação entre docentes, estudantes e pessoal não docente, que desempenham outras tarefas na Universidade e contribuem, com igual importância,

para a criação de um ambiente humano agradável e estimulante. Referimo-nos a todas as atividades de apoio à gestão da universidade, aos serviços facultados pela Biblioteca, aos serviços administrativos, à edição de publicações, aos serviços informáticos, aos diferentes secretariados, à organização de eventos e a todos os outros serviços, como a manutenção das instalações materiais, os serviços de portaria e a limpeza. Finalmente, importa sublinhar o caminho comum da Universidade com os numerosos benfeitores de todo o mundo, cujo apoio é indispensável – vital – para a própria existência da comunidade académica.

O encontro interpessoal e a escuta são aspetos que devem estar presentes em toda a vida universitária. As atividades académicas exigem, antes de mais, uma atitude constante de escuta e de valorização de todos os intervenientes, sem confusão de papéis. Das várias formas de encontro e de escuta, gostaria de recordar três que me parecem especialmente importantes: a interdisciplinaridade, que pressupõe a abertura recíproca das diversas formas de conhecimento, unidas na procura da verdade e na criação de sinergias com outras instituições universitárias; a colegialidade na governação a todos os níveis, na qual a colaboração de todos, incluindo estudantes e pessoal não docente, é inestimável; e os cuidados com a comunicação externa e interna, que tanto nos ajuda neste “caminharmos juntos”.

O facto de nos reunirmos e nos ouvirmos uns aos outros é também importante, porque promove o necessário discernimento em todas as decisões, grandes ou pequenas, que são tomadas para o bem da universidade. Ao mesmo tempo, quando uma decisão é tomada, é necessário aceitar as disposições legítimas ditadas pelas autoridades, eclesiásticas e civis, cada uma na sua esfera de competência. Nos últimos dois anos, a experiência das medidas tomadas para lidarmos com a pandemia causada pela Covid foi um excelente exemplo de cumprimento leal das regras ditadas pelas autoridades civis, combinadas com um espírito de iniciativa para enfrentar e superar as dificuldades. E foi também uma grande oportunidade para potenciar certos aspetos do trabalho universitário, como o uso de atividades

online, tanto científicas como de divulgação, que antes eram pouco acessíveis. De facto, a todos os níveis, todas as decisões, para além de se tomarem sempre de acordo com a identidade de uma universidade eclesial como a nossa, que tem características específicas, devem ser sempre tomadas numa perspectiva que valorize positivamente o ensino, a investigação e o serviço que a Universidade da Santa Cruz é chamada a prestar à Igreja e à sociedade civil.

Gostaria de concluir estas brevíssimas reflexões sublinhando como estes aspetos do espírito sinodal estão em sintonia com o património espiritual desta universidade, inseparavelmente unido ao carisma do Opus Dei. A mensagem e a vida de São Josemaria devem inspirar constantemente esta comunidade académica, tal como inspiraram, numa fidelidade exemplar a esse carisma, a realização do projeto do fundador do Opus Dei, que desejava vivamente esta universidade, graças também à laboriosa fidelidade do Bem-Aventurado Álvaro del Portillo, seu sucessor e primeiro reitor. Entre os muitos aspetos deste património espiritual, gostaria de mencionar apenas um, que é verdadeiramente central: a consciência de que devemos realizar o nosso trabalho universitário tendo como meta a sua santificação. Este “caminharmos juntos”, que o Papa Francisco tem recomendado frequentemente, é inseparável da procura da santidade pessoal de cada um de nós, uma santidade que se realiza através do cumprimento dos nossos próprios deveres profissionais. Verifica-se assim a tríplice dimensão tantas vezes sublinhada por São Josemaria: santificar o trabalho, santificar-se no trabalho, santificar os outros com o trabalho.

Com a esperança de que saibamos encarnar o espírito sinodal e permanecer sempre operativamente fiéis ao património espiritual que sustenta esta universidade, declaro aberto o ano académico de 2022/2023.

[Voltar ao índice](#)

21. AULA SOBRE A SANTIFICAÇÃO DO TRABALHO (17/02/2023)

Colégio Romano de Santa Maria, Roma

Lembro-me de como o nosso Padre falava do trabalho como «o gonzo da nossa santificação»¹, à volta do qual tudo gira. E juntamente com o trabalho, a Eucaristia – centro e raiz da vida cristã – e a filiação divina são os elementos que resumem toda a nossa espiritualidade.

O trabalho é uma realidade santificável e santificadora. Para além do valor natural que tem e que abrange todos – porque, quer queiramos quer não, a pessoa humana trabalha: mesmo quem finge que não, quem quer «descansar» muito, acaba por trabalhar –, com a graça de Deus, significa muito mais, especialmente para nós.

Em *Cristo que passa*, o nosso Padre afirma: «ao ser assumido por Cristo, o trabalho apresenta-se-nos como uma realidade redimida e redentora: é, não só o âmbito em que o homem vive, mas também meio e caminho de santidade, realidade santificável e santificadora»² São palavras que conhecemos muito bem, pois as teremos meditado e certamente as teremos explicado no nosso trabalho apostólico. E são, como tudo o que faz parte do nosso diálogo com Deus, objeto de aprofundamento, de compreendê-las cada vez mais e, sobretudo, de vivê-las melhor.

Santificar-se e santificar o trabalho

Vários aspetos podem ser destacados destas palavras de São Josemaria. Uma questão óbvia e principal é que uma pessoa não se santifica apenas enquanto trabalha, mas que o trabalho em si é santificável. Parece uma distinção sem importância, mas tem-na. Não se trata de acrescentar algo à realidade humana do trabalho, por exemplo, enquanto faço esta tarefa vou dizer muitas jaculatórias. É muito bom dizer jaculatórias, mas não é disso que se trata. Santificar

o trabalho é santificar-me no exercício da minha profissão, ou seja, que a própria ação de trabalhar me santifique.

O resultado do trabalho não é santo por si só – a mesa, por muito bem que eu a tenha feito, não é santa em si mesma – mas a ação pela qual eu a faço pode sê-lo. De forma análoga, podemos dizer que o resultado do trabalho também é santificado, no sentido de que lhe confere valor acrescentado. Mas o fundamental é que a ação humana de trabalhar é o que é santificável, pela graça de Deus. E, como a ação é santificável, isso faz com que quem a pratica se santifique. E daí a união entre santificar o trabalho como ação e santificar-se no trabalho.

Santificar os outros

O terceiro aspeto é santificar os outros com o trabalho, na medida em que – sendo uma realidade santificada – pode influenciar, através da Comunhão dos Santos, o mundo inteiro e pode ser oferecido por intenções apostólicas e, portanto, ser um instrumento para santificar outras pessoas.

Portanto, santificar o trabalho é santificar a ação de trabalhar, que é uma ação da pessoa; e, se a ação for santificada, a pessoa também será santificada. E com isso torna-se possível, através da Comunhão dos Santos, santificar outros. Ao simplesmente oferecer o trabalho, já se influencia a santificação dos outros.

E destes três aspetos, qual é a raiz? Evidentemente, santificar a ação de trabalhar. Porque, quando santifico a ação, santifico-me a mim mesmo. Esta é a raiz dos outros dois aspetos: na medida em que santifico a ação de trabalhar, santifico-me no trabalho e posso santificar os outros.

Põe um motivo sobrenatural...

Vê-se então que o fundamental é santificar a própria ação de trabalhar. Mas, como se santifica uma ação? Pelo amor, quando se exerce em união com o Senhor através da caridade. E isto consegue-se no trabalho – embora seja útil para todas as ações – fazendo o que nos dizia o nosso Padre em *Caminho*: «Dá um motivo sobrenatural à

tua atividade profissional de cada dia, e terás santificado o trabalho»³.

Entendido superficialmente, pode parecer algo extrínseco: ponho uma intenção e pronto; como se fossem duas coisas diferentes: a tarefa e a intenção. Por exemplo: «Vou pôr como intenção a conversão da China e não importa como trabalhe, já o santifiquei». Não se trata disso. A intenção não é algo acrescentado, deve ser algo intrínseco. E qual é a intenção ou motivo sobrenatural que basta para que o trabalho seja santificado? Fazê-lo por amor a Deus e, inseparavelmente, por amor aos outros.

Há uma frase da Escolástica – certamente é de São Tomás de Aquino, e embora não seja literal, o conceito sim, é-o – que diz: *finis est causa causalitatis in omnibus causis*⁴. É uma frase de grande profundidade, embora possa soar como um trava-língua. Afirma que “a finalidade é a causa da causalidade das outras causas”. Ou seja, as causas materiais e formais dependem da causa eficiente que ponho.

Quando o motivo sobrenatural é verdadeiramente assumido como a causa final – isto é, o que procuro como objetivo final nesse trabalho é amar a Deus, e amar e servir os outros – necessariamente trabalho bem e santifico-me a mim mesmo e a essa tarefa. O resultado é o melhor possível, dentro das minhas limitações. Se o objetivo de alguém é amar a Deus e servir aos outros, necessariamente tenta trabalhar o melhor possível. E, conseqüentemente, o resultado – o objeto material e formal – também é o melhor. Portanto, como afirma o nosso Padre, tudo depende do motivo, que é amar a Deus e servir os outros.

Eu, porquê e para quê trabalho?

Isto é muito importante, pois responde a uma pergunta nevrálgica: “eu, porquê e para quê trabalho?” O trabalho santificador é central no espírito da Obra, é a chave. Por isso tenho que me perguntar de vez em quando por que estou a trabalhar: se é para me livrar dele o mais rápido possível para ir descansar, para ficar bem, para me agradar.... Podem-se misturar, por fraqueza nossa, razões

infinitas. Mas devemos voltar ao fundamental, que é fazer as coisas para nos unirmos a Deus, servir a Deus e amar os outros.

A retidão de intenção é muito importante, pois é o que nos orienta em tudo, o que retira ou acrescenta valor ao que fazemos. Trata-se da motivação para que o trabalho seja santificado, mesmo quando saia materialmente mal. Pode-se colocar um motivo sobrenatural e profundo de amar a Deus e de servir, e então o trabalho pode não dar certo, porque a pessoa é desajeitada ou por qualquer motivo. Embora também se possa enganar e dizer: «faço tudo pelo amor de Deus» e então... ‘vale tudo’⁵! E não me esforço. Se eu realmente pus esse motivo sobrenatural, o normal será esforçar-me. E se não, podemos retificar, reconhecê-lo sem desanimar e lutar novamente. Graças a Deus podemos santificar com tarefas que dão errado, porque basta a razão sobrenatural. Está tudo lá!

O nosso Padre, numa das suas cartas, diz: «Uma parte essencial dessa obra – a santificação do trabalho ordinário – que Deus nos confiou é o bom desempenho do próprio trabalho, também a perfeição humana, o bom cumprimento de todas as obrigações profissionais e sociais».⁶ Centra-se no resultado, porque é indissociável do anterior. Se a santificação da profissão depende do motivo sobrenatural, quando um trabalho é levado a sério como finalidade, leva necessariamente a fazê-lo bem; por isso afirma que a perfeição humana é parte essencial.

Todo o trabalho honesto

Uma consequência consoladora é que todo o trabalho honesto é importante, porque pode ser feito por um motivo sobrenatural, que é o amor a Deus e o serviço aos outros. Todo o trabalho – grande ou pequeno, importante ou menos importante humanamente – pode ser matéria e canal de identificação com Cristo. O nosso Padre dizia: «Não sei o que é mais importante, se o trabalho de um trabalhador manual ou o do Presidente da República. Depende do amor de Deus com que o façam»⁷. São distintos quanto às consequências que têm ou pela influência que podem produzir, mas, pelo que vai permanecer para a vida eterna e pelo significado que tem para a

pessoa que o realiza, o de um trabalhador pode valer muito mais do que o do Presidente da República.

O nosso Fundador costumava repetir que o motivo sobrenatural pelo que se realiza a santificação do trabalho é o amor: «Convém não esquecer, portanto, que esta dignidade do trabalho está fundamentada no Amor. O grande privilégio do homem é poder amar, transcendendo assim o efêmero e o transitório. O homem pode amar as outras criaturas, dizer um tu e um eu cheios de sentido. E pode amar a Deus, que nos abre as portas do Céu, que nos constitui membros da sua família, que nos autoriza a falar também de tu a Tu, face a face»⁸. Destas palavras, com as quais São Josemaria termina falando do céu, não devemos esquecer que a dignidade do trabalho se funda no amor e se santifica quando é governada e informada pelo amor a Deus e aos outros homens.

Neste contexto, também é bonito e emocionante considerar que não trabalhamos sozinhos, porque o Senhor está connosco. O amor é unitivo, o amor une-nos a um Deus que – pela graça – já está metido nas nossas vidas. Portanto, não é só que oferecemos o nosso trabalho a Deus, mas que Deus trabalha connosco, somos instrumentos de Deus enquanto trabalhamos. Na medida e na proporção em que o santificamos, é trabalho de Deus. Por isso o nosso Padre gostava de falar do Opus Dei como *operatio Dei*. Tudo o que fazemos é trabalho de Deus, porque Ele também o faz connosco, somos instrumentos nas Suas mãos.

Isso deve dar-nos uma grande segurança quando experimentamos que as coisas saem mal, que nos esquecemos de oferecer a tarefa, porque conhecemos esta doutrina, que é preciosa. Ainda não a vivemos plenamente, mas não importa, temos de lutar e não desanimar. *Nunc coepi!* Agora começo, e nunca sozinho. O meu trabalho é trabalho de Deus.

Serviço e equipa

Outro aspeto relevante desta doutrina ilumina-se quando consideramos que todo o trabalho humano é serviço. Convém

lembrar a dependência do nosso trabalho do das outras pessoas, pois muitas vezes – porventura sempre –, de forma muito explícita ou menos óbvia, o nosso trabalho depende do de outras pessoas e vice-versa. Estão concatenados.

Por isso é importante facilitar o trabalho dos outros quando depende do nosso. Muitas vezes é assim. Quando é feito em equipa é evidente, mas também na vida quotidiana, nas tarefas que temos – por exemplo, de realizá-las pontualmente depende que outras pessoas consigam fazer as suas a tempo. E assim há uma série de concatenações entre umas pessoas e outras que não podemos ignorar, pensando: «faço o que me compete e os outros que se arranjam». Parte de fazer bem o trabalho é pensar em como influencia o trabalho dos outros e, portanto, facilitar, ou pelo menos não dificultar, a tarefa dos outros, talvez com atrasos ou fazendo-a mal. Para santificar o trabalho temos de pensar em como facilitamos o trabalho daqueles que nos rodeiam.

Outra dimensão é a santificação das relações interpessoais, que são parte da profissão. É importante facilitar o trabalho, mas também torná-lo agradável, cuidar do espírito de serviço, ajudar outras pessoas que não conseguem sem o fazer notar. O nosso Padre insistiu nisso: quando vemos que uma pessoa não consegue terminar a sua tarefa, nós ajudamo-la sem que ela se aperceba, na medida do possível. A fraternidade no trabalho faz parte da santificação, porque toda a vida humana está interligada.

* * *

Devido à unidade de vida, o trabalho é crucial e essencial nas nossas vidas. Gostaria de trazer à colação um texto da *Instrução sobre o espírito sobrenatural da Obra*, em que o nosso Padre fala do trabalho dentro da unidade de vida: «Unir o trabalho profissional à luta ascética e à contemplação – algo que pode parecer impossível, mas é necessário para contribuir para a reconciliação do mundo com Deus – e converter esse trabalho quotidiano num instrumento de santificação e de apostolado pessoal. Não é este um ideal nobre e grande pelo qual vale a pena dar a vida?»⁹

[1] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 81.

[2] *Ibid.*, *Cristo que passa*, n. 47.

[3] *Ibid.*, *Caminho*, n. 359.

[4] cf. Tomás de Aquino, *De principiis naturæ*, cap. 4.

[5] N.T: no original: “*ancha es Castilla*”, expressão que, com o tempo, acabou por ganhar esse sentido.

[6] São Josemaria, *Carta*, 31/5/1954, n. 18.

[7] Apontamentos da pregação de São Josemaria, 06/02/1967; em *Obras* abril de 1967, p. 20-21 (AGP, Biblioteca, PO3).

[8] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 48.

[9] São Josemaria, *Instrução*, 19/03/1934, n. 33.

[Voltar ao índice](#)

22. DISCURSO NA CERIMÓNIA DE ABERTURA DO ANO ACADÉMICO DA UNIVERSIDADE PONTIFÍCIA DA SANTA CRUZ (03/10/2023)

Eminências, Excelências, Professores, Colaboradores, Estudantes, Senhoras e Senhores,

No início de um novo ano académico, é lógico olhar para os meses que temos pela frente com entusiasmo e esperança. O entusiasmo é a atitude daqueles que se dispõem a empreender um novo caminho ou uma nova etapa. A meta, evidentemente, não é apenas a conclusão do ano ou a aprovação nos exames, mas o crescimento integral de toda a comunidade académica, em termos de conhecimento, investigação científica, interação com outras realidades académicas, eclesiais e civis.

Ao mesmo tempo, aqueles que empreendem um novo caminho sabem que haverá dificuldades ao longo do percurso. Por isso é necessário alimentar a esperança, que é a expectativa confiante no cumprimento dos planos de Deus.

Estas duas atitudes, entusiasmo e esperança, são válidas para os desafios que esperam a nossa comunidade académica durante o próximo ano, e são válidas, também, para cada um de nós como membros do Povo de Deus.

As próximas semanas estarão marcadas pela Assembleia Sinodal, e é importante rezar em união com o Santo Padre e viver estas semanas com a esperança própria dos filhos de Deus. Como o Papa Francisco gosta de nos recordar: “O Espírito Santo [no Pentecostes] cria uma grande diversidade, que parece uma grande desordem. Mas o mesmo Espírito que dá a diversidade de carismas é o mesmo Espírito que cria a unidade”.

O entusiasmo e a esperança são componentes da audácia que cada nova etapa de um caminho exige. Ousadia para identificar projetos capazes de alargar os horizontes da universidade, como os

interdisciplinares que foram selecionados nos meses anteriores; audácia para tomar decisões que terão repercussões importantes no futuro e para as quais é necessário pensar no bem daqueles que virão depois de nós.

Conseguiremos viver todos estes elementos se nos comprometermos a fazer bem o nosso trabalho, cada um no seu papel. Estudantes, professores e pessoal técnico-administrativo, todos somos chamados a rezar com o nosso trabalho.

Este apelo está no coração da mensagem que Deus confiou a São Josemaria, fundador do Opus Dei e inspirador desta universidade. Na sua obra *Caminho*, escreveu: «Dá um motivo sobrenatural à tua atividade profissional de cada dia, e terás santificado o trabalho». Isto é também um incentivo para ver a dimensão do bem que o trabalho, se oferecido a Deus, pode ter, não só para os diretamente envolvidos, mas para toda a humanidade.

Na esperança de que este espírito nos ajude a olhar para o futuro com confiança, declaro aberto o ano académico de 2023/2024.

[Voltar ao índice](#)

23. AULA SOBRE O MODO DE FORMAR NA DIREÇÃO ESPIRITUAL (08/10/2023)

Durante a sua estada em Lisboa, o Prelado do Opus Dei deu uma aula sobre o modo de formar na direção espiritual. Nela, falou da prioridade da ação do Senhor e de cuidar em primeiro lugar a própria vida interior.

Nesta aula, trata-se de recordar algumas ideias que já procuramos viver, mas que, como em tudo, podemos sempre melhorar. Também não basta recordar coisas que já conhecemos, mas sim de que podemos tirar alguns propósitos concretos para melhorar a tarefa de ajudar os nossos irmãos através da direção espiritual.

A primeira ideia que nos pode vir à cabeça é a de que a formação tende a formar Cristo nas almas. Não se trata principalmente de adquirir ideias. Naturalmente, é necessário conhecer o espírito da Obra e a figura do nosso Padre, pois somos uma família e a formação abarca muitos campos. Contudo, tudo isto se orienta a identificar-nos com Jesus Cristo.

Esse é um ponto fundamental que não podemos esquecer. Não se trata de uma ideia bonita, mas geral, teórica; é mais concreta do que talvez possa parecer. Quando procuramos ajudar a crescer nas virtudes, o que procuramos é precisamente identificar-nos com Quem é perfeito Deus e perfeito homem, Jesus Cristo. Também podemos unir o humano com o divino no nosso dia a dia, vivendo com sentido sobrenatural as realidades quotidianas: a família, o trabalho, o descanso, as relações de amizade, etc.

Podemos recordar o que dizia o nosso Padre a propósito da tarefa de direção espiritual: «O modelo é Cristo; o modelador, o Espírito Santo, por meio da graça». Isto tem muitas consequências práticas. Que o modelador seja o Espírito Santo leva-nos, de modo muito imediato a que, perante qualquer meio de formação – atender uma

conversa, dar um círculo, etc. –, o principal seja pedir luz, pois é o Paráclito que forma. Logicamente, temos que preparar bem o que vamos dizer – pensar, fazer um esquema, ver as fontes... –, mas nesse processo – tanto antes, como durante e depois – podemos pedir ajuda ao Senhor para que seja Ele a atuar, a modelar. E há muitos modos de o fazer. Podemos rezar, por exemplo, antes de ter uma conversa com alguém: «Espírito Santo, fala Tu através de mim, porque toda a eficácia vem, não de mim, mas da Tua graça».

Nós não somos o modelo, mas sim Cristo. É certo que temos que aproveitar a experiência que adquirimos na vida e nos nossos anos na Obra, mas será só isso, experiência, porque não somos nós o referente. Portanto, não transmitiremos ideias pessoais. Isto não quer dizer que não tenhamos que fazer próprio o que dizemos, mas o que temos que transmitir é o Evangelho e o espírito que Deus quis para a Obra. Naturalmente, depois cada um fá-lo de um modo pessoal, mas com o cuidado de não expor ideias que sejam puro personalismo nosso. Aí entra em jogo saber discernir entre o que é aproveitar a própria experiência, que é muito bom para ajudar os outros, e o que é transmitir ideias que podem ser absolutamente opináveis.

Não ser modelos nem modeladores não nos tira responsabilidade nem desejo de ajudar, pois somos instrumentos vivos do Senhor. E temos que ver assim toda a formação: não estamos a transmitir algo nosso, mas estamos a ser instrumentos de Deus.

Ninguém dá o que não tem

É normal que, quando dermos um conselho, nos apercebamos de que, em primeiro lugar, o teríamos que aplicar a nós próprios, pois também precisamos de melhorar. Neste sentido, ajuda ter presente aquela cena do Evangelho em que o Senhor pergunta a Pedro três vezes: «Amas-me?». A cada resposta afirmativa do apóstolo, Jesus replica: «Apascenta os meus cordeiros», que é como se dissesse: «Para poder apascentar, orientar e ajudar os outros precisas, antes de mais nada, de me amares com todo o teu coração».

Lembro-me de que, numa tertúlia, alguém perguntou ao nosso Padre: «Para os que somos diretores ou damos meios de formação, que é o principal?». E o nosso fundador disse: «O mais importante para o diretor é o diretor». Quando damos um conselho ou falamos sobre um tema, nós também temos que lutar nesse mesmo ponto. Ninguém pode dar o que não tem, embora seja certo que, no fim de contas, acabamos por dar mais do que temos, pois é o Espírito Santo que modela. Por isso, o primordial é a nossa própria relação com Deus.

A nossa vida interior é o pressuposto, porque o Senhor assim o quer, para ajudar os outros, embora tantas vezes – e será muito normal – tenhamos que orientar pessoas que são muito melhores que nós, também mais velhas em idade ou com mais tempo em Casa. Como não formamos pelas nossas ideias, mas sim pelo espírito da Obra, podemos ajudar, formar e fazer crescer essas personas. Podemos ajudar precisamente porque não estamos a dar do que é nosso, mas do que é de Deus, do que é o espírito da Obra. Nem modelos nem modeladores, mas com a responsabilidade esplêndida de sermos instrumentos do Modelador e instrumentos do Modelo.

Na direção espiritual, orientamos com conselhos. Portanto, não podemos dar ordens nem mandatos. Em poucas ocasiões, poderão ser conselhos imperativos, mas não pela nossa autoridade, mas pela do Senhor. Dando um exemplo absurdo por ser tão evidente, podemos dizer a uma pessoa que não é lícito matar. Isto é um conselho imperativo, mas não por sermos nós a dizê-lo, mas pela lei de Deus. De qualquer modo, isto não é frequente. Em tudo o que não for isso, não se dão conselhos imperativos de tipo «tem que se fazer isto». Tenta-se explicar a vantagem e a necessidade desse conselho, talvez também das suas concretizações práticas, mas dando sempre liberdade.

Na altura de aconselhar e de ajudar a formular a luta interior – quer seja nos meios de formação pessoais, quer nos coletivos –, é importante não cair na casuística. Deste modo, evita-se formar pessoas voluntaristas e fomenta-se que as coisas se façam por amor a

Jesus Cristo. Isto não é só uma questão sentimental, pois por vezes (de facto, pode ocorrer com frequência) o amor a Cristo não se traduzirá num afeto sensível, mas antes numa decisão séria da vontade e da liberdade, numa convicção profunda. Assim fomentamos essa liberdade de espírito como capacidade de amar o Senhor e os outros. Para isso, podemos ligar a vida interior das pessoas – em primeiro lugar, a nossa, e a dos outros, na medida em que nos corresponder ajudar – a uma dimensão apostólica de preocupação pelas almas. Ou seja, fazer ver a dimensão apostólica que tem, pela comunhão dos santos, qualquer das nossas lutas, até as mais pequenas.

Nesta mesma linha, na formação podemos fazer ver que não estamos sós e consolar as pessoas, pois na vida não faltam dificuldades. Deste modo, semeamos paz e alegria nos outros. O nosso Padre dizia que, depois de uma confidência, quem a fez teria que sair sempre mais contente e com mais vontade de lutar. E isso depende muito de quem atende a conversa, do modo como sabe consolar, animar e exigir. Exigir não como se fosse um mandato, mas pondo diante a beleza pela qual vale a pena lutar.

Fazer com que a alma queira

São Josemaria repetia que «a função do diretor espiritual é ajudar a que a alma queira». Isto é, deve buscar-se com a oração, e também com o modo de dizer as coisas, que a pessoa não se sinta simplesmente obrigada, mas que realmente faça seu o que o Senhor quer dela. Logicamente, há coisas obrigatórias na vida, mas também as podemos fazer com liberdade. Como? Amando. Podemos amar o próprio dever. Estamos assim a amar a nossa vocação, a amar o espírito da Obra. E isto torna-nos livres, pois agimos não por mera rotina ou porque no-lo disseram, mas por amor a Deus. Porque a liberdade não consiste em fazer o que nos dá na gana (no sentido de não ter vínculos ou de passar por cima das nossas obrigações), mas sim em atuar porque nos dá na gana, por liberdade, porque realmente queremos fazê-lo.

É importante fomentar esta liberdade, que as pessoas façam as coisas porque querem, embora lhes custe ou haja temporadas em que se anda a contragosto. O nosso Padre dizia que «não é lícito pensar que só é possível fazer com alegria o trabalho de que gostamos». Pôr amor não significa que sintamos entusiasmo em tudo o que fazemos. Esta é uma realidade sobrenatural, mas também muito humana. Os pais sacrificam-se pelos filhos e fazem-no com alegria, também quando as coisas lhes custam ou exigem um grande esforço. Isso, que já é muito humano, eleva-se à ordem sobrenatural com a graça de Deus.

Também é lógico que ajudemos a que as pessoas, na medida em que delas depende, recebam bem a direção espiritual. E para isto, é necessário facilitar a sinceridade, tendo em conta que ninguém é obrigado a ser sincero na direção espiritual. É-se obrigado a ser sincero na confissão em matéria grave, mas na direção espiritual não se está obrigado moralmente a dizer as coisas. Deve fomentar-se muito a liberdade, e, ao mesmo tempo, a sinceridade, porque de contrário, a direção espiritual perde enorme parte da sua eficácia e do seu valor.

Como se facilita a sinceridade? Em primeiro lugar, nos meios de formação coletivos pode explicar-se o valor e a conveniência desta virtude. Na confiança, também se pode facilitar através de perguntas feitas com delicadeza, não como se fosse um interrogatório, mas fazendo ver que o que se deseja é ajudar a que a pessoa possa abrir-se com facilidade. Mas sempre, insisto, sem parecer que se lhe está a exigir que conte coisas, mas ajudando a que se abra. E isso consegue-se sobretudo com carinho e com oração. Muitas vezes pode ser que a alguém não custe falar de qualquer coisa, mas noutras ocasiões, sim, quer por ser um tema delicado, quer por falta de exame. Uma pergunta acertada e delicada pode ajudar a que a outra pessoa se conheça melhor. Se alguém nunca fala de um tema importante, pode perguntar-se-lhe: «Como está esse assunto?», mas sempre com a atitude de um irmão que quer ajudar, não julgar.

A direção espiritual é um instrumento de grande eficácia. Todos temos experiência de necessitar de alguém com quem desabafar e que nos diga as coisas. Pode acontecer que, com a passagem dos anos, já saibamos como resolver determinado problema. No entanto, precisamos de que outra pessoa nos projete um pouco de luz para o enfrentar. Por vezes, o mero facto de nos abrirmos e contar essa situação enche-nos de paz. Este é um exercício de humildade e também de fé, porque não confiamos em nós próprios, mas na ajuda que Deus nos dá através dessa pessoa.

[Voltar ao índice](#)

ARTIGOS E ENTREVISTAS

24. AGÊNCIA ZENIT. EM MEMÓRIA DA FIGURA DO DEFUNTO PAPA EMÉRITO, BENTO XVI (31/12/2022)

Com o falecimento de Bento XVI, deixa-nos um sacerdote, um teólogo, um bispo, um cardeal e um Papa que se via a si mesmo como “um humilde trabalhador da vinha do Senhor”. A par da nossa dor, é natural que demos graças a Deus pela sua vida e pelos seus ensinamentos. A última lição do pontífice alemão foi a discrição e sobriedade com que viveu desde 2013, em atitude de oração.

Desde que o conheci pessoalmente, em 1986, quando comecei a trabalhar como consultor da Congregação para a Doutrina da Fé, impressionou-me a sua disponibilidade para escutar toda a gente. Tive a oportunidade de estar a sós com ele em muitas ocasiões, tanto por assuntos da Congregação como por outras questões. Nesses encontros nunca era ele que dava a conversa por terminada, ou fazia notar que o esperavam outros assuntos. Era edificante apercebermos da grande consideração que tinha pelas opiniões dos outros, embora por vezes divergissem das dele. Podiam ser-lhe apresentadas com toda a tranquilidade opiniões contrárias e não se incomodava, mesmo que viessem de um interlocutor com menos idade, preparação ou experiência. O que realmente lhe importava era a verdade; daí ter gravado no seu lema episcopal umas palavras de São João: «*Cooperatores veritatis*» (3Jo, 8).

Era exemplar o seu amor à Igreja e ao Papa, que ia para além do afetivo. Recordo, por exemplo, quando Mons. Lefebvre aceitou o que lhe foi proposto e, pouco depois, voltou atrás. Perante isto, o Cardeal Ratzinger exclamou com tristeza: “Como é possível não perceberem que sem o Papa não são nada!”.

A sua humildade e o seu amor a Deus tornaram-no capaz de responder com um “sim” ao que o Senhor e a Igreja lhe pediam. É sabido que, em várias ocasiões, apresentou a sua renúncia a São João Paulo II, para que o substituísse por alguém mais jovem e com mais

vitalidade física. Ante a petição do Papa para que continuasse no cargo, o Cardeal Ratzinger não hesitou.

Pouco depois da sua eleição para a Sede de Pedro, contou que, quando faleceu São João Paulo II, pensou que já poderia retirar-se para a sua Alemanha natal para se dedicar à oração e ao estudo. Mas o Senhor tinha outros planos, e teve de escutar as palavras do capítulo 21 do Evangelho de São João: «Em verdade te digo: quando eras mais novo, tu mesmo te cingias e andavas por onde querias; mas quando fores mais velho, estenderás a mão e outro te cingirá e te levará para onde não queres».

Do mesmo modo, soube pôr-se de lado quando, na presença de Deus, viu que já não podia exercer adequadamente as exigentes responsabilidades inerentes à missão de sucessor de Pedro. Recebi a notícia da sua renúncia, como toda a gente, com um misto de pena e de carinho por este grande sucessor de São Pedro. Nos últimos meses vinha-se notando como iam diminuindo as suas forças físicas, mas não a sua lucidez mental e a sua serenidade de espírito, a sua simplicidade e a sua amabilidade.

Esse saber desaparecer, servindo a Igreja com a sua oração silenciosa, foi o traço característico destes últimos anos após a sua renúncia. Tive oportunidade de o visitar em várias ocasiões na sua residência nos jardins do Vaticano: notava-se que se interessava pelos outros e estava centrado na oração. Como ele próprio dizia, sentia-se um peregrino a caminho da casa do Pai, para o abraço de Cristo, objeto do seu amor e dos seus longos anos de estudo.

Nos seus quase oito anos de pontificado, Bento XVI deixou-nos um grande património espiritual e doutrinal, constituído pelas encíclicas *Deus caritas est*, *Spe salvi* e *Caritas in veritate*, bem como por numerosas exortações apostólicas e homilias. É imensamente rico o magistério realizado através das audiências das quartas-feiras, tal como o referente à Igreja, aos Apóstolos e aos Padres da Igreja, ou o ciclo de audiências sobre a oração, que constitui um tratado de grande beleza e profundidade sobre o diálogo com Deus.

Toda a sua vida poderia resumir-se numa preciosa frase que pronunciou na Missa do início do seu ministério petrino: «Não há nada mais belo do que deixar-se alcançar pelo Evangelho, por Cristo». Para ele, a felicidade «tem um nome, tem um rosto: o de Jesus de Nazaré, oculto na Eucaristia».

Bento XVI conduziu a barca da Igreja pelo mar da história com os olhos postos em Jesus Cristo, nos «dias de sol e de brisa suave, dias em que a pesca foi abundante, e também nos momentos em que as águas se agitavam, o vento era contrário e o Senhor parecia estar a dormir». Mas ele sabia que a barca era de Cristo.

Bento XVI foi «uma dessas luzes próximas, pessoas que iluminam refletindo a luz de Cristo, oferecendo orientação para as nossas vidas», como expressou de forma tão bela na encíclica *Spe Salvi*.

O seu trabalho na vinha da Igreja tê-lo-á feito merecedor das amorosas palavras de Cristo: «Vem, servo bom e fiel; entra na casa do teu Senhor».

[Voltar ao índice](#)

25. LA RAZÓN. POR OCASIÃO DO FALECIMENTO DO PAPA EMÉRITO BENTO XVI (05/01/2023)

Pensa que a História acabará por fazer justiça a Bento XVI, ultrapassando as questões que o perseguiram até agora?

As manifestações de afeto que houve no ano de 2013, no final do seu pontificado e agora, depois do seu falecimento, são expressão da marca profunda que deixa em milhões de pessoas. Além disso, nos seus quase oito anos de pontificado, Bento XVI deixou-nos uma pregação muito extensa, que constitui um grande património espiritual e um ensinamento pastoral de grande beleza e profundidade, que ajudou e ajudará a orar, a pensar a fé, a viver a caridade e a gerir melhor as relações humanas, pessoais e sociais. Penso que o conjunto dos seus escritos e o seu magistério serão no futuro fonte de inspiração para muitos crentes e inclusive não crentes.

Para si, Bento XVI não foi apenas um Papa, mas também alguém com quem manteve um convívio próximo. Que recorda dessa etapa de trabalho em conjunto?

Desde que comecei a colaborar como consultor da Congregação para a Doutrina da Fé, em 1986, chamou-me a atenção a sua amabilidade e a capacidade para escutar todos. Ainda que ele não presidisse à reunião dos consultores, tive oportunidade de estar a sós com ele bastantes vezes; nunca era ele a dar por terminada a conversa; nunca fazia notar que o esperavam outros assuntos. Tinha em grande consideração as opiniões dos outros, sobretudo se eram diferentes das suas. Era muito fácil expor diante dele pareceres contrários e não se aborrecia, mesmo que viessem dum interlocutor com menos idade, preparação ou experiência. O que realmente procurava e lhe interessava era a verdade, não o seu critério pessoal.

Qual lhe parece ser o melhor ensinamento magistral que o Papa emérito deixa, aplicado ao carisma do Opus Dei?

Vem-me muitas vezes à cabeça aquela afirmação na Missa de início do seu pontificado: «Não há nada mais belo do que deixar-se alcançar pelo Evangelho, por Cristo». É como um resumo do que deveria ser a vida dum cristão, dum católico e, portanto, de qualquer pessoa do Opus Dei. Como a Bento XVI lhe agradava recordar, a felicidade tem um nome e um rosto: o de Jesus de Nazaré, oculto na Eucaristia. Para todos os católicos do mundo, penso que outra lição importante é a do seu amor à Igreja e ao Papa, que se tornou evidente nestes últimos anos em relação ao seu sucessor, o Papa Francisco. Já contei noutras ocasiões que, quando Monsenhor Marcel Lefebvre aceitou o que se lhe propôs e pouco depois voltou atrás, pude presenciar a expressão que saiu da alma, com pena, ao cardeal Ratzinger: «Como é que não se dão conta de que sem o Papa não são nada!»

Os grandes títulos têm destacado o legado teológico de Joseph Ratzinger. E como Pastor? O que destacaria nele?

Salientaria a sua humildade e o seu amor ao Senhor, que o tornaram capaz de responder com um «sim» ao que Deus e a Igreja lhe pediam em cada momento, com simplicidade, mas, ao mesmo tempo com determinação e fidelidade; por exemplo, quando se manteve à frente da Congregação para a Doutrina da fé, a pedido de São João Paulo II, ou quando, depois do falecimento do Pontífice, pensou que já poderia regressar à sua Alemanha natal para poder dedicar-se à oração e ao estudo. Mas o Senhor tinha outros planos...

Tem-se contraposto com frequência a figura de Bento XVI à de Francisco, falando inclusive de rutura. Concorda com esta visão?

Cada Papa, cada pontificado, tem o seu próprio estilo. Essa diversidade é uma riqueza num sentido amplo, através duma plena e evidente continuidade em tudo o que é essencial no que é fundamental na Igreja católica. Bento XVI soube pôr-se de parte quando assim lho ditou a sua consciência, servindo a Igreja e o Papa com a sua oração silenciosa. E há poucos dias, o próprio Papa Francisco recordava numa entrevista, que o visitava frequentemente e saía edificado com o seu olhar transparente, a sua contemplação e

bom humor e que admirava a sua inteligência e a sua elevada vida espiritual.

[Voltar ao índice](#)

26. MUNDO CRISTIANO. “UM MOTIVO DE AÇÃO DE GRAÇAS” (ABRIL DE 2023)

É motivo de ação de graças poder celebrar o sexagésimo aniversário do nascimento da revista *Mundo Cristiano*, que esteve ininterruptamente presente nas casas de muitas famílias durante estas seis décadas. Publicou artigos sobre muitos acontecimentos da atualidade, notícias sobre livros, cinema, espetáculos, teatro, música... Não se limitou a informar, mas também soube orientar e apresentar propostas culturais nestas áreas, numa perspetiva coerente com a fé católica. Na realidade, tem informado, educado e entretido ao longo dos anos com caráter jornalístico e sentido cristão.

Como é conhecido, foi criada por incentivo de São Josemaria Escrivá, fundador do Opus Dei, para ser uma publicação com princípios evangelizadores e apostólicos. O iniciador da revista, Javier Ayesta, e o primeiro diretor, Jesús Urteaga, aceitaram a sua proposta, no início dos anos 60, para criar uma publicação generalista com inspiração cristã. É bonito ver como *Mundo Cristiano* continua com o mesmo projeto com que começou. Mas é ainda mais notável ver o bem que este trabalho tem feito ao longo dos anos.

Penso em tantas famílias, escolas e diferentes associações, onde jovens e adultos cresceram e amadureceram com um exemplar da revista em cima da mesa ou na estante, que os ajudou a ter uma visão sobre questões importantes da atualidade, focada na verdade e na defesa da liberdade.

Ao reconhecer o bem que a revista tem feito, é justo destacar, em primeiro lugar, o esforço da editora *Palabra* que desde que comprou o título à extinta editora SARPE – no final dos anos 70 – tem dinamizado a publicação da revista.

Em segundo lugar, o trabalho profissional dos jornalistas e de outros trabalhadores, que dedicaram as suas energias e a sua paixão

à realização de uma revista que estivesse à altura do objetivo proposto. Em terceiro lugar, por muitas razões, a fidelidade dos assinantes, que tornaram esta iniciativa uma realidade.

É obrigatório agradecer a todos eles e, em primeiro lugar, a Deus, que – na sua Providência – permitiu que este importante serviço se desenvolvesse ao longo de tantas décadas. Rezo agora para que *Mundo Cristiano* continue a navegar neste apaixonante mar dos *media*, com o objetivo de continuar a orientar, formar e divertir milhares de famílias; uma nobre tarefa sempre necessária.

[Voltar ao índice](#)

27. EL PAÍS SEMANAL (26/08/2023)

Transcrevemos seguidamente a entrevista concedida a Daniel Verdú no dia 27 de junho de 2023. Vários excertos do texto e a conversa foram publicados na edição de El País Semanal de 26 de agosto de 2023.

Que é hoje o Opus Dei e como se está a adaptar às mudanças que a sociedade tem vindo a incorporar na vida das pessoas?

Hoje, como desde que começou a existir em 1928, o Opus Dei é uma pequena parte da Igreja, formada por homens e mulheres que procuram seguir Jesus Cristo no seu trabalho, na sua família, na sua vida quotidiana. Quando esta fé é autêntica, converte-se num testemunho cristão, numa catequese que se soma à que realizam as paróquias e tantas outras instituições e pessoas da Igreja.

Sobre o tema da mudança, diria que as pessoas do Opus Dei vivem no meio da sociedade e, portanto, são também agentes dessa permanente mudança. Partilham das alegrias e das penas dos outros e, como os outros, sofrem as contradições do mundo de hoje, em que há avanços e retrocessos.

No trabalho diário, encontro frequentemente notícias de todos os continentes, tanto positivas como sobre sofrimentos produzidos por doenças, injustiças, conflitos familiares, laborais, económicos... Também o experimento nas viagens fora de Roma.

Os primeiros cristãos são um exemplo de como adaptar-se às circunstâncias de tempo e lugar: com liberdade e fidelidade criativa.

Certamente, muitas coisas mudaram no Opus Dei nos seus quase cem anos de história, mantendo o essencial, quer dizer, o espírito. O Opus Dei, pensemos, por exemplo, de 1940, estava centrado em Espanha e com um número muito reduzido de membros; agora, em 2023, está presente em 68 países, com um carisma encarnado em diversos lugares e culturas.

Como pensa que o Opus Dei é entendido hoje, especialmente na sociedade espanhola, onde há um imaginário mais consolidado.

Creio que há diversidade. A maior parte das pessoas que conhecem a Obra tem apreço por nós. Especialmente quando conhecem os trabalhos que se fazem: sociais, de educação, de serviço... Quando conhecem pessoas individualmente, porque as realidades são as pessoas. Mesmo quando pensam de outro modo. Mas depois há outros ambientes em que pode haver mais crítica, quer seja por preconceito (não no mau sentido), mas por uma conceção que se tem da história da Igreja e do seu papel no mundo que pode levar a uma valorização não positiva. Compreende-se que haja aspetos que não encaixam no modo de pensar de algumas pessoas. Mas é isso o pluralismo. O importante é o respeito: podemos sempre colaborar.

Nos últimos anos, o Opus Dei tem tentado mudar essa tônica com a transparência?

A transparência é fundamental. Porque não há nada a ocultar. E também porque essa é a tendência da cultura atual: tudo o que não é transparente parece misterioso.

Como gostariam de ser vistos?

Gostava de que fôssemos vistos como semeadores de paz e alegria: como pessoas com quem é fácil cultivar a amizade e que, com a sua fé, desejam melhorar a sociedade; como cristãos orientados para o serviço; como homens e mulheres acolhedores, que dão esperança, de mentalidade aberta.

Naturalmente, os erros e as incoerências pessoais fazem parte da vida. Também por isso as críticas ajudam a melhorar, quando têm fundamento e partem do conhecimento da realidade.

Gostava de que se percebesse melhor a variedade das pessoas do Opus Dei do ponto de vista social e cultural. Por vezes, põe-se o foco numa pessoa de destaque público, e não noutras cem que têm dificuldades para chegar ao fim do mês. Em alguns casos, fez-se do

Opus Dei uma leitura estereotipada, baseada em clichés, que não ajudam a compreender uma realidade mais ampla e plural.

Também gostava que se compreendesse ainda mais que as pessoas do Opus Dei são livres e responsáveis. Os seus méritos ou erros na atuação profissional, ou na vida civil, por exemplo, devem ser atribuídos a ele ou a ela, como sucede com qualquer outro católico. As opiniões e decisões de um político de esquerda ou de direita são suas e só suas, não atribuíveis à Igreja nem a uma instituição; são realidades que se movem em planos diferentes. Historicamente, este mecanismo de atribuir a atuação pessoal à pertença a um caminho espiritual tem favorecido equívocos que se prolongam até hoje.

Como interpretaram a mudança de vínculo com a Santa Sé promovida pelo Papa através do motu proprio Ad charisma tuendum? O Papa afirma que procura que a autoridade da organização esteja mais “baseada no carisma do que na autoridade hierárquica”.

Na Igreja, carisma e hierarquia complementam-se, não são dois termos alternativos, mas complementares. Os carismas têm a sua razão de ser no serviço que prestam ao conjunto da Igreja. Daí que, para os difundir na Igreja e no mundo, se costumem traduzir em realidades institucionais.

O discernimento dos carismas compete à autoridade da Igreja, e o Opus Dei tem dependido da autoridade da Igreja em cada um dos seus passos institucionais. Com a reforma da cúria, o Papa Francisco tem promovido mudanças em numerosas instituições e organismos para favorecer uma evangelização mais dinâmica. Esta é a finalidade do *motu proprio* que mencionou. Por isso, estamos a trabalhar para responder fielmente a esta petição do Papa, sabendo, para citar um exemplo, que o essencial não é que o Prelado use ou não cruz peitoral, mas que os fiéis do Opus Dei e outras pessoas possam viver plenamente este carisma dentro da Igreja.

O papel do Opus Dei com a Santa Sé será redefinido depois deste motu proprio do Papa?

O que o Papa pediu no *motu proprio* era algo bastante concreto. Realizou-se um congresso para contar com o parecer de todo o mundo nessa petição. Haverá alguns retoques interessantes, mas que não afetam as questões substanciais do carisma do Opus Dei. Agora não podemos concretizar, porque está nas mãos do Papa e não seria correto falar.

Então esta petição parece-lhe algo mais formal?

Sim e não. As principais mudanças (por exemplo, muda o organismo da Santa Sé com competência para as prelaturas pessoais) afetam a parte organizativa, não a substância do Opus Dei. E, ao mesmo tempo o documento papal exorta a reforçar o substancial: promover o carisma do Opus Dei para aumentar o dinamismo evangelizador.

A medida não dilui a especificidade da Obra dentro da Igreja católica? Também se pode considerar isto como um elemento positivo?

Permita-me que discorde amavelmente. A especificidade do Opus Dei assenta no carisma ou espírito, mais do que na sua “roupagem jurídica”. No seu núcleo, encontra-se a chamada universal à santidade através do trabalho e das realidades correntes da vida. O Papa, em *Ad charisma tuendum*, refere-se a esta mensagem como um “dom do Espírito recebido por São Josemaria”, quer dizer, como um carisma. Repito: esta é a especificidade realmente relevante. De facto, com este *motu proprio*, o Papa Francisco confirma a bula *Ut sit*, com que João Paulo II erigiu o Opus Dei em prelatura: modifica dois aspetos acidentais e confirma o carisma essencial.

Característico do Opus Dei é um rasgo tão corrente como o trabalho: a relevância do trabalho como lugar de encontro com Deus, quer seja em *Silicon Valley* ou nos subúrbios de Kinshasa, quer seja trabalhando como maquinista no metro de Madrid ou como

professor ou professora numa escola da periferia de qualquer metrópole.

Além disso, o Opus Dei não deseja ser uma exceção dentro da Igreja. As suas propostas jurídicas procuraram a fórmula que mais se ajustasse à realidade de uns leigos que, devido a uma chamada vocacional e com o atendimento pastoral dos sacerdotes, querem seguir Cristo no espaço das realidades familiares, laborais, sociais, etc., no âmbito das suas respectivas Igrejas particulares. O facto de que até agora haja uma única prelatura pessoal pode ter sido entendido como algo "excepcional", mas não é certamente o caso: pelo contrário, penso que seria muito bom que houvesse outras prelaturas pessoais que contribuíssem para a evangelização de numerosos âmbitos especialmente necessitados de inspiração cristã.

Muitos veem na decisão do Vaticano a eliminação de um privilégio, um certo rebaixamento e um gesto de uma Igreja mais progressista para com um mundo mais conservador. De um velho conflito entre jesuítas e Opus Dei.

Fizeram uma pergunta semelhante ao Papa Francisco, e destacou que era uma interpretação mundana, alheia à dimensão religiosa. Penso que demasiadas vezes se tende a uma leitura da realidade em termos de poder e polarização, com grupos que se opõem e não se entendem. Contudo, na Igreja a lógica que deve imperar é a do serviço e da colaboração. Remamos todos na mesma barca, abertos a ser ajudados para melhorar.

Sobre o velho conflito que menciona, pessoalmente posso dizer que sou antigo aluno do colégio da Companhia de Jesus em Madrid, e estou muito agradecido pela formação e exemplo que recebi dos jesuítas.

Qual é o desenho dos estatutos que enviaram ao Papa e como trabalharam nesta questão? Que mudará de agora em diante?

Em abril, como lhe dizia, realizámos em Roma um congresso geral do Opus Dei, em que foi delineada uma proposta de ajustamentos dos Estatutos, de acordo com o pedido expresso do

Papa, para ser entregue à Santa Sé. Nesta tarefa guiaram-nos dois critérios fundamentais: a fidelidade ao carisma de São Josemaria e a adesão à vontade expressada pelo Santo Padre. Como o Papa pedia no *motu proprio*, procurou-se exprimir com mais clareza a dimensão carismática do Opus Dei, que se vive e realiza em comunhão com as Igrejas particulares e com os bispos que as presidem. Mas compete à Santa Sé a aprovação e promulgação dessas alterações, por isso é lógico que não acrescente mais detalhes.

O Opus Dei teve um papel de protagonista na Espanha das últimas décadas: na política e na economia. Como define a Espanha atual?

Duas coisas. Uma, é que a Obra como tal não influiu na política. Sim, podem tê-lo feito algumas pessoas do Opus Dei que, com plena liberdade, pensam e atuam como quiseram, como qualquer outro católico. Depois, devo dizer que, estando aqui em Roma, não o sigo muito de perto. Mas vejo algumas questões importantes, por exemplo no plano da liberdade de educação, que criaram uma situação complicada, como acontece noutros sítios. O importante é que todos saibamos conviver. É necessário colaborar mais para difundir um ambiente de convivência. Cada um tem de defender as suas ideias, mas não atacando as pessoas que pensam o contrário.

Então, sentiu falta de maior liberdade?

Há em Espanha uma certa radicalização das oposições. Algo que em Itália acontece menos. Tem a ver com o carácter.

Não lhe parece que em Espanha talvez não se tenha separado bem a religião e a política?

É difícil avaliar. É difícil julgar com a mentalidade atual uma época do passado, é preciso ter uma perspetiva histórica muito aguda. Se não, facilmente se criticam situações passadas que nesse momento não eram tão negativas. Agora seriam, mas então talvez não. E não por relativismo, mas porque as circunstâncias muitas vezes determinam a mentalidade das pessoas e os modos de funcionar.

Estão a preparar o centenário do Opus Dei. Que contributo dará o Opus Dei à sociedade nos próximos anos?

A que as pessoas vão dar individualmente. A Obra promove-se através das pessoas. O Opus Dei, como tal, não faz muitas coisas: a sua principal atividade é dar formação cristã às pessoas. E depois as pessoas tomam as iniciativas sociais que entendam oportunas. Como será? É isso, vai depender das pessoas. Espero que a substância não mude e que se adapte à realidade de cada momento. É preciso adequar-se às necessidades do momento.

Nos últimos tempos, mudou na sociedade a perceção dos abusos cometidos no seio da Igreja. Como se vê na prelatura do Opus Dei este assunto tão importante?

É algo muito triste. Além de sublinhar como estos abusos e delitos são lamentáveis (um só já causa muita dor!) gostaria também de salientar o trabalho realizado nos últimos anos pelo Papa e pela Santa Sé, através de determinações concretas e claras: hoje, graças a Deus, a Igreja universal e a maior parte das instituições da Igreja contam com protocolos e diretrizes para erradicar e combater eficazmente esses abusos, que deixam feridas profundas e por vezes insanáveis.

Os protocolos da prelatura, por exemplo, são de 2013 e eu mesmo os atualizei em 2020. São um instrumento para gerar consciência dos direitos e necessidades dos menores e das pessoas vulneráveis, e evitar assim qualquer risco de exploração, abuso sexual ou maus-tratos em todas as atividades que se levam a cabo nos centros da Prelatura, e que desejamos que inspirem também todas as atividades que se desenvolvem nas instituições que recebem algum tipo de apoio pastoral por parte do Opus Dei.

Devido aos mistérios da natureza humana, este tipo de instrumentos (na Igreja e na sociedade) não são um seguro de que nunca vá acontecer nada de mau, mas contribuem evidentemente para criar uma nova cultura e uma referência clara: quem comete um crime deste tipo, agora sabe o que o espera.

Também por motivos compreensíveis, a opinião pública deu muito relevo a esses abusos na Igreja, quando é algo muito mais generalizado na sociedade. Há setores sociais em que esta triste e lamentável realidade está mais difundida. Casos concretos com sacerdotes são muitos, mas comparados com os milhares e centenas de milhares de sacerdotes que têm gastado a sua vida a trabalhar são proporcionalmente poucos. Mas sim, é preciso combatê-los com todos os meios possíveis.

[Voltar ao índice](#)

28. AGÊNCIA ECCLESIA (08/11/2023)

Teve oportunidade de dizer que, em Portugal, se sente “em casa” e não de visita. Como vê a realidade do Opus Dei no nosso país, o seu contributo para a Igreja e a sociedade portuguesa?

Sinto-me “em casa” porque já estive muitas vezes em Portugal – também a rezar em Fátima – e porque no Opus Dei há muitas portuguesas e portugueses. O Opus Dei está em Portugal há mais de 75 anos, e os seus membros procuram ser, na Igreja e na sociedade, fermento na massa. Em que sentido? Não no sentido de se sentirem especiais, mas no sentido de viverem a mesma vida que todos os outros, em união afetiva e efetiva com Jesus Cristo, como filhos de Deus pelo batismo.

É esta a sua vocação eclesial. É claro que é importante que haja leigos que se dediquem a atividades e serviços próprios da pastoral eclesial. Mas para a grande maioria dos leigos isso não é possível nem desejável. Deus espera dos leigos um diálogo permanente de amor em casa, na vida de casal, no cuidado dos filhos, nas preocupações económicas, no local de trabalho, no empenho em causas sociais e culturais, no desporto, nos *hobbies*, no mundo da arte, etc. Não se trata de uma relação com Deus de tipo intimista, sem consequências externas, mas de uma relação que leva a identificar-se cada vez mais com Jesus Cristo e, como Ele, a dar-se à própria família, aos amigos e vizinhos, aos colegas de trabalho.

Em agosto, recebemos a edição internacional da JMJ. Acredita que foi uma oportunidade para dar a conhecer carismas como o do Opus Dei e gerar uma renovada mobilização evangelizadora, entre as novas gerações?

Felicito os portugueses pela forma como organizaram tão bem a JMJ. A satisfação do Papa e de muitas pessoas que partilharam a sua experiência desses dias é prova disso.

É certo que devemos valorizar o novo impulso que uma JMJ traz a muitos caminhos da Igreja, incluindo o Opus Dei. Mas, mais do que isso, a JMJ foi, acima de tudo, um momento em que Jesus Cristo se tornou presente de uma forma especial e desvelou o seu rosto simultaneamente amável e exigente. Foi comovente ver Jesus Eucarístico ser adorado em silêncio por tantos jovens no Parque Tejo. Foi também impressionante ver as filas pacientes de cerca de dez mil jovens que queriam receber o sacramento da penitência no Parque do Perdão.

O trabalho com os jovens, especialmente os universitários, continua a ser uma prioridade?

Antes de dizer que sim, deixem-me recordar que a prioridade é chegar a todos, sem excluir ninguém. Cada pessoa é preciosa e única aos olhos de Deus. Devemos ter pressa, uma pressa serena, para não deixar ninguém sem a possibilidade de conhecer Jesus Cristo, com a ajuda da nossa oração, do nosso trato, da nossa amizade sincera.

Por seu lado, os jovens, para além de serem o presente da Igreja, são também, de modo especial, o seu futuro. Em todos os mares da história, Jesus continua a passar pela margem à procura de jovens pescadores de homens: para caminhar com Ele e para os enviar ao mundo inteiro.

A maioria dos jovens sentirá a atração de Deus na vocação matrimonial, mas alguns experimentarão que Deus os atrai para uma relação exclusiva no celibato, aberta ao serviço de todos. É frequente associarmos o celibato à vida sacerdotal e religiosa, não sem razão. No entanto, vale a pena recordar que, desde o tempo dos apóstolos, Deus também chama ao celibato na vida laical, com base apenas na consagração batismal.

Os universitários, além disso, têm uma chamada especial para encontrar formas de harmonizar a fé com a cultura e a ciência, de modo que a fé possa informar eficazmente a vida social.

A prelatura vive um momento de mudança, sabemos que iniciou os trabalhos com o Dicastério para o Clero, a fim de preparar a

proposta de modificação de estatutos ao Papa. Como se estão a viver estes momentos?

Procuramos seguir as disposições do Santo Padre com sincera obediência filial, e com o desejo – como o próprio Papa Francisco recordou – de que sirvam para reforçar os aspetos essenciais do Opus Dei, que estão contidos no seu carisma. Foi o que pedi expressamente em várias mensagens dirigidas às pessoas do Opus Dei: que estivessem muito unidos, precisamente nesta obediência sincera, seguindo o exemplo de São Josemaria e dos seus dois primeiros sucessores. É o Espírito Santo que guia a Igreja. Por isso, estes são também tempos para viver com paz e serenidade.

Alguns membros da prelatura manifestaram questões e inquietações sobre este tema, nos media e redes sociais, nem sempre no tom mais pacífico, por assim dizer. Entende estas manifestações, especialmente as que falam em ataques? Teme uma instrumentalização do Opus Dei para alimentar oposições ao pontificado?

É compreensível que surjam perguntas, dúvidas e preocupações, também por causa de certas interpretações que foram publicadas, de cariz mundano, como se se tratasse de “ganhar ou perder poder”, coisa que na Igreja não faz sentido. Na minha primeira carta como prelado, escrevi: “fazer crescer o apreço mútuo entre os fiéis da Igreja, e entre os mais variados agrupamentos que possam existir, faz parte da nossa missão na grande família dos filhos e filhas de Deus”. E citei uma frase do fundador: “o principal apostolado que nós, os cristãos, temos de realizar no mundo, o melhor testemunho de fé é contribuir para que na Igreja se respire o clima de autêntica caridade”.

A este propósito, recordei uma ou outra vez o exemplo que vi no então cardeal Ratzinger, cujo amor pela Igreja e pelo Papa, forte e fundado na fé, ia para além da emoção. Num momento delicado para a unidade da Igreja, então posta em causa por alguns, ouvi-o dizer do fundo do coração: “Como é possível que não se apercebam de que sem o Papa não são nada!”.

A relação dos leigos com a Obra poderá mudar? Este “chamamento vocacional específico” terá de encontrar um estatuto teológico-canônico próprio, na Igreja?

Na Igreja, primeiro é a vida, depois a norma: isto é, usando as palavras do Papa Francisco, a realidade é superior à ideia.

No coração de São Josemaria, Deus depositou a semente de uma mensagem. Que mensagem? A da redescoberta do valor vocacional da vida corrente dos fiéis: Deus confiou aos homens a tarefa divina de construir o mundo (a família, o bairro, o trabalho, o progresso, as artes, a diversão) como filhos de Deus em Jesus Cristo.

Dentro da inspiração fundacional, esta mensagem devia ser proclamada e vivida com um espírito concreto, com a ajuda de uma instituição, o Opus Dei. E esta instituição foi, desde o início e com crescente desenvolvimento ao longo do tempo, uma família no Povo de Deus, formada por mulheres e homens, leigos e sacerdotes, com unidade de vocação, de formação e de espírito, com uma ação complementar e não concorrencial com a das dioceses e paróquias, permanecendo os seus membros leigos plenamente fiéis das suas dioceses e paróquias. Por isso, esta realidade é anterior ao enquadramento canônico, e é a razão de ser do Opus Dei.

Este momento pode ajudar a recuperar o carisma originário, proposto por São Josemaria Escrivá?

Não se trata de o recuperar, porque não é algo que se tenha perdido ou desvirtuado, mas de aprofundar e de continuar no esforço por viver com fidelidade. Neste sentido, esperamos responder ao apelo do Santo Padre: cuidar do carisma do Opus Dei, para o sabermos levar para o futuro com a mesma frescura com que São Josemaria no-lo transmitiu. Ou seja, que nos empenhemos mais em “difundir o chamamento à santidade no mundo, através da santificação do trabalho e das ocupações familiares e sociais” (*motu proprio Ad charisma tuendum*).

A minha última pergunta é sobre o Sínodo dos Bispos. Que contributo espera dos membros da Obra, neste processo?

A primeira contribuição é a oração pelo Sínodo, e, por oração, entendo também o cumprimento dos deveres quotidianos, realizados o mais perfeitamente possível dentro das limitações pessoais. Juntamente com isto, muitos membros do Opus Dei estiveram envolvidos nas várias etapas do processo sinodal, especialmente a nível diocesano e nacional. Além disso, procuramos sintonizar com o desejo profundo do Papa para o Sínodo, ou seja: mostrar que a responsabilidade de fazer avançar a Igreja não é exclusiva dos bispos, dos sacerdotes ou dos religiosos, mas de cada um e de cada uma dos batizados, “caminhando juntos”. A missão de evangelização e a busca da santidade pessoal são da responsabilidade de todos, cada um com as suas possibilidades pessoais e limitadas.

[Voltar ao índice](#)

SOBRE

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2024

[**www.opusdei.pt**](http://www.opusdei.pt)

Consulte a lista completa de ebooks gratuitos